

25 depoimentos  
25 histórias  
muitas emoções

VOLUME II



e-Editora

O Volume II da coletânea  
*Avós & Netos* é uma iniciativa  
da e-Editora, Negócio de Impacto  
Social surgido em 2020, com o apoio  
da Unibes Cultural, e que tem o  
propósito de ouvir a população que  
mais viveu nas nossas cidades, a  
turma da faixa de 80+.

Assim como os nossos e-books, que  
retratam inicialmente os bairros  
da cidade de São Paulo, neste livro  
aproximamos gerações e  
intensificamos  
os relacionamentos familiares.

Temos a honra de contar com o  
prefácio de Bruno Assami, diretor-  
executivo da Unibes Cultural, polo  
de cultura, empreendedorismo  
criativo e de causas sociais.

Alberto Guedes, Guenther Sommer e Sueli Mello

Coordenação editorial

avisos &



netos



Volume II

e-Editora

# Avós & Netos Volume II

Copyright © 2022 e-Editora

1ª edição

## *Autores*

Albina Escobar, Alice Bites, Beth Bansi, Celia Morato Gagliardi, Celia Wolff, Celina de Arruda Leite Sundfeld, Celso Joppert Gomes de Sousa, Cida Cardoso, Diego Liguori, Dilza Maria Franchin, Diva Maria Tammaro de Oliveira, Fernando Mauro Marcilio, Francisco Miragaia Peruzzo (Tito), José Carlos Pereira Costa, Marcia Soares, Marco Antonio Barros Teixeira, Maria do Carmo Marini, Maria Teresa Hellmeister Fornaciari, Myrian Becker, Regina Abbud, Shirley Cupolillo, Silvana Maria Fernandino, Siomara Kogan, Tânia Veiga Hjertquist e Valdecy Chaves Pinto.

## *Coordenação editorial*

Alberto Guedes, Guenther Sommer e Sueli Mello

## *Revisão*

e-Editora

## *Capa, projeto gráfico e diagramação*

Sônia Regina Pedro

## *Impressão e acabamento*

Forma Certa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Avós e netos : vol II / coordenação Alberto Guedes , Guenther Sommer , Sueli Mello. -- São Paulo : Rosa Maria Rodrigues Nuovo, 2022.

Vários autores.

ISBN : 978-65-00-38781-0

1. Avós e netos 2. Família 3. Memórias autobiográficas 4. Intergeracionalidade 5. Netos e avós.  
I. Guedes, Alberto. II. Sommer, Guenther. III. Mello, Sueli.

22-99816

CDD-920

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Memórias autobiográficas 920  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

## **Notas:**

1. A e-Editora respeitou o estilo de cada autor dos textos publicados neste livro.
2. Todas as fotos são do acervo dos autores, exceto se houver outra indicação.
3. As opiniões expressas nos textos dos autores não refletem necessariamente a posição da e-Editora.

Impresso no Brasil  
2022

[www.e-editora.com.br](http://www.e-editora.com.br)



# Agradecimentos

Este livro não teria sido feito sem o apoio da

Unibes Cultural

e a participação de todos os colaboradores da e-Editora,

Claudia Montanari,

Rosa Maria Castello

e Maria Inês Fernandes Carvalho.





# Apresentação

## Ao sul de Istambul, a leste de Budapeste

Você pode iniciar sua viagem sob o Sol de Oslo, na Noruega, ou às margens do rio Madeira em Porto Velho, Rondônia. Se preferir, pelo A de Santo André (ABCD, SP) ou pela longínqua e cosmopolita Sidney, Austrália. Talvez prefira passar primeiro por Limeira (SP) e depois em Buenos Aires, Argentina, ou então fugir do frio da Suécia em Santa Rita de Cássia, Bahia. Faça sua escolha!

Alguns dos autores deste livro, seus filhos e netos viajaram milhares de quilômetros ao redor do mundo, em busca de trabalho, sonhos, possibilidades de novas vidas. Muitos se instalaram ou ficaram alguns meses com algum objetivo específico. Outros sempre viveram a pouco metros de seus parentes.

Lembramos que tivemos cerca de 5 mil visitantes e 250 participações no lançamento do Volume I dos *Avós & Netos*, no Facebook e Youtube pela plataforma da Unibes Cultural. Tamanha demanda trouxe-nos de volta. Neste segundo volume da Coletânea *Avós & Netos*, publicado pela e-Editora, também testemunhamos grandes prazeres e estranhamentos com a descoberta do mundo, da natureza, da linguagem, dos números, dos seres humanos. Corações que se expandem em todas as direções do amor e da cumplicidade.

Bruno Assami, diretor-executivo da Unibes Cultural, escreveu em seu prefácio à página 7 que “a aproximação entre avós e netos permitiu a redescoberta de ligações afetivas que unem gerações no tempo e no espaço através da literatura”. Literatura? Sim, e em muitos momentos de ótima qualidade, embora muitos dos autores tenham se aventurado na arte da escrita pela primeira vez.

São relações que envolvem um mínimo de três gerações em espaços que podem variar entre poucos metros a milhares de quilômetros de distância. Cabe muita história, muito afeto e muita emoção nesses limites “sem fim”.

Sabemos que uma das questões mais sensíveis dos próximos anos no que se refere ao desenvolvimento humano é a intensificação das relações intergeracionais, dado o crescimento exponencial da população idosa no mundo. Este livro, parte dos propósitos da e-Editora, é uma semente nessa direção.

Convidamos você, leitor, para uma emocionante imersão nesse vasto mundo de histórias e intimidades.

Boa leitura!

**Alberto Guedes**  
**e-Editora**





## Prefácio

A e-Editora tem como iniciativa principal recuperar a memória de São Paulo por meio das histórias de quem mais viveu nela, os cidadãos 80+. Começa pelos bairros e vai do local para o global, a cidade. Desde seus primeiros momentos recebeu a parceria da Unibes Cultural, que identificou nela ações de estímulo às relações intergeracionais, comunitárias, ao cuidado com o entorno e com o meio ambiente, e ao sentido de pertencimento.

Mesmo com os contratempos impostos pela pandemia do Covid-19, o primeiro e-book, do Sumaré, está com suas entrevistas com idosos, moradores ou que trabalharam no bairro, praticamente finalizadas. Entre as dificuldades para a produção editorial, umas das maiores tem sido o levantamento do acervo de fotos pessoais devido aos protocolos de distanciamento social. Mesmo assim, na sequência planejada virão os e-books do Bom Retiro, Ipiranga, Marsilac e Vila Maria.

A coletânea *Avós & Netos*, agora em seu Volume II, reforça os objetivos da e-Editora. O lançamento da primeira edição, em março de 2021, teve a visitação de mais de 5 mil internautas no YouTube e Facebook pela plataforma da Unibes Cultural. Agora, mais uma vez, a aproximação entre avós e netos permitiu a redescoberta de ligações afetivas que unem gerações no tempo e no espaço através da literatura. Alguns autores aventuraram-se pela primeira vez na escrita; outros, são verdadeiros artistas das palavras. Descubra-os! As surpresas dessa relação não poderiam se esgotar nesta série, que vem apenas atiçar corações e mentes para novas empreitadas. Quem sabe, até, em forma de *Netos & Avós*.

Parabéns aos autores e autoras!

**Bruno Assami**  
Diretor-Executivo  
Unibes Cultural



## Sumário

<b>ALBINA</b> Escobar.....	9
<b>ALICE</b> Bites .....	13
<b>BETH</b> Bansi .....	17
<b>CELIA</b> Morato Gagliardi.....	22
<b>CELIA</b> Wolff .....	26
<b>CELINA</b> de Arruda Leite Sundfeld.....	30
<b>CELSO</b> Joppert Gomes de Sousa.....	35
<b>CIDA</b> Cardoso.....	39
<b>DIEGO</b> Liguori.....	43
<b>DILZA</b> Maria Franchin.....	47
<b>DIVA</b> Maria Tamaro de Oliveira .....	51
<b>FERNANDO</b> Mauro Marcilio.....	56
Francisco Miragaia Peruzzo <b>(TITO)</b> .....	61
<b>JOSÉ CARLOS</b> Pereira Costa.....	66
<b>MARCIA</b> Soares .....	71
<b>MARCO ANTONIO</b> Barros Teixeira.....	76
<b>MARIA DO CARMO</b> Marini .....	81
<b>MARIA TERESA</b> Hellmeister Fornaciari .....	85
<b>MYRIAN</b> Becker .....	89
<b>REGINA</b> Abbud .....	94
<b>SHIRLEY</b> Cupolillo .....	99
<b>SILVANA</b> Maria Fernandino .....	103
<b>SIOMARA</b> Kogan.....	107
<b>TÂNIA</b> Veiga Hjertquist.....	110
<b>VALDECY</b> Chaves Pinto .....	115



## ALBINA Escobar



### Avós e netos ou netos e avós?

A princípio não sabia como ou por onde começar meu relato. Falava de mim como neta ou como avó?

Decidi começar como neta porque sempre tive uma grande admiração por minha avó materna. A avó paterna eu não conheci. Então não sei o que falar sobre ela e as memórias de meu pai também eram escassas porque ele era criança quando ela faleceu. Minha admiração por minha avó, Albina, que também é minha madrinha, sempre foi relacionada às histórias que minha mãe contava sobre ela, até porque minha avó nunca foi alguém de alardear os seus dons ou feitos. A imagem que tenho dela sempre foi a de uma senhora baixinha e calada, mas tinha um riso aberto e um olhar amoroso. Adorava cravos, que eram enormes, vermelhos e perfumados. Ainda posso vê-los em caixotes de madeira na entrada da casa - mas fora do alcance das mãos, principalmente mãos de crianças.

Lembro-me de uma travessura minha com relação às suas flores. Eu devia ter uns 5, talvez 6 anos quando decidi levar umas flores para minha professora. Onde iria pegar as flores? O lugar mais óbvio era o local onde minha avó tinha uns crisântemos plantados. Achei que, como eram muitas flores, ela não iria dar falta. Fiquei calada, não contei para ninguém, não disse o que tinha feito porque no meu entender não era uma coisa tão ruim. Afinal, eu tinha cortado algumas flores para levar para a professora e ainda ficaram muitas. Na minha ideia de criança, ela não iria notar a falta de algumas. À tarde escutei minha avó reclamando que alguém, não sabia quem, tinha cortado as

flores que ela cuidava com tanto esmero. Fiquei petrificada. Contava a verdade e levava uma bronca? Ou será que, se eu contasse a verdade, ela ia entender que eu não tinha feito nada de “muito errado”. Só tinha esquecido de contar para ela. No final, eu contei e claro que minha avó não me deu nenhuma bronca. Disse apenas que não precisava fazer isso, deveria tê-la avisado. Mas não ia ficar brava comigo.

Fiquei sem ver minha avó durante pelo menos 12 anos porque quando eu tinha nove anos de idade, meus pais decidiram imigrar para o Brasil. Meu pai, na verdade. Minha avó e meus pais são portugueses. Eu também. Por conta disso, minha mãe e eu moramos com a vovó durante um mês, esperando meu pai se organizar, arrumar uma casa para nós morarmos e essas coisas que você precisa quando deixa seu país.

Quando me formei na faculdade, decidi viajar, fazer alguns cursos fora. Fui ver minha avó. Queria matar as saudades, rever os lugares que me lembrava da infância e para usufruir do colo dela. Constatei que apesar de ela não ser uma companhia boa para passear, devido à idade bem avançada, era a mesma pessoa. O mesmo modo de vestir, as mesmas rugas, a mesma avó! O tempo não havia passado, com exceção da casa que não era a mesma. Lembro de várias histórias em que minha avó é a protagonista, mesmo tendo vivido com ela durante apenas 10 anos.

Meu padrinho, filho mais novo dela e irmão mais novo da minha mãe, também emigrou, coisa bem comum na época. Ele foi para Alemanha junto com esposa e os filhos ficaram morando com minha avó em Portugal, em um bairro a quatro ou cinco quilômetros do centro da cidade do Porto. Minha avó tomou conta dos quatro netos, duas meninas e dois rapazes. Os meninos ficaram com ela mais tempo porque eles eram menores, mas minhas primas se juntaram aos pais logo que eles se organizaram.

Os familiares contam muitas histórias sobre ela e uma delas é bem engraçada. Reza a lenda que um rapaz da vizinhança fez algum tipo de gracinha (hoje seria caso de assédio mesmo) a uma de minhas primas, que contou para minha avó. Quando minha avó encontrou o rapaz, fez um belo sermão. Há quem diga que ela chegou a “dar uns petelecos” nele e o colocou no devido lugar. O fato de as meninas estarem com ela, sem os pais por perto, não lhe dava o direito de falar ou fazer o que quisesse, afinal. Depois disso, dizem que esse rapaz atravessava a rua sempre que via minha avó. Mais por medo, eu acho, do que por respeito. Essa era minha avó, uma mulher que ficou viúva com filhos pequenos e precisou trabalhar para sustentá-los. O marido dela ficou doente, “entrevado” como ela dizia, e as economias foram usadas no

tratamento. Sua situação financeira ficou bem difícil, mas ela não se deu por vencida.

Da primeira vez que voltei e vi a casa onde ela morava e onde morei por um mês com minha mãe até embarcarmos para o Brasil, tudo me pareceu tão menor. A fachada da casa era a mesma, da maneira que me lembrava, mas as ruas eram estreitas, muito estreitas. O desenho que se formava na configuração das ruas parecia um T, só que não tinha a mesma dimensão das minhas lembranças. Mas minha avó e a imagem que tinha dela, e a pessoa que reencontrei era a mesma!

Eu sempre digo: “Quero ser metade da mulher que ela foi”. Era uma mulher honesta e íntegra, com pouca educação formal, mas com muito carinho e com muita sabedoria.

O tempo passou, eu casei, tive filhos... Pensei que nunca seria avó, já que meus filhos não mostravam grande interesse. De repente, um de meus filhos, Felipe, surge com a novidade. Eles estavam grávidos! Não foi um descuido, não. Eles haviam planejado cuidadosamente ter o bebê que estava a caminho e demoraram algum tempo para contar à família. Queriam ter certeza que tudo estava bem antes de dar a notícia. Fiquei em choque! Era o tipo de notícia pela qual eu realmente, não esperava. O que ia acontecer? Eu já estava conformada e acomodada com a ideia de não ser avó.

Quando a notícia foi dada eu fiquei totalmente sem rumo. Se pudesse descrever aquele momento, eu diria que parecia o Tio Patinhas andando pela sala em círculos (literalmente), só não fiz o rastro no chão. Não sabia dizer exatamente como me sentia; se estava tonta, fora de mim pela felicidade ou pela ansiedade ou pelo medo que tinha do novo. Não esperava mais por isso e não sabia exatamente como me comportar. Perguntaram se eu estava feliz. Sim, claro que estava. Mas, como tinha acontecido? Todas as perguntas idiotas que possam ser feitas, eu fiz, mas para mim mesma.

E ele nasceu! Nasceu para alegria de todos. Veio antes de uma viagem a trabalho que eu tinha agendado. A pandemia obrigou todos a ficar encarcerados. Ver meu neto sem poder pegar no colo foi difícil. Mas como nada é para sempre, as visitas voltaram. Foi maravilhoso acompanhar o crescimento, cada sorriso novo, cada movimento. Aos nove meses, começou a dar os primeiros passos. De repente, ele andava sozinho, corria pela casa, tropeçava nos brinquedos, caía, levantava. Cada dia tinha uma novidade. Como as visitas não eram diárias, podíamos nos ver graças às mídias sociais e ele logo aprendeu a distinguir minha voz.

Agora percebi que ser avó pode ser fisicamente cansativo, mas

é extremamente prazeroso. O grau de felicidade que não pode ser comparada à felicidade dos pais quando veem seus filhos começar andar, balbuciar as primeiras palavras. Dizem que ser avô é melhor porque você não precisa se preocupar com a educação. Você só precisa aproveitar. Eu aproveitei os fins de semana que passamos juntos. Cada semana que passa, ele quer mais coisas: sentar no banco da frente do carro, ligar o veículo, abrir o portão para passear. Quer também parar em todas as casas que têm cachorro, e fica tão feliz e agitado, dando gritos, gargalhando tanto com os latidos que alguns cachorros se assustam. Tenho várias imagens dele desde que começou a andar, antes do primeiro Natal em família. Gosto de festejar, arrumar a casa com enfeites natalinos, juntar os amigos mais queridos. Ele queria abrir todos os presentes. Entregava para a tia e pedia para ela abrir.

A princípio, Nicolas teve medo do Papai Noel. Não que tivéssemos contratado uma pessoa para isso, mas porque eu ganhei de uma amiga um Papai Noel de meio metro, que toca o sino e canta uma musiquinha de Natal. Acredito que a imagem daquele velhinho se movendo, cantando e tocando sem abrir a boca foi demais para alguém de 1 ano e um mês. Hoje ele já se acostumou e sabe que é só uma figura. Aprendeu a brincar com “Noel”, a segurá-lo no colo. Não que o segure por muito tempo, apenas porque ele prefere brinquedos que ele possa arrastar pelo chão, puxar por um barbantino. Brinquedos de montar, encaixar, e depois derrubar para começar de novo. O bom é que ele arruma a bagunça que faz. Agora, no momento em que escrevo essas histórias, ele gosta de balbuciar o som das músicas que mais gosta. E lá vamos nós, passeando ao ritmo de alguma música que fica entoando, apesar de ele não saber a letra.

Um dos momentos mais gratificantes foi vê-lo brincar de esconde-esconde pela primeira vez. Na verdade, se escondia só atrás da porta de vidro da sala e beijava o vidro como se beijasse a tia que estava do outro lado. A alegria esfuziante, as risadinhas, os pulos estão gravados na memória e em vídeo.

Adoro ouvir a voz dele dizendo: “vovó, vovó, vovó...”




---

**Albina** Escobar é autora de livros didáticos, professora e treinadora de professores. Formada em Letras pela PUC-SP, curso de extensão pela FGV-SP, e possui vários certificados internacionais de inglês. Atua no conselho administrativo da BRAZ-TESOL, a maior associação de professores de inglês no Brasil, entidade que também presidiu. Nunca se aventurou em escrever uma história que não tivesse um propósito didático.



## ALICE Bites



### Avó em tempos de pandemia

Família grande é assim, cada dia cresce mais; além dos netos, vêm os bisnetos. Assim está acontecendo comigo.

Minha primeira neta chegou em 1999, Viviane, a neta que considero filha, pois ajudei a meu filho a cuidar dela e ela passou a me chamar de mãe. Ela casou-se... Porém, antes, tudo parecia discreto. Os encontros foram acontecendo e, em meio ao isolamento do Covid1-19, intensificaram! (risos). As coisas foram se encaminhando rapidamente e, quando pensei que não, já veio o anúncio do matrimônio. Com uma cerimônia simples, poucos convidados devido à pandemia. Mas foi tudo registrado, com muita alegria. Ganhei mais um neto, o Kaynã. E um genro, que é muito cuidadoso com minha neta/filha, gosta de estar em nosso meio, nos apresentou a família dele, que também é festeira e demonstra gostar da Vivi.

Com os tempos modernos, surgem novas formas de contar sobre o crescimento da família. As descobertas de meus últimos netos foram com emoção diferente, com direito a encenação, vestes especiais e enfeites. Era o “Chá de Revelação”. Os outros eu não sei, mas eu acho uma graça, e me emociono toda vez que vai nascer mais uma criança. Adoro as formas variadas de contar se é menino ou menina.

Meu filho primogênito vai ser avô. A alegria reina com a chegada de novos integrantes à família. Transparece nos olhinhos dos meus netos mais novos, que estão curiosos para saber como será e quando chegará

esse bebê. Sabemos que será no início de 2022<sup>1</sup>. O João Lucas (meu neto de 4 aninhos) perguntou sobre o filho da Vivi (minha primeira neta): “Vovó, o filho da Vivi vai ser meu primo também?” Antes mesmo de eu terminar de explicar, ele saiu correndo, dizendo: “Entendi!” Acho incrível o interesse dele, mesmo quando só quer ouvir o sim ou não.

Certa vez, a Vivi olhou para mim e disse: “Acho que o mais difícil vai ser ensinar ao meu filho as tradições da família.” E eu respondi: “O Théo (meu bisneto) vai aprender assim como você, na convivência. Se vivenciar os costumes com ele, ele aprende; se você se afastar, agir de maneira diferente, essas práticas serão esquecidas ou ridicularizadas, assim como na reclamação de alguns parentes que pouco participam de nossos encontros.” Ela fez um ar de alegria e fala que ama estar em nossas reuniões.

O Heitor, meu segundo neto, veio conversar comigo sobre nossa forma de interagir. “Vó, eu acho normal os nossos costumes, mas os meus amigos dizem que é careta pedir a benção dos pais.” Então eu perguntei a ele: “Mas você quer continuar ou quer parar de fazer isso?” E ele disse: “Vou continuar sim vó, eu gosto.” Então eu completei: “Saiba que continuar nossas tradições vai depender de você e dos que estão crescendo. A satisfação em cada momento faz a diferença. Pois mesmo sendo uma coisa presente em nossa família tem o risco de se perder. Isso será algo que só depende dos futuros pais.”

Como comentei na primeira edição<sup>2</sup> da coletânea *Avós & Netos*, em minha família todos buscam incentivar os netos e sobrinhos uns dos outros sobre a importância do respeito e de serem unidos. Creio que alguns costumes contribuem para manter nossa união. Somos atualmente 189 integrantes a partir de papai e mamãe. Nosso encontro anual faz a diferença em nossas vidas. É um meio para manter acesa a “nossa Luz” e aumentar a harmonia, presentes também em nossos pequenos encontros.

Os netos sempre foram assunto para alegrar esses momentos. Mesmo com todas as dificuldades da pandemia, a família se manteve unida, ainda que virtualmente. A felicidade por estarmos juntos e a esperança na continuidade dessa união nos sustenta. Faço questão de lembrar que os encontros virtuais diminuíram um pouco a distância um do outro e até descobrimos coisas não ditas antes, presencialmente.

Não canso de dizer que meu porto seguro é a família, e que os

---

1 N.E. O fechamento deste livro foi em janeiro de 2022.

2 N.E. Publicada por esta mesma e-Editora, em 2021.



netos são minha alegria de viver. Em especial depois do surgimento da pandemia. Alguns assuntos nos deixam melancólicos, como a perda de familiares para a Covid. Meu irmão caçula, no dia 30 de março de 2020, e também um tio e uma sobrinha. Isso afetou muito o meu lado emotivo. Contudo, quando a tristeza bate forte, o neto no colo vem me alentar. De fato, essa pandemia mudou o jeito “normal” de viver. Mas, ainda assim, buscamos forças para seguir em frente.

Da minha imensa irmandade, somos 22, com exceção dos quatro mais novos, todos são avós. Portanto, o que não falta entre nós é assunto sobre netos. Estar com meus netos é de fato minha inspiração de vida. Muitas vezes eles passam horas comigo, seja para estudar ou apenas uma carona para voltar da escola. Mas o bom mesmo é quando eles dormem na minha casa. Assim temos tempo para ver vídeos, brincar de pega-pega, esconde-esconde (essa é a brincadeira preferida dos menores, como sempre foi, desde minha primeira neta). Cada dia percebo que o sentido da vida está em quem vem depois de nós.

O Heitor, 15 anos, vai ser tio. Ele é um adolescente com várias ações de homem crescido. Sempre que vou brincar de caixeta com o pai dele, ele joga conosco. O garoto gosta de imitar o pai, mas anda mais junto com a mãe, minha nora Jaqueline, que é uma lutadora da educação formal. O Heitor já fala em namorada, mas o que ama mesmo é computador.

O neto Arthur é filho do meu filho do meio e da Flaviane, minha norinha. Eles têm quatro filhos: Arthur, Pedro Henrique, João Lucas e Isaac. Lembro com carinho do quanto foi importante cuidar do Arthur pequenino, quando a minha mamãe havia partido para eternidade, pois aí tive um alento, um neto para cuidar. Olhar para os netos é uma mostra real que a vida segue. O tempo foi passando, mas ainda hoje o Arthur gosta muito de ficar comigo. Não quero ser injusta com os outros, que também gostam de vir para minha casa.

O Pedro Henrique tem uma peculiaridade: ama usar anel e gosta de mostrar os brinquedos diferentes e falar dos personagens. O João Lucas é um menino muito carinhoso e sapeca. Às vezes mostra ciúmes dos outros netos, mas logo supera fazendo algum tipo de brincadeira. Quando nasceu o Isaac, cheguei a pensar que ele fosse dar trabalho pelos ciúmes do colo, mas a mãe e o pai conduziram a situação muito bem e ele gosta de ajudar a cuidar do irmãozinho. O Isaac é uma fofura, quando ele chega à atenção de todos é só para ele.

Minha neta Maria Antonia agora já sabe ler, mas o que gosta mesmo é de pintar. Eu amo seus desenhos, chego a acreditar que ela será uma artista famosa. Ela e o irmão João Miguel formam uma dupla

inseparável. Incrível o cuidado de um com o outro. Mérito do pai e da mãe. As aulas online facilitaram uma viagem deles. Nunca tinha me dado conta de quanto a internet seria benéfica em nossas vidas. Ela, agora mais do que nunca, é nossa aliada, tanto para as aulas, como para falar com os netos. As avós aprendem com os netos e vice-versa e pegam gosto pelas novas tecnologias. Em especial dos que ficaram presos em suas próprias casas. Eu, muitas vezes, tive convivência com os netos tão somente por meio remoto. E como foi bom ver as crianças e os adultos evoluírem com o manuseio das ferramentas virtuais.

Minha nora, Crislane, viajou para Porto Velho, com meu casal de loirinhos. Foram visitar os parentes maternos. Ambos me ligam, contam várias histórias e todas as vezes querem falar via vídeo, pois adoram mostrar as coisas que estão fazendo ou presentes que ganharam da irmã mais velha, a Cristiele, que me chama de tia Alice. Não vejo a hora do retorno dos meus netos!

Às vezes minha casa se assemelha a uma creche, de tantas crianças. Nesses momentos as regras são colocadas para conciliar os gostos e também para manter a ordem, tipo: terminou de brincar, guardar os brinquedos. É verdade que nem sempre funciona... (risos). Às vezes é necessário dividir as brincadeiras, a TV e os celulares. Elas nunca foram tão úteis como agora na pandemia. Não vejo o tempo passar. E mesmo o cansaço é superado pelo carinho delas, que me enche de alegria.

Sempre gostei de manter brinquedos, tabuleiros de jogos infantis, jogos de memória, bola e bicicleta, para mesclar com as brincadeiras. Uma das regras com os netos é não permitir que um implique com o outro. A penalidade é a perda de direito de escolher o desenho ou joguinho.

Enfim, quando estou com os netos, faço questão de esquecer o mundo lá fora. Eles são o meu mundo e merecem toda a minha dedicação. Principalmente nesse momento ímpar que vivemos.




---

**Alice** Bites nasceu no Cedro, Trindade, Goiás, e mora em Valparaíso, região metropolitana do Distrito Federal. É avó de oito netos, um bisneto, tem três filhos e três noras. Alice é ativista nas lutas comunitárias, professora, escritora, historiadora com especialização em História Cultural pela Universidade de Brasília, pedagoga, psicopedagoga e educadora popular.



# BETH Bansi



## Por enquanto, uma quase avó

Este texto antecipa um fato que vai ocorrer só depois deste livro ficar pronto. Mas enquanto escrevo, não temos como mudar seu rumo e seu tempo.

É muito engraçado o que o tempo faz com nossa vida. Às vezes os dias passam tão rápido que nem nos damos conta. Às vezes contamos os dias para que algo aconteça logo. Como uma criança que espera a chegada do Natal...

Sim. É exatamente assim que estou agora: esperando a chegada do Natal, contando os dias, aguardando ansiosamente. Mas o meu “natal” é o dia da chegada do primeiro ser que vai nascer do ventre da minha filha única.

### 1. Só a notícia

Sentimentos confusos, entre amar o que está por vir e não se conhece e relembrar o amor nascido há tantos anos, quando a maternidade bateu à porta. Não há como separar aqueles momentos vividos destes que estão por vir.

Quando a Giuliana deu sinais de que queria nascer, ao sair pela porta da sala rumo à maternidade, pensei: “a partir de hoje terei alguém com quem me preocupar, alguém para ensinar, orientar, ver crescer e deixar seguir seu caminho”. Tudo a seu tempo. Mas ela nunca deixará de estar

em mim. De hoje até o último dia da minha vida a razão de viver tem nome. E assim foi e vai continuar sendo. Acho que essa é a melhor parte da maternidade: preencher um espaço enorme em nosso coração com preocupações, alegrias, tristezas, broncas, risos, gargalhadas, muito amor, infinito amor.

Giuliana é filha única e se casou com um filho único, o Flavio. Núcleo familiar enxuto, mas rodeado de outros familiares e amigos que estão sempre presentes. Não ter tios e primos não será problema para meus netos. Os encontros familiares, festas e comemorações estarão sempre lotados de pessoas amorosas e receptivas.

Enquanto vamos refletindo acerca da vida, ela vai seguindo seu rumo. Tudo está completo, todos estão felizes. Não sentimos falta de nada quando tudo vai bem.

E um dia, de repente (sempre será “de repente”, mesmo que todos estejam esperando), chega a notícia pela tela da TV: “você serão avós!”. Mesmo com fotos e textos explícitos, demorou para cair a ficha. Depois vieram os abraços, lágrimas, parabéns. Brindemos!

Agora eu sei: foi a maior emoção da minha vida. Um misto de “minha filhinha vai ser mãe” e “esse é o caminho natural de sobrevivência de toda família”.

A vida está sempre se renovando; há um milagre acontecendo: todos os dias nascem milhares de crianças. Mas quando esse milagre acontece na nossa família, os sentimentos e reflexões são bem distintos. Em breve, teremos uma vida independente sendo rodeada de cuidados e mimos, chamando a atenção, aprendendo, tendo vontades e desenvolvendo sua personalidade. E sabemos que essa personalidade será formada ao longo do tempo por um conjunto de características herdadas, outras aprendidas e outras desenvolvidas a partir do conhecimento e da reflexão acerca da vida.

Tenho ainda algum tempo para sonhar e esperar. Por enquanto, só a notícia, a emoção e a expectativa. E, claro, a vontade de entrar nas lojas de roupas e brinquedos para bebês.

## **2. O dia a dia**

Nos últimos meses, o tempo, que passa rápido demais, ficou lento, lento... Avó de primeira viagem quer ver barriga crescendo e mexendo. Mas tive de esperar o tempo certo. Enquanto aguardava, diferentes

sentimentos povoaram minha mente. Será menina ou menino? Mas nada importava mais do que saber que seria uma criança saudável e feliz. E tenho sonhado muito com o primeiro sorriso, o olhar, a primeira palavra, os passeios, enfim, tudo de bom que há de chegar. Devaneios de avó.

### 3. A escolha do Universo

Voltemos aos sentimentos, às notícias que nos desestabilizam de tanto amor... Esse pequeno detalhe em que um “a” ou um “o” é o limite de tudo. Tanto faz ter um neto ou uma neta, mas o momento dessa revelação é muito esperado. Eu acredito que o Universo faz suas escolhas e o que tem de ser, será. E as pessoas vão vivendo a vida sem se dar conta de que tudo no Universo tem um propósito. E não saberemos nada mais além disso.

Quando fiquei grávida da Giu ainda não era comum saber o sexo antes do nascimento. E eu não quis saber mesmo. Mas nossa intuição dizia que seria um menino. Até que um dia meu pai comentou que havia sonhado que estava sob uma cerejeira com sua netinha no colo. E ele afirmou categoricamente que todos nós estávamos errados. Eu teria uma menina. E só ele acertou. Essa história ficou comigo durante todo esse tempo porque eu queria entender o significado da cerejeira no sonho de meu pai.

Mesmo com tantos mistérios, acredito que a complexidade da vida até que é simples – ou será o inverso? Chega de filosofar e vamos aos fatos. Coração pulsando forte para a esperada notícia: serei avó de uma menininha!!!

### 4. Julia ou Júlia

Por enquanto concluo que a única escolha possível para quem está do lado de fora da barriga da mamãe é o local do nascimento e o nome da criança. Após os pais concordarem na escolha, a princípio essa nova pessoa vai carregá-lo por toda a vida, gostando ou não. É o seu primeiro documento. E esse é o nome pra quem eu já posso rezar todas as noites e ficar imaginando as carinhas, os processos, os detalhes.

De origem greco-latina, Júlia (com acento porque as paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas) significa “cheia de juventude”. Esse nome foi comum na França e na Itália, no século

XVI, nas formas Julie e Giulia, respectivamente. Na Inglaterra, sua popularidade maior foi no século XVIII e, na Irlanda, no século XIX. Entre as meninas nascidas em 2011, Júlia foi o nome mais escolhido. Pelo censo de 2010, o Brasil tinha 431.842 Júlias, 0,24% da população. Em São Paulo, 128.014. Isso são apenas números. Cada Júlia ou Julia (sem acento, é assim que os pais decidiram) é única, com suas características genéticas, físicas, psicológicas e espirituais.

## **5. Tecnologias...**

Um dos exames que geram maior ansiedade nas mães e pais de primeira viagem é a ultrassonografia “morfológica”. Por meio desse exame, os médicos conseguem fazer uma avaliação de cada detalhe da nova vida que está se formando, medem as estruturas e analisam o peso e o crescimento do bebê. Assim, é possível saber se tudo está acontecendo conforme o esperado. Além disso, é possível enxergar o bebê em 3D pelo monitor. São emoções novas que não existiam antigamente. Esse procedimento acalma o coração de toda a família, mas aumenta a ansiedade de ver esse novo ser humano que está se formando. Ao ver imagens feitas pela ultrassonografia fiquei imaginando um anjo barroco de igrejas mineiras se desenvolvendo no ventre da minha filha. Um anjo aguardando seu tempo para virar gente.

## **6. E a cerejeira?**

A cerejeira é um símbolo tipicamente japonês. Os japoneses costumam aguardar ansiosamente a florada das cerejeiras, no final do inverno e início da primavera, entre fevereiro e março, com festas em todo o país.

A Julia vai nascer em fevereiro. Durante a florada das cerejeiras no Japão. E, coincidentemente, ela é descendente de japoneses por parte de pai. Será que o sonho do meu pai foi um lindo presságio? Pode ser. Ou teria sido coincidência mesmo. Mas no quarto da Julia uma linda cerejeira em flor a espera.

## **7. A barriga cresce, mas o livro não espera...**

Passei minha vida toda lendo originais e cobrando textos de autores de livros infantis e juvenis. Essa é minha profissão: sou editora. E a

maior preocupação sempre foram os prazos... Estar deste outro lado agora, e não poder esperar para incluir a foto da Julia, é torturante. Mas a emoção de ver a linda barriga da Giu e a Julia dando seus pulinhos é especial. De qualquer forma, eu não conseguiria mesmo expressar aqui o sentimento de ver o rostinho da minha neta pela primeira vez. Então, o ponto final deste texto será no 7º mês de gestação. Uma narrativa incompleta de uma história que está apenas começando. Uma história que já se inicia com muito amor, zelo, alegria e esperança de dias felizes.

Julia, você já é muito amada. Venha, arrase, vire esse mundo de ponta-cabeça, faça a diferença, lute e vença! Seja feliz sempre, minha netinha!

(Este texto foi escrito entre julho e dezembro de 2021. Julia vai nascer em fevereiro de 2022.)

*Represento aqui os meus sentimentos e os dos avós Lena e Moacir, pais do Flavio, que também estão na maior expectativa. Irineu, avô posticho, segue acompanhando as ansiedades desta avó. E tenho certeza de que o vovô João estaria em lágrimas, emocionado, se ainda estivesse entre nós.*



---

**Beth** Bansi esteve envolvida com livros durante a vida toda. Primeiro, como leitora, depois, no primeiro emprego, como revisora de uma pequena editora na Mooca. Continuou sua carreira profissional como editora e coordenadora editorial. E continua até hoje entre os livros. A oportunidade de publicar um texto próprio neste momento mágico da vida está sendo uma grande alegria.



## CELIA Morato Gagliardi



### Colcha de retalhos

*Feita com amor,  
vestida de carinho.  
Sempre presentes,  
netos adoráveis.*

*Alegrias bordadas,  
pontinhos de tristezas.  
Supera o passado,  
contempla o futuro.*

*Neta bonita,  
cuida de todos.  
Vasos e plantas,  
verde esperança.*

Sempre troco mensagens com Lica, neta querida de 24 anos, quase pedagoga e mestra em afetos. Nesta triste temporada do Covid 19, ela me telefona e pergunta: “Quem limpa a casa da vó?” Agradeço e lhe digo que –mesmo com 84 anos e morando sozinha– ainda posso fazer o necessário para conviver com as necessidades onde moro, e me distrair lendo, escrevendo, vendo TV e me atualizando na internet. Como guerreira que é, Lica está sempre presente nos movimentos sociais onde aprende a importância de se buscar uma vida digna para todos. Com a companhia



do namorado, participa de instituições que ajudam desabrigados e desempregados. Sua extrema sensibilidade a transforma em presença suave e delicada por onde passa e deixa amores, amigos e carinhos.

*Neto longe,  
saudosos encontros.  
Cartas antigas,  
modernos celulares.*

Gui, 28 anos, recente mestre pela Universidade Columbia, em Nova York, agora mora e trabalha em Washington. Estudou muito para chegar até lá e para mim é extremamente reconfortante vê-lo feliz e realizado. Sou sua grande incentivadora deste contato que tem tido com jovens do mundo todo, interessados no estudo e na pesquisa. Quem diria que este moço resolvido, certo dia, na carona diária no retorno da escola, me pergunta: “Vó, hoje tive aula sobre os ‘zipertóides’. Você os conhece?” Percebendo seu engano, próprio de seus 10 anos, respondo: “Conheço só os espermatozoides. E posso lhe explicar.” Agora longe, vejo seu sorriso e participo de sua alegria no vídeo do celular. Seu violão sempre o acompanha lembrando amores, cores, flores e praias do Brasil tropical.

*Escolas e cursos,  
notáveis encontros.  
Avó e neto,  
décadas a ensinar*

Bruno, de longos e encaracolados cabelos, 25 anos, professor de Geografia, se identifica comigo, professora aposentada de História. Temos longos papos sobre alunos e escolas que passaram por mim e agora são seu exercício diário. Durante algum tempo viajou pelo novo e velho continente, graças em parte às habilidades de exímio lavador de pratos. As viagens o ajudaram a descobrir os segredos da geografia e sua interligação entre homem e natureza. Além de geógrafo, é excelente professor no difícil cotidiano das salas de aula. Guardo delicioso bilhete que me escreveu: “Você sempre me motivará na carreira, a mesma escolhida por você”.

*Tuca menina,  
seis anos vividos.  
Nascida em Salvador,  
baiana querida.*

Dezoito anos separam a pequena Tuca de Lica, a anterior neta caçula. Eu não estava mais acostumada a ser avó, quando numa madrugada de fevereiro recebo o delirante telefonema: “Nasceu!” Tem luz, tem vida, chora e brilha nos braços de pai e mãe. Não tenho com ela uma convivência maior como tive com outros netos, mas fotos, vídeos e viagens contemplam a possível proximidade. Vê-la engatinhar, andar, falar e reinar sempre foram momentos adoráveis, mesmo à distância. Ela fala e me encanta: “Gosto muito de você.” Pergunta e quer resposta: “Por que seus cabelos são brancos?” Respondo: “Porque sou velha.” Ela fica indecisa, não entendendo o que significa. Adora brincar de cabana, requisitando da mãe lençóis e colchas para que seu pai ajude a construir os sonhos de suas bonecas encantadas.

*Zeca recém engenheiro,  
antigo músico feliz.  
Fim da Covid  
espera acontecer.*

Ele tem 25 anos, cabelos compridos, tratados, acaba de comprar nova bateria. Está feliz, excelente músico que é. O Covid 19 frustrou sua formatura em Engenharia Ambiental e a possibilidade de continuar seus estudos fora do Brasil. Foram grandes os desafios para todos que viram sua jornada escolar interrompida. Zeca interage com a internet, procura emprego, aperfeiçoa seu inglês e aprimora seus conhecimentos de música. Tece as oportunidades futuras na esperança de continuar seus estudos. Em férias, foi excelente companheiro em viagem de navio, me alegrando e divertindo seu avô nas maquininhas do cassino. Tinha muita sorte e o tilintar de fichas caindo era constante e aplaudido. Vaidoso, sempre tem um look exclusivo com sua coleção de cachecóis e bonés. Tem torcida da família para que logo possa unir seus conhecimentos de engenharia e música em estudos avançados.

*Bonita moça,  
gosta do calçadão.  
Bem conhece  
a praia e o mar.*

Luli, 25 anos, morou algum tempo a beira mar. Aprendeu a curtir a natureza e entender as mudanças da vida com o ir e vir das ondas. Bem resolvida, hoje mora sozinha e seu apartamento está enfeitado com vasos e flores. Ótima companheira, aguardo seu telefonema na sexta-feira quando pergunta: “Vó, vamos tomar um Aperol?”. Respondo: “Venha querida, para colocarmos a prosa em dia.” O papo rola noite

adentro, notícias e novidades são contadas assim, como boas lembranças rememoradas do passado. Na sua profissão, Relações Públicas, faz amigos e conquista elogios. É também doceira e aceita encomendas para imbatíveis brownies e biscoitinhos que derretem na boca. Esportista dedicada, frequenta academia, faz caminhadas e até pratica box. Tudo para ter uma vida alegre e saudável. Barzinhos e baladas? Sim... quando o Covid acabar.

*Neto decano,  
38 anos tem.  
Trouxe alegria,  
encantos também.*

Leo nasceu antes das fraldas descartáveis, da babá eletrônica e de tantas outras novidades. Eu só soube que era menino quando a luz acendeu na sala de espera da maternidade. Quanta alegria poder dividir com sua mãe mamadeiras, sopinhas, roupas lavadas e passadas, junto com outros cuidados. Cresceu cercado pela família onde seus progressos, brincadeiras e reações eram admiradas. Muito esperto e curioso, seus estudos o levaram até a Faculdade de Propaganda e Marketing. Ótimo fotógrafo, adora clicar momentos oportunos onde divulga belezas e outros encantos necessários ao bem viver. Hoje, em união estável com uma bela e delicada morena, participa dos cuidados da casa, da cachorra e de três gatas. Sua vida é repleta de carinhos e solidária com amigos, parentes e todos que o procuram.

*Sete netos,  
uma avó feliz.  
Sete histórias  
vivas e contadas*

Uma pergunta indiscreta: Quando serei bisavó?




---

**Celia** Morato Gagliardi nasceu em 1937. Professora de História, graduou-se na PUC-SP e fez Pós em História Social na USP. Lecionou em escolas públicas e faculdades privadas. Fez extensão universitária em "Fragilidades da Velhice" na PUC-SP, cursos e oficinas no Espaço Longevidar, do Portal do Envelhecimento. Atualmente participa dos Encontros Literários das "Janelas para o Mundo" e clubes de leitura. Aos 84 anos, cuida de si mesma com independência, desenvoltura e redescobriu as delícias de estudar e escrever. Considera-se uma eterna aprendiz.



**CELIA** Wolff



## Vovó maluquete

Aprendi com o Lucca, meu primeiro neto, hoje com 22 anos, que desde pequeno me pedia:

– Vovó me conta uma história? Mas não a do livro, me conta uma história da tua vida!

Até hoje me emociono ao lembrar desse pedido simples, que tinha uma força muito grande, mobilizando meu íntimo, meu ser mais profundo! Então, contava como havia sido minha infância no interior de São Paulo. Lembrei-me das viagens da pequena Paraguaçu Paulista até Assis, onde meus avós maternos residiam. Viagem curta, mas sempre cheia de aventuras pela estrada de terra, poeirenta.

Com o Lucca resgatei muitas memórias como músicas, brincadeiras de roda, barra manteiga, esconde-esconde, as bolinhas de gude (que até hoje são minha paixão), fizemos estilingues de forquilha de árvores e usávamos bolinhas de mamona como munição. Ensinei-o a quebrar ovos para fazer omelete, a acender fósforos, fazer fogueira, acender lareira, soltar bombinhas, a brincar sem brinquedos usando um galhinho de árvore para conduzir o barquinho de papel ou folhas secas na enxurrada da rua. Um dia, enquanto esperávamos o atendimento do ortodontista, o Lucca me disse que nunca esqueceria dessas brincadeiras, que mesmo quando grande lembraria e faria sempre!

Juntos passamos muitas férias num condomínio à beira da represa de Itupararanga, entre as cidades de Ibiúna e Piedade, no interior de

São Paulo. Lá ele conheceu as festas juninas, quadrilha e os toques de berrante, além de música ao vivo. O Lucca estava acostumado a passar finais de semana comigo, em Ibiúna. Quando chegávamos, pedia para comprar bombinhas. Naquela época eu tinha uma SUV com porta-malas grande e lá costumava levar o Lucca. Dizia que era uma televisão e ele prestava uma enorme atenção na paisagem. Ah, que deliciosos passeios fizemos. Ele gritava feliz:

– Eu sou o rei do mundo!

Durante o dia ele se divertia nos grupos de recreação do condomínio. Eu também fazia muitas brincadeiras para que não sentisse saudades da mãe. A hora do banho era uma farrá. Para sair da água eu inventava um “lava-rápido”, para enrolar a toalha no corpo dele.

Muitas vezes eu ia buscar o Lucca na escola e o levava para minha casa. Ele adorava apertar o botão do elevador! Como não conseguia alcançar então eu o suspêndia. Depois se esticava na ponta do pé até não precisar mais de ajuda.

A escolha de um instrumento musical, bem como a opção por uma modalidade esportiva, é muito enfatizada na escola. E reforçada pelos pais que treinam diariamente e apoiam os filhos a se preparar nas modalidades escolhida.

Foi com a vovó que ele se machucou pela primeira vez! Preciso dar dois pontinhos no queixo! Tempos depois, outro acidente, não gosto nem de lembrar! Ouvi o grito e um barulho de vidro quebrando. Lucca caiu do escorregador e entrou de cabeça na porta de vidro da varanda! Fez um corte grande na cabeça e sangrou muito! Ainda hoje não sei quantos pontos foram dados e a cicatriz aparece até mesmo sob o *dread* que ele usa!

Passamos juntos vários natais. Ganhou tanta coisa: triciclo de plástico, uma bicicleta com rodinhas, depois de um tempo veio um *buggy* e depois uma moto! Cada degrau que subia, ensinado e incentivado pelo pai, eu aumentava, na mesma proporção, meus pedidos ao anjo da guarda dele.

Quase enfartei quando o Lucca começou a ir sozinho para a recreação noturna! Muita vontade de ser livre, de andar à vontade, fazer “esquibunda” no gramado do jardim. O seu reinado durou quase 10 anos, quando, para nossa grande alegria, em 2008 chegou a minha primeira e única neta, a Joana! Alegre, cheia de saúde, felizmente! Pontuando 10/10 na escala “Apgar”: aparência, pulso, gesticulação, atividade, respiração!

Sendo a primeira filha do casal, meu filho André muito emocionado dizia que “sentia o coração bater fora do peito”. A delicadeza da Joana

se notava pelo modo de pegar os alimentos, os brinquedinhos e objetos, pelo andar na pontinha dos pés, parecendo uma bailarina! E se uma dor ou contrariedade acontecia, ela chorava com lágrimas tão imensas ou longas que cobriam todo o rostinho. É inesquecível! Nessa época, o Lucca circulava no seu *buggy* por todo o condomínio usando cinto de segurança.

Em 2010, veio o Tomás, irmãozinho da Joana. Forte, sadio e lindo, com a pele rosada, cheio de pelinhos no rosto e a cabecinha cheia de cabelos bem escuros. Fez-me lembrar do meu filho, André. Difícil não se emocionar assistindo ao nascimento dos filhos do meu filho! Lembro de um lindo quadro de pai e filho, com a mão carinhosa do André segurando a mãozinha dele para dormir!

Passeávamos com ele no carrinho pelas ruas arborizadas do condomínio. Íamos apreciando a beleza da natureza. Eu aproveitava para mostrar a toca da coruja no barranco, a casinha do João-de-Barro. Contava histórias. Ele adorava pisar no pé do gigante! Eram placas em formato de enormes pés, colocadas no gramado, que perto dos pés dele eram mesmo de um gigante!

Curtimos muito brincar no ateliê, desenhando, usando tinta guache, giz de cera, lápis aquarelado, amassando argila. “Pintamos o 7” juntos. À noite contemplávamos o céu estrelado, o luar, os vagalumes, o aconchegante calor da lareira e a madeira crepitando!

Num certo dia frio de inverno, estávamos bem agasalhados brincando fora de casa, próximos da piscina, quando distraidamente o Tom se abaixou e caiu na parte mais funda! Procurei alcançar a mãozinha dele, mas não tive alternativa: pulei de roupa e tudo na piscina gelada para tirá-lo do fundo! Ele saiu chorando alto, dando um susto no pai que tirava um cochilo na rede da varanda, próximo ao local! Nada de ruim aconteceu, felizmente!

Joana e Tomás, adoravam brincar de pular almofadas com velocidades diferentes: pimenta, pimentinha ou pimentão! Numa adaptação de como antigamente fazíamos na brincadeira de pular corda. E sempre acabávamos rindo muito na sala!

Eu gostava de desenhar carinhas na parte interna do polegar deles, as mesmas que havia feito para o Lucca, quando pequeno. Pedia para eles definirem o tamanho e a cor dos olhos, do nariz, da boca e eu dava o toque final passando o meu batom bem vermelho na boquinha desenhada! Eles riam! Montavam pequenos diálogos, como num teatro de fantoches. A Joana gostava que eu fosse contando a história da

casinha, deslizando o dedo no rostinho dela: o rosto era a casinha, os olhos as janelinhas, a boca a portinha e o nariz, a campainha. Ela até imitava o som! E sempre pedia: “ah vovó, conta de novo!”

Em outra brincadeira eu pedia para deixarem o braço molinho, chacoalhava bastante até bater de leve na cabeça, no rostinho, na barriga. Dizia: “mão boba, mão boba, mão boba!” Ou cumprimentava, chacoalhando bastante a mãozinha e balançando o braço todo e até o ombro! A Joana praticava yoga com uma facilidade única, fazia várias posturas acompanhando o livro; o Tom pegava o bonde e fazia aula conosco!

Por um lado, eu tinha esses dois pequenos. De outro lado, o Lucca com 14 anos. Adolescente, com períodos de alternância, às vezes mais calmos, às vezes mais agitados! A minha filha, Tatiana, insistiu muito para ele completar seus estudos básicos e conseguiu.

Assim, quando pensamos que tudo estava arrumado, tudo nos trilhos e caminhando bem, aparecem novidades... André, em busca de desafios na carreira, tomou a decisão de aceitar uma proposta de trabalho nos Estados Unidos. Como assim?! Foi em setembro de 2015. O Tomás fez 5 anos, já na escola americana, sem falar inglês, num mundo desconhecido, aquele caldo cultural norte-americano, com todas as raças de todos os países do mundo! A parte da família que emigrou teve que se adaptar ao inverno rigoroso de até 26 graus negativos e aprenderam a valorizar as estações do ano bem definidas.

Já no Brasil, foi uma surpresa comemorar o 18º aniversário do Lucca! Ele se tornou homem muito rápido. Eu ainda via nele o meu netinho, pequeno, amoroso e frágil! Gente, que coisa é o coração das vós, ninguém cresce, ninguém amadurece, ninguém vira adulto aos nossos olhos!

O tempo vai passando e não percebemos. Todos se transformam e nos tornamos testemunhas de tudo.

Amo muito meus três netos Lucca, Joana e Tomás, aos quais dedico este texto.



---

**Celia** Wolff nasceu no verão de 1946, em Paraguaçu Paulista, numa família de imigrantes libaneses por parte de pai e portugueses pelo lado materno. Mudaram-se para São Paulo 10 anos depois. Em 1970, formou-se em Biblioteconomia na Escola de Sociologia e Política. Casada, teve os filhos Tatiana e André. Aposentou-se na Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura, mas continua ativa como síndica há 25 anos no condomínio onde mora.



# CELINA de Arruda Leite Sundfeld



## Um projeto de Deus

Nasci em uma família numerosa, com fé intensa, praticante da Igreja Católica Apostólica Romana, herança abençoada, caçula de nove filhos. Conheci apenas meus avós paternos, já idosos. Lembro-me do amor deles e do carinho que eles me davam, contavam histórias da família e eu ficava toda interessada.

Tive uma infância feliz e com muito amor dos tios e primos, que foram marcas de alegria para a minha maturidade. Amadureci muito cedo, pois vivia no meio de adultos. Era uma “menina boazinha”, muito obediente e estudiosa, daquelas que na escola sentavam na fila do gargarejo. Gostava de agradar a todos. Com 5 anos, já tocava piano.

Primeiro sonho que tive: encher o banco da Igreja, com a minha família. Meu segundo sonho: casar com 15 anos e ter muitos filhos, com um homem de Deus. Sempre pensei como meu pai: “Cada filho que nasce, mais bênçãos”. Terceiro sonho: ser avó. Ahhh... casei só aos 32 anos, encontrei o Ricardo, homem de Deus, e aí vieram as bênçãos dos filhos. Vinicius, Danilo e Márcio. Os afilhados Nando, Bento e João. As norinhas Catherine, Tanya e Nathalia. Quanta emoção!

Curtimos muito a infância e adolescência dos nossos filhos e conforme iam crescendo, gostávamos sempre mais da fase em que estavam. Vinicius foi o primeiro a casar. Que alegria sentimos, pois estavam seguros da escolha que fizeram. Márcio e Danilo foram para a Austrália, aprender inglês. A saudade deles doía em nosso coração.



Ainda bem que Vinicius e Catherine estavam perto de nós.

Quando Márcio voltou para o Brasil, deitado no sofá, com a cabeça no meu colo, contou-me que tinha achado a mulher de sua vida. E eu lhe respondi:

— Casamento não é loteria, e sim, escolha consciente. Vá ao encontro dela então. E nós dois, olhos marejados de lágrimas, pensando na distância que iríamos viver.

Tanya veio nos conhecer e nós a amamos logo que a vimos. Ricardo e eu pensamos: que sejam felizes, embora distantes. Deus, ao criar uma obra, a faz com um objetivo, uma finalidade, uma missão. Essa obra, sozinha, realiza apenas uma das partes do Seu grande projeto. Ao lado de muitas outras obras, juntas, chegam a uma totalidade. A missão de uma obra não depende da livre escolha de pessoas, muito menos acontece por acaso. Cada um que faz parte é semente viva. Como uma planta que cresce, a obra se desenvolve e vai realizando aquilo para o que foi criada.

Que alegria, quando Tanya e Márcio anunciaram que iam nos presentear com um neto ou uma neta. Quanta emoção! Ufa! Meu terceiro sonho iria se realizar. Aí deram a grande notícia! Serão dois: um menino e uma menina. Viva! Um casal! Que sejam abençoados!

Ah! Mais um milagre em nós: uma homenagem que eles nos fizeram. Eles se chamariam Luca Ricardo e Cleo Celina. Gratidão sem fim.

Por isso, posso dizer sem medo: Cleo Celina e Luca Ricardo são uma obra-prima de Deus. Ela teve um lugar só seu na mente criadora de nosso Pai. Tem um lugar na vontade ativa Dele e vai realizando continuamente Seu projeto. Somos como uma empreiteira, que realiza a parte do projeto que lhe cabe. Nela, cada um tem seu lugar e trabalho específicos. Cada um desenvolve a tarefa que lhe é própria, que é, portanto, essencial na realização da missão.

É uma graça, um privilégio, investir a vida, no propósito de vivermos a Fé, a Esperança e o Amor. A expressão é forte, mas é essa mesma: investir na vida. O segredo está em empenhá-la plenamente. Cleo Celina e Luca Ricardo são sementes vivas nesses nossos 44 anos de casados. Estivemos sempre atentos para continuar colhendo as respostas de Deus. Isso dá à nossa vida, sabor e entusiasmo.

Nossa vida não é estática, mas participa do dinamismo de Pai, Filho e Espírito Santo. Nasci para ser mãe e educadora. Sempre sonhava em ser avó... Lembro-me da viagem que fizemos para a

Austrália, para conhecermos nossos netinhos. Fizemos a viagem toda pensando na alegria de oferecermos nosso colo para eles. Foi maravilhoso nosso primeiro encontro. Curtimos, com eles, todos os minutos que estivemos lá.

Dia 12 de dezembro de 2012 fomos ao nosso segundo encontro e várias comemorações nos esperavam: casamento de Márcio e Tanya, batizado dos gêmeos, aniversário de um ano, Natal e Réveillon. Várias comemorações em família, algo muito bom. Em 20 de setembro de 2013 eles vieram para o Brasil. Foram dias maravilhosos. Em 24 de agosto de 2014 novo encontro, dessa vez em Sydney. Em 20 de setembro de 2015 eles vieram novamente para o Brasil. E, em 30 de novembro de 2016, lá fomos nós todos nos juntarmos a eles e lá ficamos 50 dias todos juntos. Uma viagem mais que especial, convivência marcante e uma inesquecível experiência do amor em família.

Nossa prioridade eram os encontros. Na nossa sexta viagem fomos comemorar com eles o aniversário de oito anos de casamento, Natal e Réveillon. Que alegria! E aí veio a pandemia. Que tristeza! Não sabemos quando será nosso próximo encontro, com muitos abraços e beijos. Não entendo, não importa, um dia talvez. Como? Quando? Sei lá! O Senhor sabe, isto é o essencial, o resto é resto. Como viver a pandemia? Na graça de Deus e no exercício de lidar com a saudade da família e amigos. Tempo de reflexão e mudanças.

Não temos aquela convivência de todos os dias com nossos netos. Os gêmeos são metade australianos e metade brasileiros. Moram em Sydney... longe... longe..., mas perto do coração. Estão com 10 anos e são pessoinhas maravilhosas.

Cleo é toda *fashion*, morena, cabelos castanhos, magra, alta, olhos castanhos e com um brilho todo especial. Adora estar na cozinha, já tem dado expansão a seus dotes culinários: prepara pizzas deliciosas com sabores variados. Gosta de criar penteados diferentes nos seus cabelos lindos. Está aprendendo português bem rápido. Gosta muito de ler. Ama seus animais de pelúcia, suas bonecas e o seu gato Vida. Cuida muito bem de sua coleção de “amigos”, e conversa muito com eles. É deslumbrada com seus unicórnios. Lembro-me da minha infância, eu também amava minhas bonecas e cuidava muito bem delas.

Desde pequena diz que será médica veterinária. Amo vê-la dando aula para seus animais de pelúcia. Às vezes peço para ela dar aulas de inglês para mim. Que delícia de professora! Sabe lidar com o dinheiro

que guarda. Sua última aquisição, um patinete rosa, lindo. Sua bike é toda colorida também.

Luca é um menino muito ativo, curioso, gosta de esportes e aprende tudo muito rápido. É de pele olhos e cabelos claros, um perfeito australiano. Agora começou a aprender a jogar Rúgbi. Está todo animado. O português vai indo bem. Ama jogar videogame. Tem coleção de carros de brinquedo. Ama também os seus Legos e monta como ninguém. Já sabe dirigir moto infantil elétrica. Agora está todo animado no skate. Ama aprender coisas novas. É um ótimo aluno.

Ricardo e eu estávamos muito ansiosos para aprender inglês para melhorar a nossa comunicação. Agora paramos um pouco com as aulas e estamos esperançosos que eles aprenderão o português mais rápido que aprendemos o inglês.

Ter netos realmente avivam a nossa alma e nos faz querer caminhar junto com eles. Cada dia, uma alegria nova! Obrigada, Senhor, por estes netos tão queridos.

Amo fazer aniversário, mas nesta pandemia amanheci triste. Fui acordada pelo Márcio, ligando da Austrália, falei com Vinicius, Cathy, Danilo e Nathaila, recebi muitas mensagens dos meus queridos parentes e amigos. Ah! Cleo e Luca mandaram uns vídeos falando em português! Foi muita alegria! Ricardo me deu flores e uns doces. E recebi mais flores dos filhos. Gosto de celebrar o mês de setembro todo. Com tantos mimos, dormi feliz e agradecida.

### **Uma homenagem aos nossos amados netos**

C resce como uma árvore  
L inda como uma flor  
E legante como um coqueiro  
O lhando sempre pro Alto...

C riada com todo amor  
E la florescerá cada minuto  
L onge da vovó e do vovô  
I rradiando o seu amor  
N aquela esperança de um novo encontro  
A mor, eterno amor...

L uz que nos ilumina  
U m dia após o outro  
C om certeza nos dará muito orgulho  
A mando do seu jeito tão maravilhoso ...

R i bastante e nos alegra  
I ndo de lá para cá  
C om tanta esperteza  
A tirando-se para o novo  
R ealmente ele promete  
D evagarinho nos encanta  
O bservador de tudo que o cerca ...

Queridos, fiquem no coração de Jesus, Maria e José...



---

**Celina** de Arruda Leite Sundfeld. Fez o curso Clássico, dois anos de Normal, especialização em Pré-Primário e Pedagogia. Foi professora durante 20 anos na Prefeitura de São Paulo e teve experiências em escolas particulares. Atuou como Auxiliar de Direção, Assistente de Diretor e como Supervisora Escolar, em Embu das Artes. Foi voluntária no Hospital Infantil Darcy Vargas.



# CELSO Joppert Gomes de Sousa



## O avô e os netos

### Lembranças dos meus avós

Antes de me postar como avô, vou referir minhas lembrança como neto. Os primeiros anos de minha vida foram na companhia de minha avó materna, numa casa de vila, na Rua Haddock Lobo, no bairro da Tijuca, cidade do Rio de Janeiro. Ali morava com mais duas filhas solteiras.

Vó Elisa era bem séria, mas sempre nos foi muito próxima, não só física como sentimentalmente. A festa dos seus 90 anos foi e será inesquecível. Foi feita na casa de um dos meus tios, casado com uma das filhas dela, num subúrbio do Rio de Janeiro, que frequentei muito na infância porque parecia um clube, com campo de futebol, vestiário, piscina, etc. Foi em 1969, eu já tinha 21 anos, estava no segundo ano da Faculdade de Direito. Havia muitas pessoas amigas e inúmeros parentes, o que demonstrava o quão a matriarca da família Joppert era prestigiada e respeitada.

Sua figura é a mais forte na minha vida. Mãe de seis Marias, porque era extremamente religiosa e católica, vovó criou todas com extrema dificuldade, trabalhando como costureira. Sua máquina de costura se tornou uma relíquia de família. Teve a felicidade de ver todas as filhas formadas no Magistério. A mais velha, Maria Augusta, se tornou maestrina. Trabalhou também como assistente do conhecido maestro Villa Lobos, além de ser chefe do setor de música no Estado do Rio de Janeiro.

Quando morreu, exatamente na semana em que eu casei, em abril de 1974, houve um afastamento dos parentes mais próximos, numa clara demonstração do quanto sua personalidade representava em termos de união para todo o clã.

Já minha avó paterna Ana morava no Ceará com outras duas tias, irmãs de meu pai. Só convivíamos quando íamos visitá-las nas férias escolares. Quanto aos avós, sequer os conheci porque faleceram precocemente. O paterno fora promotor de Justiça e nomeado interventor pelo presidente da República à época, Epitácio Pessoa, no então território do Acre. O materno teve negócios malsucedidos no comércio de café. Pouco sei dele, pois raramente era mencionado nas conversas familiares.

### **De repente, vieram os netos**

Minha história como avô começou bem antes do que eu esperava. Eu já estava separado há tempos da mulher com quem casara. Tivemos dois filhos. Tentei me manter próximo deles, mas não consegui por conta de uma segunda relação amorosa que acabou nos afastando. Embora não fosse um casamento *stricto sensu*, era bem mais maduro, estável e afinado.

De repente, aconteceu algo inesperado — mas nem tanto — que me pareceu eu tenha contribuído indiretamente. Camila, minha filha caçula, estava namorando um colega do escritório de advocacia onde trabalhavam. Quase todo final de semana ia para a casa dele, em Niterói, onde morava com seus pais. Como não tinha condições de possuir um carro, pois ainda cursava a faculdade, ela pedia o meu emprestado. Confesso que ficava intrigado com essa nova modalidade de namoro, na qual a namorada é que ia ao encontro do namorado. No meu tempo, ocorria exatamente o contrário.

Não é difícil adivinhar que daqueles frequentes encontros nasceu minha primeira neta, Beatriz, em fevereiro de 2003, quando eu tinha acabado de completar 55 anos e minha filha era recém formada. Embora a relação do casal não tenha perdurado muito, tudo acabou dando certo. Com a bebê ainda no seu primeiro ano de vida, minha filha contou com a inestimável ajuda dos avós maternos (eu e minha segunda mulher), bem como da avó biológica materna. Enquanto ela passava o dia inteiro estudando na biblioteca da universidade próxima, se preparando para

os concursos públicos na área em que se formara, Beatriz era cuidada pelo time de avós. Precisou se privar daquele contato tão importante com a pessoinha linda que nascera, mas logo conseguiu passar em alguns dos poucos concursos a que se submetera. Tempos depois foi nomeada e investida na função a que se candidatara, podendo então ter seu próprio lar.

Minha relação com a primeira neta, Beatriz, foi bastante estreita, especialmente nos primeiros anos de sua vida. Pelo menos uma vez por semana eu e minha companheira íamos apanhá-la na creche e levá-la ao parquinho próximo. Depois trazíamos para nossa casa onde brincávamos bastante.

A netinha era bem comportada e obediente. Tinha uma personalidade dócil e quieta. Seu único senão talvez fosse a falta de apetite, o que fazia com que minha companheira tivesse que inventar estratégias que a estimulassem a comer

Francisco é o meu segundo neto biológico, filho do meu mais velho, Bruno, e Giovanna é a neta mais velha e a primeira biológica da Jane, minha falecida companheira. A mãe dela, Fernanda, era a sua filha mais velha, que sempre me chamou de *stepfather*. Considero Giovanna como minha neta e assumi de coração a filha-enteada!

Essas crianças, por terem idade próxima, eram muito frequentes aqui em casa e sempre se deram muito bem.

Confesso que sou um avô bastante deseducador! Deixo os netos, literalmente, fazerem tudo que querem! Ou, quase isso...

Certa vez, aqui em casa, Jane ainda era viva, deixei Francisco e Giovanna fazerem uma lambança federal com a minha complacência! Havia em casa umas tintas à base de água, que colorem bem, mas sujam bastante! Pois bem! Deixei-os à vontade brincando com elas e no final estava um fuzuê danado! Ainda bem que a avó foi compreensiva. Disse apenas que eu arrumasse o que ficara pintado. Como a tinta era fácil de remover, o trabalho mais pesado foi recolocar as coisas nos seus devidos lugares.

Também tivemos o hábito de apanhar o Francisco na creche, mas o trazíamos direto para casa, pois lhe ensinei a jogar futebol de botão. Além disso, quase sempre, batíamos uma bolinha, no corredor do apartamento., que é grande, embora inapropriado para tal prática! Mas, sabem como é avô, né?!

Depois desses dois, nasceu o Lucas, até agora, com 4 anos, o caçula

da Fernanda.

Minha neta mais velha, Beatriz, completou 18 anos em fevereiro. Gabriel, o irmãozinho, também está com 4 anos. Francisco completou 9 anos. Dizem que tem um jeito parecido com o meu. É muito comunicativo e engraçado!

Desde pequeno chamava atenção essa sua faceta que o torna bastante carismático. Muito extrovertido e falante, é o orador de sua turma. Já escreveu mais de um livro, obviamente com a assistência não só da escola, como também de uma amiga da sua madrinha, que é escritora e professora.

Um pouco antes da pandemia, fui em uma tarde de autógrafos no colégio dele e fiquei muito orgulhoso não só do que ele escreveu, como por ter sido o orador da turma dele durante uma solenidade promovida pelo educandário com a editora.

Eu, quando estou com os netos, viro literalmente uma criança!

E, como é bom isso!

Levo uma vida bem jovial, acompanhando-os em alguns passeios. Eles curtem bastante a minha companhia, e eu a deles! Por isso ou por aquilo, acredito que eles gostam bastante de mim e vice-versa!

Meus netos e o jeito como eles me veem e tratam, fazem um bem imenso porque, diferente do que aconteceu com meus filhos, acompanho a vida deles o mais próximo que consigo.

Enfim, é uma dádiva ter e conviver com os netos tão queridos e ter a atenção que um avô sempre espera deles..




---

**Celso** Joppert Gomes de Souza é divorciado, advogado, pai de um casal de filhos, Bruno Dieguez Gomes de Souza, com 45 anos, jornalista, gerente da Rede Globo, pai de Francisco Gaspar Dieguez; e Camila Dieguez Gomes De Souza, com 43 anos, servidora pública federal, analista judiciária do Tribunal do Trabalho da 1ª Região, mãe de Beatriz Dieguez, de 18 anos, e Gabriel, de 4 anos.





## CIDA Cardoso



### As dores e as delícias de ser avó em época de pandemia

- Minha avó é forte, me levanta com um braço só! 5 anos
  - Como você sabe tudo isso? 9 anos
  - Você é uma p\* vó! 18 anos
- Frases do Leonardo Cardoso Caurin, meu primeiro neto

Setembro de 2001! Vinte anos já se passaram e as lembranças estão sendo constantemente ressignificadas.

Ser avó era um sonho maior do que ser mãe e eu estava ansiosa para a chegada do meu primeiro neto. A data prevista era 11 de setembro! Tudo pronto para ir à maternidade e, na noite do dia 10, tivemos a notícia do assassinato do prefeito de Campinas, Antônio da Costa Santos, mais conhecido como Toninho do PT, que era uma pessoa que a minha filha gostava muito. Eu, quase avó, fiquei preocupadíssima e, na manhã seguinte ao ligar a televisão para saber as notícias, vi o horror das torres gêmeas. Num primeiro momento, pensei que era alguma transmissão do tipo *A Guerra dos Mundos!*

Passado o espanto, veio o desejo de que o ansiado parto atrasasse para que os dias dos aniversários do Léo, meu neto, não tivessem uma carga tão negativa. A felicidade se transformou em questionamentos

sobre o mundo em que ele iria viver!

Finalmente, no dia 18, ele nasceu e eu não acompanhei porque estava trabalhando em outra cidade. Mas quando a enfermeira me entregou aquele pacotinho enrolado no cobertor, senti uma sensação indescritível que, por muito tempo, não conseguia expressar em palavras nem conseguia explicar racionalmente. Eu amava aquele ser minúsculo aconchegado nos meus braços e sentia uma felicidade imensa, acompanhada da sensação de que o meu coração se expandia para além do corpo.

O Léo me ensinou o quanto o amor de avó é intenso. Mas refletir sobre ser avó me trouxe a consciência de que o meu lado sombra é capaz de odiar insanamente a quem causar algum sofrimento aos meus netos.

Acompanhei o desenvolvimento do Léo diariamente durante dois anos, até que ele e a mãe se mudaram da minha casa e foram morar sozinhos. A dinâmica mudou. Ele ficava o dia todo na escolinha, mas passávamos juntos os finais de semana e havia as segundas-feiras: nosso melhor tempo juntos!

Eu ia buscá-lo, a pé, na escola que ficava no mesmo quarteirão do apartamento em que moravam e o levava à fonoaudióloga. No caminho de volta passávamos no supermercado, na frutaria e na loja de doces, locais onde ele era muito conhecido, pois puxava conversa com todo mundo.

No supermercado era uma festa explorar as prateleiras, a cada semana experimentávamos um alimento que ele não conhecia. Léo, extremamente sociável, conversava com as pessoas em volta, explicava que a avó era “natureba”, que ele só escolhia comida saudável, que não usávamos saquinhos plásticos para proteger o planeta e até explicava como “nós” preparávamos juntos alguns alimentos. Na loja de doces escolhia qual ia levar para a mãe, geralmente quindim ou bomba de chocolate e uma bandeja de brigadeiros para dividir.

A caminhada era um tempo de conversa e questionamentos: “Por que prendem os animais no circo? Coitados!”, “Você é corajosa, não tem medo de bichos!”, “Por que aquele senhor precisa pedir dinheiro na rua?”

Depois do jantar assistíamos desenhos animados, deitados no sofá, e acabávamos dormindo abraçados antes de minha filha chegar das aulas.

Em uma dessas caminhadas, ele me pediu que comprasse uma câmera fotográfica para registrar a sua festa de aniversário na escolinha e essa foi a semente que me transformou em fotógrafa amadora.

Nas férias, ele chegava com a mochila numa mão e o videogame

na outra dizendo que ia ficar o mês todo na “nossa” casa. Líamos sobre dinossauros, passeávamos, cozinhávamos. Ele gostava tanto de cozinhar que eu pensava que um dia ele estudaria gastronomia.

Não se tornou um “chef” ainda, mas cozinha muito bem.

Conviver com o Léo trouxe novos aprendizados: fomos à primeira feira *Comic Con Experience*, conheci o universo dos *animes*, aprendi o que é *cosplay* e até aderi usando um chapéu de Mestre Yoda para acompanhar o ambiente. Da minha parte, o levei para ver o Queen, seu primeiro show de rock, como presente de aniversário.

Chegou um momento que o nosso tempo juntos era almoçar no intervalo entre a escola e o cursinho... e até isso passou quando ele foi estudar em outra cidade. A despedida, apesar de estar se mudando para Limeira, cidade a menos de 100 km de distância, foi dolorosa e eu –que tenho fama de “durona”–, ao mesmo tempo em que fiquei feliz por ele estar seguindo seus sonhos, chorei pelo distanciamento.

Acredito que estudar fora de casa, sair de um ambiente protegido para conhecer outros modos de pensar e estilos de vida é essencial para o amadurecimento dos jovens. Mas essas experiências também são repletas de questionamentos e nos fazem ressignificar os nossos hábitos e valores.

As nossas conversas se tornaram profundas e os questionamentos sobre as minhas crenças foram tão incisivos que percebi o quanto eu amadureci no decorrer dos anos. Muitos dos meus antigos paradigmas haviam se modificado sem que eu houvesse percebido.

Por causa da pandemia, com aulas *online*, Leonardo precisou voltar para casa e optou por vir morar comigo no velho apartamento em que passou a infância e do qual temos gratas recordações. Me sinto beneficiada pelo isolamento social!

Quanto a mim –uma *perennial*, que ama a solidão, vive sozinha há mais de oito anos e tem mania de organização– estou dividindo meu espaço com um jovem adulto meio desorganizado e a experiência tem sido gratificante. Minha coleção de DVDs, guardada há anos, foi retirada do armário e estou redescobrando os compositores prediletos e ouvindo intérpretes atuais no *YouTube*. Tenho acordado ao som de música suave, com café da manhã na cama e as velhas caminhadas têm novo sentido, seja para fotografar, ir ao supermercado ou à feira. Isso não tem preço! Hoje a pessoa que mais conhece os meus gostos e meu modo de pensar com certeza é o Léo.

Como não somos uma família de comercial de margarina, de vez em quando há conflito: eu respiro, conto até dez, respiro, conto ao contrário e vou meditar. Ele, educadíssimo, sai para andar de bicicleta ou vai para a varanda tocar guitarra. Depois conversamos e quem sente que teve uma atitude ruim pede desculpas.

Viver em tempos de pandemia com um pós-adolescente me traz lembranças de como eram as minhas relações e perspectivas para a vida adulta na idade dele. Eu tinha amigos e amigas próximas, um marido, profissão escolhida, desejo de ter muitos filhos e um futuro seguro pela frente.

Eu avó, penso no quanto deve ser difícil cursar uma faculdade *online*, a falta de interação presencial com os colegas de curso e a incerteza para fazer planos no mundo em que vivemos agora.

O Leonardo é o neto que está mais próximo atualmente, mas o amor que sinto pelos outros netos tem a mesma dimensão. Sinto uma saudade imensa da Natália, minha neta de 10 anos, que mora longe e não vejo há tanto tempo. Não gosto de conversar por videochamada, mas sinto necessidade de ter mais períodos juntas, quem sabe viajarmos para escrever o capítulo da nossa história.

Penso também nos pequenos, isolados pela pandemia, irmãos do Léo: Pedro, com 1 ano, e Fernando, que nasceu em 10 de novembro. Para eles eu mentalizo um mundo melhor, com um planeta recuperado e prevenção antes que as doenças se espalhem.



---

**Cida** Cardoso, 64 anos, nasceu em Campinas. Formada em Ciências Biológicas pela PUC-Campinas, foi professora e participou de vários projetos de inclusão socioambiental, entre eles Inajá, no MT, e Napra, em Rondônia, além do Coeduca, em Campinas. É avó do Leonardo, de 20 anos, o personagem deste capítulo, Natália de 10 anos, Pedro, de 1 ano, e Fernando, que nasceu em 10 de novembro de 2021. Atualmente é viajante e fotógrafa amadora.



## DIEGO Liguori



### Aprendiz de avô

Há cinco anos tornei-me avô. “E agora?”, perguntei-me. Durante os nove meses de espera não tive consciência do que aconteceria, mas ao ver meu neto pela primeira vez senti uma até então desconhecida forma de felicidade. Estávamos na maternidade esperando o nascimento dele. Vocês sabem, a família está do lado de fora de um vidro, esperando que apareça a enfermeira com o pequeno no colo para mostrá-lo aos presentes. O ambiente era de pura alegria e iam chegando mais membros das duas famílias, alguns que eu ainda não conhecia. As pessoas iam se apresentando, talvez fosse evidente que eu era o futuro avô: “Olá”, diziam, “sou o tio do pai”. “Tudo bem? Sou o pai da mãe”, eu respondia. E todos voltávamos a olhar para o vidro. Depois de vários cafés e duas horas de espera, a multidão do lado de cá do vidro começou a se alvoroçar. Soube imediatamente que era ele, meu neto, porque estava nos braços do pai. Abracei minha mulher e fiquei num respeitoso silêncio ante o milagre da vida. O vidro que nos separava, dependendo da posição que eu adotasse, funcionava também como espelho, e por momentos eu via a família reunida, conversando animadamente. Dei um passar de olhos pelas pessoas e vi meus pais, que já partiram, num dos cantos do espelho, olhando para o bisneto. A felicidade deles era exuberante, vendo o surgimento da quarta geração da família. Meu pai também me achou na turma e piscou um olho para mim, como fazia quando procurava minha cumplicidade, e minha mãe me mandou um beijo juntando os lábios e depois assoprando ao longo da mão estendida. Voltei a olhar através do vidro porque estavam batendo palmas. Meu

genro, também reluzente de felicidade, tinha se aproximado do vidro e mostrava o filho mais de perto. Quando procurei de novo meus pais no reflexo do vidro já tinham partido, de novo.

Mencionei a ilusão de ver meus pais na maternidade porque pensei muito neles essa tarde. Imaginei a emoção de estarmos juntos nesse momento tão marcante. Vejam, para mim, que acredito que não há nada após esta vida, o sentimento da transcendência das gerações que tive na maternidade me deu um novo alento.

E assim iniciei uma nova etapa na minha vida. Por intuição comecei a falar espanhol com ele desde que estava no berço. Por enquanto não fala esse idioma, mas entende tudo o que eu digo, gosta de ver vídeos, de ouvir e cantar músicas em espanhol e dançá-las comigo.

Saber espanhol poderá ser útil para ele algum dia. Porém, isso não é o mais importante hoje, e sim o elo que criamos tendo como ponte o meu idioma materno. Imaginem ele e eu dançando e cantando *Despacito* e *La cucaracha*.

Avós de hoje, não somos como os de 70 anos atrás, temos outra atitude frente ao envelhecimento, somos mais saudáveis, ativos, acessíveis, descontraídos e a convivência com os netos pode tornar a vida ainda mais enriquecedora e luminosa.

Quando nasci meus avós já tinham morrido. Tenho fotos nas quais estou ao lado da minha avó paterna, mas eu era pequeno quando ela morreu e não me lembro dela. Só tenho recordações da minha avó materna. Porém, morávamos em cidades diferentes, distantes 400 km, numa época que as viagens eram mais difíceis. Uma das viagens que minha mãe e eu fizemos para visitá-la marcou minha infância. Não havia ponte para cruzar o rio Paraná, na Argentina, para ir de Buenos Aires até a cidade de Concórdia, na Província de Entre Ríos, onde ela morava, e o trem tinha que cruzar o rio em balsa. Levava a noite inteira para separar os vagões e embarcá-los, cruzar o rio e depois engatá-los novamente. Lembro-me dos vagões indo para frente e para atrás, ouvir só o barulho do motor da balsa enquanto cruzava o rio e depois novamente o movimento dos vagões. Isso no meio de um calor sufocante, embora fosse de noite. Tínhamos que deixar as janelas abertas e por elas entravam hordas de pernilongos. Era difícil dormir nessa atmosfera. Eu brincava de jogar uma linha n'água, amarrada numa pedra, e fazia de conta que pescava. Ao amanhecer, quando o trem partia novamente, na sua forma original, o calor diminuía e os pernilongos tinham desaparecido, então eu dava um cochilo. Às 12h chegávamos à cidade de

Concórdia, berço da família da minha mãe.

Dessa viagem lembro-me de um almoço da família na casa da minha avó. Ela era para mim uma mulher muito velha (tinha só 60 anos), séria e distante, que pouco falava comigo. A falta de intimidade era tanta que eu não conseguia tratá-la de você, tratamento usual na Argentina. Só conseguia, as poucas vezes que falei com ela, tratá-la de senhora.

Percebo hoje que não ter tido a possibilidade de conviver com meus avós é uma lacuna na minha infância, e me faz valorizar profundamente a experiência com meu neto.

O que uma criança quer é brincar. Como fazer parte dessa brincadeira? Percebi que se entretêm com coisas simples e são criativos. Isso me ajudou a descobrir o que poderíamos fazer juntos.

Quando ele tinha uns quatro anos, começamos a brincar com as fichas de dominó. Pensei que era uma oportunidade de ensiná-lo a jogar e ao mesmo tempo reforçar seu conhecimento sobre os números. Vocês já sabem que brincar não é ensinar, não sabem? Também aprendi isso. Sentamo-nos no chão, distribuí as peças e mal comecei a explicar como se jogava quando meu neto me interrompeu e disse:

— Vovô, vamos jogar de outro jeito.

Com cuidado, colocou duas fichas de pé, paralelas entre si. Ajustou a distância entre elas e colocou uma ficha por cima, fechando o volume. Olhou para mim e exclamou com alegria:

— Olha a casinha, vovô.

Percebi que minha brincadeira era muito educativa e pouco lúdica. Ele inventara outra, mais divertida, e me convidava a participar.

Como podem imaginar, não era a primeira vez que eu brincava com meu neto. Porém, foi nessa oportunidade que compreendi que ele, enquanto brincava, criava um mundo próprio, focado no pequeno espaço que o jogo ocupava, sem outra ideia na mente que o ato de brincar. Compreendi que era difícil para mim entrar nesse mundo, porque teria que me livrar dos meus pensamentos e preocupações do dia a dia que me impediam entender e aceitar essa realidade. No entanto, valia a pena, seria um momento só de nós dois, agora com minha participação plena, sem distrações. Respirei fundo, olhei para as casinhas brancas e aceitei o convite dele para sua brincadeira. Comecei a construir casas com ele. Quando tínhamos montado várias, ele pegou um carrinho e começou a movimentá-lo entre elas com a mão. Pronto, o jogo tinha mudado, estávamos numa cidade. Entreguei-me totalmente ao jogo até que ele me disse:

— Vô, seu celular está tocando. Nesse instante voltei ao mundo que nos rodeava.

Brincar é fundamental, mas nosso papel de avô também inclui preparar nossos netos para enfrentar a realidade, que não é uma brincadeira. Cito uma preocupação minha, só uma: como explicar o que é a maldade?

Outro dia, por distração nossa, estava a televisão ligada nas notícias, meu neto estava na casa, e o apresentador falou que tinham prendido alguns bandidos. Ele perguntou:

— Que é um bandido, vô?

Lembrei-me do conselho de uma psicóloga: “Caso seu filho faça perguntas difíceis só responda o que ele possa entender”. Assim fiz:

— Bandido é uma pessoa que pega o que não é dele.

Nesse momento ficou satisfeito com a resposta. Quando voltar a me perguntar sobre o tema, saberei que resposta dar, sem exagerar na dramaticidade para que não fique medroso.

Sei que, nestes tempos em que viajar e morar em outra cidade ou país se fez mais fácil (os trens, quando existem, já não atravessam os rios em balsa), às vezes os netos estão longe dos avós. Esse não deve ser empecilho para tentar conviver com eles, à distância. Para isso também aprendemos a usar a tecnologia digital.

No meu caso é diferente, meu neto vem à nossa casa quase diariamente. Temos uma convivência intensa e percebo seu desenvolvimento, com novas perguntas e inquietudes. Assim caminhamos juntos pela vida.

Agora começou a nos dar três beijinhos antes de ir embora e quando sabe que não virá por alguns dias diz que vai sentir saudades dos avós. Outras vezes nos oferece ajuda quando julga que teremos dificuldade em fazer algo, como quando os três subíamos uma rua íngreme, e ele nos deu a mão para ajudar. Que mais posso pedir?




---

**Diego** Liguori nasceu em Buenos Aires, em 1950. Veio para o Brasil em 1972, junto com os pais. Graduado em Administração de Empresas, militou nessa área por 13 anos. A partir de 1991, começou a atuar como professor de espanhol e em 2000 fez um Mestrado no Ensino de Espanhol. Logo depois de uma especialização em Gerontologia, em 2015, tornou-se avô. Continua ensinando Espanhol no Programa USP60+ como voluntário desde 2018.





## DILZA Maria Franchin



### O começo do começo

Eu tenho um princípio: o amor é o maior e o melhor combustível que nutre a minha caminhada pela vida, acredito que a de todos.

Digo sempre na família que sou premiada com os três filhos que tenho: Eduardo, 50 anos; Ronaldo, 48; Priscila, 42. São meus verdadeiros tesouros. Tenho também dois netos. José com 17 e Chico com 15 anos. Sou uma mulher muito rica, poderosa. Acredito que ser avó é ser privilegiada por um amor duplo. Amor esse que começa com os filhos e se estende vasto, completando-se com os netos.

Ronaldo me premiou ser avó no dia 11 de junho de 2005. Descrever o sentimento não é fácil. Ver aquele ser tão frágil chegando – e ao mesmo tempo tão potente de vida – me tocou profundamente a alma.

Nasceu rápido. Só deu tempo de correr com a Priscila para a maternidade e já chegamos direto na janelinha para acompanhar o nascimento do José. A cena inesquecível foi quando o meu filho o pegou no colo, mostrou pra mãe e o levou encostado no vidro para sermos apresentadas a ele. Daí o primeiro banho, o pai e o filho e a banheirinha. Tudo assistido com uma brilhante transparência. Janela de vó. Ficou marcado para sempre.

O nascimento do Chico foi demorado, fiquei o dia inteiro na maternidade. O bichinho deu trabalho, teimoso, na dele. À noitinha ele resolveu surgir para a vida, forte e saudável. O Chico também chegou como um presente pra mim.

Avós (no Google): pai do pai, mãe do pai. Vem do latim: *aviolus*. É também um termo matemático: “avos”. É amor em dobro, cuidado em dobro, afeto, carinho, ternura. Amor que nunca envelhece, sabedoria que não acaba. Gosto muito de consultar a etimologia das palavras. Elas contam histórias, simbologias e trazem significados que me ataçam, estimulam e me inspiram.

Viajei aos meus tempos de neta. Quis resgatar aquilo que ficou em mim enquanto pude estar nessa outra posição, vivendo a experiência da minha pequenice perante os longevos.

Assim começou a minha aventura de avó. Refleti muito como eu queria, desejava ser avó. Reformulei minha agenda toda. Tinha muitos compromissos, auge da minha dedicação profissional. Decidi priorizar não só o trabalho, mas principalmente minha família. Prometi a mim mesma que teria sempre um dia da semana para estar, cuidar, curtir meus netos. Pessoas próximas a mim, amigos, sabem que tal dia é o dia dos netos.

Foi uma das melhores decisões que eu já tomei.

## 1ª Fase – Bebês

### *Tecendo relações afetivas*

Primeiros contatos: cheirinho de nenê à parte, delícia demais... tocar os pezinhos, as mãozinhas, ninar no colo, cantar canções para acalmar choros noturnos, dor de barriga...

E os banhos, quer prazer maior?! Eles se divertem tanto batendo água e espirrando tudo na vó. Água abençoada.

Daí vem os passeios ao sol nas pracinhas e, um pouco depois, os primeiros contatos com outras crianças e a famosa “briga” pelo brinquedo que é “meu”. Primeiros aprendizados de se relacionar, trocar e perceber a existência do outro, do diferente de mim. O desenvolvimento no mundo das relações que se estenderão por toda a vida.

Uma lembrança marcante dessa época foi quando ensinando as primeiras sílabas ao José: tá tá tá té té té, lalalelilili... e queridinho pra cá, queridinha pra lá, saiu: Dindinha! Nasceu o meu nome pra eles e vale até hoje. Sou Dindinha e é muito doce ser chamada assim! Toca o meu coração toda vez.

## 2ª fase – Meninos

### *Emaranhando convivências interessantes e divertidas*

Conforme foram crescendo, a minha vida foi se enriquecendo de atividades conjuntas: escola, clube, praças, festinhas, piqueniques no Ibirapuera, férias no Guarujá e nós sempre juntos. Lembro que nessa época eles mesmos escolhiam suas roupas, era a orientação dos pais e eu não me conformava com a mistura de listras, estampados, cores que no meu ver não combinavam nada. Mas saíam assim mesmo, do jeito e gosto deles, aprendendo a fazer suas próprias escolhas e preferências desde cedo. Eu não gostava, apenas aceitava. Ainda bem que o gosto foi se aprimorando... rs.

Outra coisa que se tornou ritual era a fila depois do banho para passar brilhantina no topete e sair penteadinhos. Durava poucos minutos, mas ficava do jeito que uma avó babava de satisfação e assim eu ia toda feliz exibindo meus netos tão bonitinhos.

Nas férias no Guarujá cozinhávamos juntos. Eles decidiam o cardápio e íamos ao supermercado. Tinha uma série de ingredientes, pois assistiam o programa da TV Cultura *Criança na Cozinha* e chegavam com a lista das compras. Daí a gente dividia as tarefas, quem faz o quê e acabava dando tudo certo. Não só nós (a)provávamos as delícias, mas os pais deles também. Temos guardado até hoje o nosso caderno, umas 12 receitas de doces e salgados, assinadas por nós! Trio parada boa: *Chi Jo Din*. Restaurante batizado pelo Chico. Sucesso total, fase delícia essa.

Eu dormia com eles no mínimo uma vez por semana para desfrutar o maior tempo possível dessa companhia. Nós três juntos criávamos histórias antes de dormir. A partir de três palavras cada um tinha que inventar um caso. A gente dormia feliz, era muito legal, estimulava a nossa imaginação e criatividade, compartilhávamos o absurdo e o divertido.

## 3ª Fase – Jovens

### *Costurando trocas, cumplicidade e companheirismo*

É muito gratificante acompanhar todas as transformações que ocorrem nessa fase. O Kung-Fu, a bateria, o violão, a natação, o futebol, os amigos, a educação formal e as paqueras ao lado da escola. Todas essas experiências vão se sucedendo juntamente com o desenvolvimento corporal, a passagem da infância para a adolescência, a voz que

engrossa, comportamentos mais rebeldes, todas as transformações com a chegada da juventude.

Momentos esses que me transportam para a minha juventude, minhas experiências e, principalmente, as dos meus filhos. Quão importante e significativa essa passagem para alcançar os sonhos, desejos, aspirações. Sejam bem-vindos também nessa fase, José e Chico!

Infelizmente por causa da pandemia e tudo o que ela nos faz viver e nos adaptar, não pude vê-los por um longo período. Agora quando os vejo já crescidos tenho ainda mais noção do tempo que ninguém segura. Ele segue repetidamente os passos do relógio que não descansa.

Atualmente, além dos encontros familiares, tenho combinado com cada um algumas caminhadas, criando oportunidades para estarmos mais próximos, tanto física como emocionalmente. É bastante gratificante ouvi-los. Eles sabem disso.

Assinalei tempos atrás que a avó pode e quer ter a escuta sempre aberta para qualquer tema que quiserem abordar. Penso que temos confiança e entrega nessa troca de confidências e por muitas vezes estabelecemos inclusive alguns acordos nessas conversas. Meu desejo é que sejam felizes nas escolhas e que se preparem para os desafios a partir do equilíbrio e da maturidade. Que contem sempre com a Dindinha, em qualquer circunstância.

Gratidão pela oportunidade de estar aqui com vocês colegas vovós, Beto, Guenther e toda equipe querida da e-Editora.

Gratidão aos meus amados filhos, Priscila, Eduardo e Ronaldo, junto com José e Chico, que me fazem sentir toda a felicidade de atravessarmos juntos a Vida.



---

**Dilza** Maria Franchin é formada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica (SP) com especialização em treinamento, desenvolvimento e gestão de pessoas. Também é formada em Medicina Social e Saúde Pública pela Santa Casa de São Paulo. Analista Transacional com experiência de 35 anos em Treinamento e Desenvolvimento (T&D) junto à média e alta gerência. Atuou em empresas nacionais e multinacionais, públicas e privadas. Treinou mais de 20 mil gestores. Atualmente é *coach* e consultora organizacional. Diretora da Momentos e Movimentos - Treinamento e Desenvolvimento de Pessoas, consultoria fundada em 1990.



# DIVA Maria Tamaro de Oliveira



## O site dos meus bebês

*Recordar, registrar, colecionar fotos, anotações, memórias  
Antigamente, álbuns tradicionais dos nenês povoavam lares e corações  
Queridas lembranças, guardadas com todo carinho  
Um álbum impresso para cada filho  
Escolhido a dedo entre as poucas opções de então  
Logo os pais começavam a preencher: desenvolvimento, visitas, presentes*

*Mas o cotidiano impedia a constância  
Amamentar, cuidar do bebê, noites em claro, muito a fazer  
Raramente era possível parar para registrar  
Iam passando os dias e cada vez menos se anotavam os progressos  
Os livros ficavam quase sempre inacabados, jogados no fundo de gavetas*

*A moda de construir sites para os bebês surgiu como solução  
Na virada do século, quando os netos começaram a nascer, eram um charme  
Apresei-me em aprender como fazer, era tudo muito novo*

*Lembro-me bem, as redes sociais começavam a surgir devagar  
YouTube, Facebook, Instagram, WhatsApp  
De tudo isso ainda quase não se ouvia falar  
Iniciavam-se os sites pessoais  
A atração pelos de bebês me pegou de jeito*

*Levantei modelos, pesquisei ilustrações, tópicos a desenvolver  
 Uma infinidade de fotos, novas e antigas, digitalizadas  
 Cada tema, um destaque especial: significado do nome, quem visitou o bebê  
 Até a árvore genealógica do meu livro de nenê adaptei  
 Santos do dia do nascimento, nada faltou*

*Registrando tudo com o prazer da novidade, estava feliz  
 Acreditei que não se usaria mais papel, o meio eletrônico bastaria  
 Falava-se, naqueles tempos, que o virtual se sobreporia  
 Ao menos assim pregavam os gurus da tecnologia  
 E as memórias estariam a salvo para todo o sempre  
 Ledo engano, a plataforma de hospedagem dos sites sumiu, sem se despedir!*

Desespero total. Missão impossível resgatar as memórias digitalizadas com tanto amor e empenho. Pena perder estas recordações dos meus netos quando bebês e, junto, toda a emoção que sentimos na sua primeira infância.

O registro eletrônico destas reminiscências começou em 2002. Assim que soubemos que o bebê da Raquel e do Mario era uma menina e seu nome seria Ana Lydia, comecei a estudar formas de fazer um álbum na internet, que amigos e familiares pudessem ver de onde estivessem – e essa possibilidade de acesso sem limites geográficos era o grande apelo com que a vida digital nos acenava.

A amplitude de horizontes *online* era algo particularmente importante para nós: a Raquel e o Mário moravam em Boston, só retornariam um pouco antes da nenê nascer.

Naqueles anos iniciais da internet no Brasil, sites pessoais começavam a despontar e decidi criar um para minha futura neta. Mas eram construídos de forma trabalhosa, na raça mesmo, e logo percebi que essa não seria uma tarefa simples.

Localizei uma artista americana que fazia composições para sites infantis, escolhi uma que me agradava e iniciei os trabalhos. Fui aprender, com imensa dificuldade, a redigir em HTML, linguagem eletrônica complicada.

Quando a Ana Lydia nasceu, o site estava no ar! O esforço foi grande, mas valeu a pena. Família e amigos participaram da celebração, comentando na área reservada para isso no site.

Três anos depois veio o Lucas, meu primeiro neto menino. Eu

me empenhei em fazer um site especialmente para ele. Desta vez foi mais fácil, conhecia o caminho das pedras. Busquei outras figuras ilustrativas, acrescentei as informações do novo bebê e pronto! Mais uma vez todos comemoraram.

Rafael surgiu dois anos depois. O caçulinha chegou para nos alegrar e eu repeti o processo. Queria um site individual para cada neto. Selecionei imagens para compor os temas, coloquei novas fotos e aspectos inéditos. O site cativou família e amigos, juntos brindamos o recém-chegado.

Mais tarde decidi fazer um espaço único, reunindo os sites dos meus três netinhos. E que desse conta também das muitas particularidades individuais, como em uma só revista eletrônica.

Elaborei um planejamento diferenciado, iniciando pelos temas em comum. Em seguida, viriam os tópicos relativos a cada um. Comecei a trabalhar no site dos três nos intervalos que encontrava entre os compromissos profissionais.

Foi quando, após ficar um tempinho sem mexer nisso, tive aquela surpresa desagradável de que falei: Geocities, a plataforma em que os sites foram construídos, saiu do ar.

Grande decepção não conseguir mais acessar os álbuns, nenhum deles. Tentei recuperar o conteúdo pelos vários meios que conhecia, não havia o que fazer, tudo estava perdido: fotos, histórias da família, os primeiros momentos dos meus bebês...

Enfim, quase perdi o que tinha sido feito. Quase. Eu tinha salvado as imagens finais, daí era só refazer, pensei! Como não havia urgência, fui deixando para reorganizar depois, quando tivesse tempo. Sabia que a tarefa seria demorada.

Retomar os sites não saiu do meu pensamento, por anos a fio. No início da pandemia, resolvi resgatar o projeto. Julguei que teria um bom tempo livre, não poderia sair de casa. Finalmente, tomei coragem para tocar em frente.

Àquelas alturas, já tinha sido conquistada pelos álbuns físicos de fotografia. Todos nós reunimos uma imensidão de fotos digitais, no afã de preservar os momentos vividos. Já me perseguia a ideia de organizar os retratos, antes que a memória de tempos felizes se esvaísse e se perdesse no meio de inúmeros arquivos sem identificação.

Eu havia recém terminado a coletânea de registros de um período muito grato de nossas vidas, quando os netos eram pequenos e

passávamos juntos os finais de semana e férias no pequeno sítio em Salto. Imprimi as imagens digitais em casa mesmo. Criei as páginas, fiz um álbum precioso, que até hoje de vez em quando folheamos, emocionados.

Encarei de frente a missão de reconstruir os sites. Naturalmente isso não foi fácil. Algumas coisas realmente se perderam, lastimei, mas recuperei parte dos elementos originais.

Adaptei nova apresentação gráfica, garimpei de novo as imagens antigas, as fotos de família e refiz os textos – não mais em HTML, com a graça de Deus. E trabalhei inteiramente *offline*, usando os programas tradicionais de edição de textos e ilustrações. Desta vez nada foi colocado na internet.

Na coleta de material para recriar os sites dos netinhos fui auxiliada de perto pelas queridas tias deles. Elas selecionaram, copiaram e me mandaram preciosidades que carinhosamente conservavam. Sem elas, não teria conseguido completar a reconstituição.

Cautelosa, fui salvando tudo. E copiando no velho e bom papel. Já havia aprendido que o virtual é efêmero e a revolução dos computadores não nos livrou da necessidade de manter os documentos físicos, como tínhamos pensado inicialmente.

Com o avanço dos recursos tecnológicos e o crescimento dos netos, usei mais e pedi a participação deles na escolha de alguns retratos significativos. Aproveitei para reproduzir também cenas que me agradam particularmente, em especial aquelas em que aparecem se divertindo com os artefatos que criei especialmente para eles, e mais tarde inspiraram a linha de brinquedos e jogos educativos aos quais me dedico atualmente.

Acabou sendo criado um grande álbum da família toda, ao lado da reprodução dos sites originais. O caderno ganhou enfim seu formato final, com os assuntos assim divididos:

- *Como tudo começou, Raquel e Mário valsando no casamento;*
- *Cara de um... focinho do outro, os três recém-nascidos, milagrosamente idênticos;*
- *Eu me pareço com... pais, tios, avós e primos quando crianças;*
- *Família, cenas dos familiares e antepassados;*
- *Fotos – Destaques, as escolhas deles;*
- *Sites dos Bebês, reprodução dos sites individuais.*

Entre setembro e outubro de 2020 entreguei aos netos cópias



impressas, como presente de aniversário. Foi quando Ana Lydia fez 18 anos, Lucas 15 e Rafael 13. Tomou muito tempo o resgate, 18 anos se pensarmos no intervalo total!

Venceram a persistência e a grande vontade de preservar, com afeto, os bons momentos da vida.



---

**Diva** Maria Tamaro de Oliveira sempre gostou de ler. Viveu de analisar tendências sociais e de consumo, redigindo relatórios e livros técnicos. Agora se dedica a escrever memórias e crônicas. Seu lado B é @divabrincarte, onde cria brinquedos educativos e concilia a experiência de psicóloga da USP com a paixão por artesanato.



# FERNANDO Mauro Marcilio



## A nossa história com os netos

Setembro de 2007, início da primavera. Foi em uma cozinha estreita e durante um papo muito agradável que o nosso amigo sensível fez a revelação, já há muito tempo esperada: vocês serão avós pela primeira vez. A alegria e a emoção tomaram conta dos meus sentimentos. E num pequeno pedaço de papel de rascunho eu escrevi:

*A luz de maio  
A força da natureza  
O barulho de um choro infantil  
A lágrima de felicidade do pai  
O sorriso de alegria da mãe  
O abraço entre os familiares  
O orgulho no rosto dos avós  
A bênção daqueles que já se foram  
O despertar do amanhã  
Bem-vindo, meu neto  
Obrigado, meu Deus*

O meu primeiro maior presente na vida, minha filha Marcia, iria me dar o meu terceiro maior presente: meu primeiro neto. A expectativa ao longo dos meses seguintes foi cercada de muitos cuidados e preparação intensa para recebê-lo.

Naquele 17 de julho de 2008, o sol já raiava no horizonte quando começamos a ouvir um choro de bebê. As lágrimas brotavam dos meus olhos e me impediam de ver pela janelinha da sala de cirurgia o nascimento do Rodrigo. Felicidade máxima minha, da vovó Neyde e de todos os demais que estavam juntos conosco esperando tanto por este momento.

Os meses foram passando, a evolução corporal e emocional ficou evidente, o sorriso foi aparecendo e os movimentos de suas mãos sempre procuravam meus óculos, meus cabelos ou minhas sobranceiras, que eram suas preferidas! Rodrigo não emitia muitos sons e, por um instante, pensei que ele fosse mudo. Mas o tempo mostrou que tudo estava caminhando muito bem. Ele foi crescendo dentro dos padrões normais e logo ouvi a palavrinha mágica que fez novamente minha adrenalina explodir: “Vovô”.

Rodriguinho, hoje com 13 anos, é econômico nas palavras. Sempre que pergunto como foi o dia na escola, o “rolê” com os amigos ou a viagem, ouço sempre uma resposta curta, mas positiva: “Foi muito bom, vovô”. Se não insistimos um pouco mais, acabamos sabendo muito pouco de suas atividades!

Nem dois anos se passaram do nascimento do Rodrigo e fomos novamente surpreendidos com a notícia de outro presente incomparável: seríamos avós pela segunda vez. Em 2 de julho de 2011, a história se repetia. Com uma aparência bem diferente da de seu irmão Rodriguinho, nascia o Henrique. Com seus vastos cabelos loiros encaracolados e um choro vibrante e forte, deixava claro: “Cheguei”!

Deus nos presenteou com essa segunda grande emoção. A alegria tomou conta da família.

O Henrique foi um moleque que aprendeu rapidamente as manhas de uma criança sapeca e que se desenvolveu de maneira precoce. Esperto, rápido, dinâmico, gostava muito de ser pego no colo e sua preferência sempre foi por mexer nas minhas orelhas.

Ávido pelo saber, Henrique sempre gostou de olhar meus troféus de pôquer e fez questão de aprender a jogar. Com menos de 10 anos e com o espírito sempre pronto para competições, invariavelmente ele reúne a família para jogar algumas rodadas. Sagaz e com uma estrela brilhante de sorte, muitas vezes é o ganhador único.

A convivência com eles nos ensinou a lidar com duas personalidades bem diferentes. Um, o Rodrigo, mais calmo, observador e obediente,

o outro, o Henrique, elétrico, sagaz e traquinas ao máximo. O tempo é implacável. Os anos foram se passando e as alegrias, multiplicando. Nossa presença, minha e da Neyde, sempre foi constante, acompanhando os eventos escolares e as atividades esportivas. Nossos encontros familiares de fim de semana, felizmente, eram muito frequentes.

Pouco tempo depois, a Marcia iniciou uma nova gestação, dessa vez de uma princesinha que viria para embelezar definitivamente o ambiente familiar. Infelizmente, complicações interromperam a gravidez e todos nós aceitamos os desígnios de Deus. Naquele tempo, eu já com mais de 65 anos de vida, agradecia diariamente a Deus por ter me permitido viver alguns anos muito felizes ao lado dos meus dois netos.

Quando pensamos que a fábrica da Marcia estava fechada, eis que outra vez fomos avisados da chegada de mais um herdeiro: Gustavo estava a caminho! Novamente a emoção tomou conta do meu coração e aflorou meus dotes poéticos. Foi quando escrevi estas palavras:

*Você me segurou aqui por mais algum tempo  
Já estava perto o momento de ir embora  
Mas a notícia de sua vinda me deu alento  
E então eu aceitei em prorrogar a minha hora*

*Já tinha tido a felicidade  
De poder acompanhar a evolução do Rodrigo  
Tive a sorte de ver a outra maternidade  
Através do Henrique, um novo amigo.*

*Bastava apenas olhar para eles  
E um sentimento de alegria brotava  
Meu coração era deles  
E nada mais da vida esperava*

*Agora vou me transformar novamente  
Minha vida renasce para mais uns anos  
Sua chegada, Gustavo, me torna tão contente  
Que vou derramar lágrimas pelos oceanos*

*Mais uma vez agradeço  
Por terem me dado tanta alegria*

*Com certeza teremos mais um travesso  
Que vai estremecer minha aposentadoria*

*E Deus vai ditando o caminho  
Sempre abrindo novo horizonte  
E vocês, Rodrigo e Marcia, cuidando de seu ninho  
Alimentando de amor sua fonte*

Gustavo chegou no dia 28 de junho de 2015. Já no nascimento, se mostrou um misto dos dois irmãos. Demorou um pouco para chorar, mas quando o fez, foi com muito barulho e força. Era moreno e já veio ao mundo com muito cabelo preto. Diferentemente dos hábitos dos outros dois irmãos, ele sempre gostou de estar com as mãos entrelaçadas com as nossas.

Tudo se renovou. Tínhamos a felicidade de poder reviver os tempos de ter um “bebê” para curtir, enquanto mantínhamos a nossa atenção na evolução dos outros dois, já em novas fases.

O Gustavo, apesar de se espelhar nas atitudes do Henrique, sempre se mostrou muito amoroso e respeitador das orientações familiares. Tem, afinal, sua própria personalidade, diferente das dos irmãos.

Hoje, já com 6 anos, Gustavo se tornou uma criança obediente aos pais, amoroso com os irmãos e demais familiares e aprecia a companhia dos amiguinhos da escola e do ciclo de relacionamento familiar. É bastante metódico tanto nas atitudes quanto nas conversas que mantém com a gente e interage o tempo todo!

E o tempo não para. Já se passaram mais de 13 anos do primeiro evento. Sempre estivemos presente em suas vidas, mas a vovó Neyde foi quem constantemente esteve ao lado deles, atendendo a todos os desejos, que vão do simples pedido de uma brincadeira, jogo, passeio ou comida especial até dormir junto com eles quando os pais saem com os amigos. O amor pela vovó Neyde é tanto que se você perguntar a algum deles qual o nome de seu avô, pode ser que respondam: “Vovó Neyde”!!!

Graças a Deus, mesmo com idades tão distintas (hoje estão com 13, 10 e 6 anos), eles continuam sempre querendo ir à nossa casa. Discutem para saber quem vai dormir na casa da vovó Neyde. E tenho certeza de que se um dia qualquer um dos três for agraciado com algum prêmio significativo, irá dizer: “Ofereço este prêmio à minha querida e amada Vovó Neyde”.

Do outro ramo da família, do meu filho Fernando, apesar dos seu quarenta anos e alguns relacionamentos, não tivemos notícia de nenhum novo neto, porém como diz o ditado: “antes tarde do que nunca”, ainda acreditamos e torcemos por este acontecimento.

Enquanto isso, o tempo continua implacável. Mas continuamos aqui resistindo a todas as inúmeras adversidades apenas para ter a oportunidade de mais alguns momentos de grande felicidade ao lado deles.



---

**Fernando** Mauro Marcilio, 72 anos, é pai de Marcia Cristina e Fernando Filho e tem três netos, Rodrigo, Henrique e Gustavo. É formado em Engenharia Eletrônica pela Mauá, atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro, foi professor e palestrante. Criou, para o BCN, a metodologia hoje denominada “Poupança Dia a Dia” e geriu várias empresas voltadas a negócios pioneiros e inéditos, com destaque para “Nova de Novo” e “Aguacerta”. Plantou uma árvore e também escreveu livros. Ainda atua no mercado de novos negócios buscando oportunidades relacionadas à tecnologia de ponta.



# Francisco Miragaia Peruzzo (TITO)



## Emoção que não se descreve, sente-se

É devido a esse sentimento mágico que resolvi relatar aqui alguns dos momentos maravilhosos vividos através de alguns diálogos entre vovô Tito, Pedro e Joaquim.

Pedro fez 6 anos no dia 25 de agosto de 2021 e Joaquim, 3 anos no dia 4 de setembro de 2021. Nossos diálogos começaram quando ia buscar Pedro na escolinha. Que delícia!

Durante o trajeto sou bombardeado com questões das mais variadas. Eis que um belo dia ele me pergunta:

— Vovô, o que é pegar fogo?

Pensei um pouco e respondi se ele já havia observado seu pai pegar fogo em uma churrasqueira, ou sua mãe pegar fogo no fogão para fazer comida? A resposta foi rápida:

— Vovô, não é isso que perguntei!

— Desculpe, o vovô não entendeu sua pergunta.

— Vovô, é porque hoje a professora falou que quando eu junto com o Lucas a gente pega fogo!

— Ah, então no seu caso pegar fogo é o mesmo que fazer bagunça.

## A construção da pipa Maranhão

Certo dia resolvi convidá-los para construirmos uma pipa (no meu

tempo chamávamos papagaio). Arrumei varetas de bambu, comprei cola, papel celofane, carretel de linha no 10 (a mais indicada) e lá fomos confeccionar uma pipa para a qual demos o nome de Maranhão.

Durante a construção explicava aos dois o porquê de cada etapa. Ao terminar a confecção, Pedro faz uma pausa e me diz:

— Vovô, você é professor, escreve livros e ainda sabe fazer pipa. Você sabe tudo, vovô?

Minha resposta foi dizer a ele que para ser professor e escrever livros eu precisei ir à escola, fazer novas amizades, prestar muita atenção durante as aulas, estudar bastante, superar dificuldades e sempre que necessário buscar nos livros aquilo que não sei. Afirmei a ele que o vovô não sabe tudo e, quando não souber responder de forma correta a uma pergunta dele ou do Joaquim, jamais darei como resposta “eu acho”. Vou buscar em livros, aprender e responder da forma correta.

## **E o músico estava desprevenido**

Estávamos hospedados em um hotel na cidade de Campos do Jordão (2018). Após o jantar nos sentamos num enorme salão no qual havia um pianista se apresentando. Num intervalo, Pedro (3 anos na época), encantado com o músico, se aproxima pedindo para que ele cante “Carinhoso”. Ele começa a cantar e pede para que Pedro fique ao seu lado. Ao término, olha para o menino e pergunta:

— O que mais você gostaria de ouvir?

— Phil Collins, diz de imediato.

Surpreso, o músico responde que não tinha Phil Collins no seu repertório. Imediatamente Pedro sai aos prantos, volta a nossa mesa e reclama que quer Phil Collins. O pianista, atônito, sem saber o que dizer, se desculpa dizendo que nunca imaginaria tal pedido vindo de uma criança!

Pedro e Joaquim têm através dos pais e avós o estímulo necessário para aprender a distinguir o que é uma boa música, mesmo que não seja para crianças.



## A lição dada pelo antigo restaurante Calabouço

Aos 17 anos, saindo de Birigui (SP), fui morar no Rio de Janeiro. Meu almoço era feito no famoso restaurante estudantil da época, chamado Calabouço, o “Calabra”, apelido carinhoso dado ao restaurante de qualidade para lá de duvidosa e palco de grandes manifestações estudantis. Durante as décadas de 50 e 60, era oferecida comida barata para estudantes de baixa renda, que pagavam na época 50 centavos por um prato. A comida servida num galpão enorme e quente era péssima. Ali, vivi cenas assustadoras, porém no dia a dia acabei me habituando.

Acostumado com a comida feita em casa, surge meu primeiro e grande desafio. Aconteceu logo na primeira refeição no Calabra. Um pouco assustado com a grande movimentação e receoso com o que enfrentaria. Confesso que eu era um garoto enjoado com comida, “nojento” mesmo. Entrei na fila e percebi que além do arroz e feijão preto era servida uma fatia de lagarto (parte da coxa do boi, de fibras longas, utilizada para assados, rosbife, ensopados de panela e carpaccio).

Me servi de arroz e feijão e, curioso, observei por uma fresta no interior da cozinha a pessoa responsável por fatiar o lagarto. Na sua mão direita havia uma faca e na esquerda, sem luvas, segurava o lagarto para fatiá-lo. Devido ao forte calor, ele estava completamente suado e, vez ou outra, limpava com a mesma mão que segurava a carne para o corte, o suor da testa. Saí da fila, decidido a não saborear a tal iguaria que recebia um toque final de tempero antes de ser servida.

Contabilizei os trocados que dispunha e decidi que além da passagem de volta para Copacabana ainda daria para comprar dois pastéis, no boteco ao lado. Comprei um de carne e um de queijo e novamente fui para a fila. Me servi no bandejão com arroz e feijão e lá fui eu me acomodar para matar minha terrível fome. Segunda catástrofe: ao abrir o primeiro pastel, visualizei no seu interior um chumaço de cabelo.

— Que saudades da comida da minha casa!

O segundo pastel estava aparentemente comível e ali começava uma nova fase na vida do garoto enjoado e nojento vindo de Birigui.

Pedro e Joaquim adoram essa história e pedem para repeti-la sempre que eu digo para que não sejam enjoados e comam os alimentos mais variados presentes na mesa. Faço imitações da situação e os

dois se deliciam com muita gargalhada e sempre pedem para ouvir novamente a história. Acho importante repetir essa história para que eles entendam a importância de se alimentarem bem.

### **A esperteza em relação ao mágico**

Marquei com várias crianças uma sessão de mágica. Após um treinamento da demonstração, reuni várias delas para o evento. Fiz uma apresentação inicial dizendo que eu me chamava Titossauro Megalodonte Pistórius e fazia parte como mágico do Circo de la Luna. Terminado o evento com muitos aplausos, Pedro me chama em um canto e discretamente diz bem baixinho:

— Vovô Titossauro, sua mágica foi boa, mas eu percebi que você deixou aparecer em sua mão o papel que deveria ter sido colocado dentro da garrafa. Eu também percebi que já tinha um outro lá dentro.

— Parabéns pela sua ótima observação, Pedro! Você será meu convidado como treinador e assistente para as próximas apresentações.

### **A escada do aprendizado**

Ao tentar ensinar algo novo a eles – como futebol, bater bola no chão como no basquete, peteca, andar de bicicleta, natação, xadrez, empinar pipas, etc. – sempre observo que em geral os jovens e as crianças estão mais preocupados em atingir o resultado final, desprezando as etapas intermediárias do aprendizado.

Preocupado com tais atitudes e a importância de evitá-las, tive uma ideia e juntamente com os dois resolvi colocá-la em prática. Fiz uma analogia relacionada com a subida dos degraus de uma escada. Comecei dizendo:

— Você sonhou em ganhar uma bicicleta. Ao recebê-la significa que foi superado o primeiro degrau da escada.

— Em seguida, para sua locomoção, será necessária a colocação de rodinhas laterais. Esse seria o segundo degrau da escada. É nesse degrau que se encontra o Joaquim, disse a eles.

— Quando, depois de muito treinamento, for retirada uma e depois a outra rodinha da bicicleta você estará apto a começar a usá-la, pois atingiu o equilíbrio necessário para os passeios que virão. Você chegou assim ao terceiro degrau da escada.

— A partir daí você deverá passear com muito cuidado, respeitando os limites de velocidade e tudo que foi ensinado para que não ocorra algum acidente grave. Assim foi atingido o quarto degrau da escada.

Ao final das observações, perguntei aos dois:

— É possível após ganhar uma bicicleta imediatamente sair andando com segurança (último degrau)?

— Não vovô!

— O exemplo que o vovô deu é muito importante para vocês. Sempre que quiserem aprender ou conquistar algo é importante ter muita paciência, determinação, constância, superação etc.

Vivemos e discutimos muitas outras histórias questionadas por eles, tais como explicações sobre a formação de tsunamis, vulcões, terremotos, raios, fabricação de aviões, automóveis, do tatuzão para construção de linhas do metrô etc. Procuro em todas as descrições explicar com auxílio de vídeos e até mesmo de mapas para que eles possam sair do imaginário e fazer associações com o mundo real.

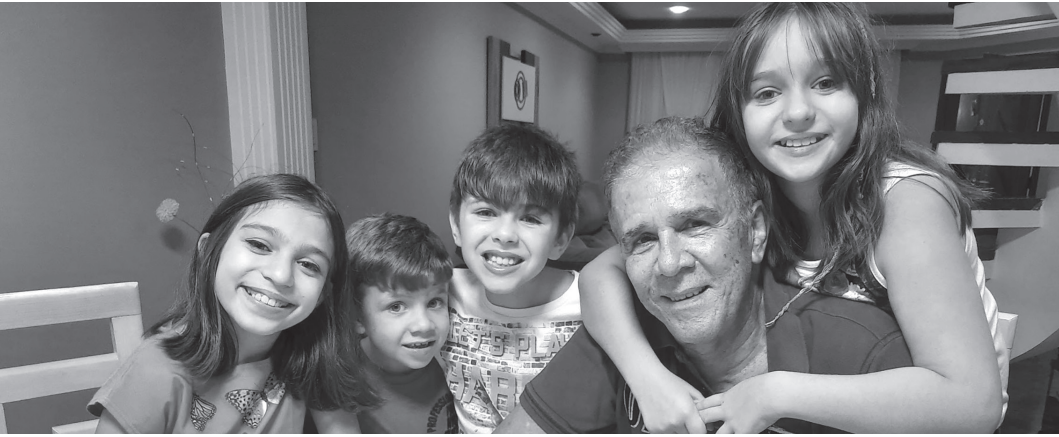
Em tempo: hoje (18 de setembro de 2021) Pedro me pergunta se conheço o músico Mark Knopfler? Respondi que sim e que adorava as músicas dele e da antiga banda “Dire Straits”.

— Vovô, você pode colocar a música “Sultans of Swing”?





# JOSÉ CARLOS Pereira Costa



## Atividades sem fim

À noite, minha avó contava histórias, várias de lobisomem. Durante o dia eu xeretava as galinhas botarem ovos, subia na ameixeira e brincava com tatuzinhos na horta e no jardim. Que saudades da macarronada, da torta de sardinha e da caminha que desmontava sozinha quando eu me mexia!

O sobrado da vovó Elizabeth em Santo André parece com uma casa de netos. Moram na mesma cidade. Tem cachorro, carinho e comida da vovó. Eu moro 20 km distante. Aqui não tem galinhas, ameixeiras ou tatuzinhos. Tem piscina, parquinho, a quadra. Sou um avô moleque e companheiro de traquinagens. Demorei a entender isso e deixar com os pais a responsabilidade de educá-los. Nunca os trouxe para dormir aqui. Sinto, é um vazio existente.

## Os nascimentos

Priscila e Marcelo são meus filhos, meu genro é o Kadu (Ricardo) e Priscila a minha nora. Minha filha foi mãe pelo método de Fecundação in Vitro (FIV) após três tentativas de tratamento fracassadas. Giovana nasceu às 9h29 do dia 25 de maio de 2011, pesando 1,950 kg e 45 cm de altura, Gabriela nasceu no minuto seguinte com 2,050 kg e 45 cm de altura. Nasceram de 36 semanas e ficaram na UTI por cinco dias.

Minha filha foi para casa quatro dias antes, sem barriga, sem bebês e aos prantos. No dia seguinte, voltou para amamentar e ficou feliz quando chegou em casa com as meninas.

Minha nora fez repouso para que o primeiro filho aguardasse o nono mês de gestação e tem na lembrança uma frase do médico: “O Lucas vai nascer ainda hoje.” Chovia muito e no trajeto para o hospital um caminhão colidiu com o carro. Nada grave, mas parecia que ela e meu filho nunca chegariam ao hospital. Na hora do parto, aguardavam meu filho entrar na sala, mas os alto falantes estavam mudos e o médico interrompeu os preparativos para ir procurá-lo na recepção. Lucas nasceu em 12 de março de 2012 pesando 3,100 kg e 48 cm de altura.

Três anos depois, da sala de parto minha nora ouvia um falatório na antessala –parentes negociavam carona em razão dos protestos que ocorriam na Av. Paulista. Logo nascia Renan, em 15 de março de 2015, com 3,600 kg e com 49 cm de altura. Foi um alvoroço quando a TV da recepção mostrou um menino loirinho e gordinho.

### **Espetáculos culturais**

Em 25 de agosto de 2018 levei meus netos para assistir ao espetáculo Princesas e Contos, que mostrava como uma música é executada e qual o som de cada instrumento. Fomos e voltamos na van escolar da tia Lilian. Na entrada uma mureta margeava um plano superior ornamentado com plantas e pedriscos. Prato cheio para os meninos! O Lucas subiu primeiro, foi seguido pelo Renan e espalharam os pedriscos. Pedi para descerem e o Lucas desceu. Renan chorou e Lucas foi intimado a fazê-lo parar. Na antessala havia uma grande fila onde vendiam varas de condão, fantasias de príncipes, de princesas e guloseimas. Nesse quesito eu poderia ter sido mais avô e comprado alguma coisa para eles.

Durante o show, o maestro narrava o conto e conduzia a orquestra. Atores vinham caracterizados de Rapunzel; Branca de Neve e a Rainha Má; Ana e Elza; Jasmine e Aladim; Cinderela e o Príncipe Encantado. Era um ambiente mágico, vivia-se o conto e as crianças gritavam, batiam palmas e anteviam as falas dos personagens. Ao final Renan e Gabriela subiram ao palco para fotos e as princesas paparicaram muito o Renan.

Costumo ir a exibições da Orquestra Sinfônica na Sala São Paulo.

Lá tudo é acústica e a arquitetura lembra os templos da Roma e Grécia antigas. Em 5 de outubro de 2019, levei Giovana e Gabriela ao espetáculo Sinfonia das Bruxas. Na entrada da grande sala, as colunas imensas eram ornamentadas com luzes coloridas. No espetáculo, músicas do repertório clássico, dança e circo foram adaptadas para as histórias do tipo “Era uma vez”.

Encantavam. Cantores e cantoras, bailarinos e bailarinas, com figurinos do reino das bruxas, faziam evoluções ao som da orquestra com obras de Paul Dukas, Tchaikovsky, Purcell, Weber e Gluck. As crianças se agitavam quando os personagens desciam do palco e caminhavam em meio à plateia. Creio que minhas netas não esquecerão.

### **Brincadeiras de ontem e de hoje**

Joguei bola no asfalto, na terra e na grama, com chuva e com sol. Se enlameado, sempre havia uma mangueira para tomar uma ducha na rua. Em 14 de março de 2021, na casa de meu filho, jogamos com as crianças o primeiro futebol de rua. Campo de asfalto e intervalos a cada carro que passava. Eu, meu genro e meu filho ficamos em pé na foto e as crianças agachadas. O Lucas e a Gabriela descalços, o Renan, a Giovana e o Pedro (primo dos meninos) com chinelo de dedo. Fui o juiz, estava longe de casa e não tinha muda de roupa. As mães tiraram as fotos e ficaram na torcida.

Foi divertido ver o Renan correndo e chutando a bola para onde estivesse virado, ver as meninas fazerem o mesmo e várias vezes pegar a bola com as mãos. Os pais tentavam mostrar como jogar sério e os meninos maiores queriam fazer gols. A Giovana foi a revelação quando quis ser goleira e pegou quase todas as bolas. De repente a bola rolou para o meu lado, eu a dominei e ensaiei um drible. Resultado? Fui o único contundido. Caí, ralei o cotovelo e o joelho.

### **Mágicas desastradas**

Em 2021, Dia dos Pais na casa de minha filha. Fim do churrasco meus netos apresentaram números de mágica. Ao menos tentaram. Gabriela se propôs a transformar água em gelo utilizando dois copos plásticos e uma tigela. Um deles continha água que ela derramou no

outro copo, inclinou sobre a tigela e caíram pedras de gelo. Aplausos e gritos. Meu genro quis animar. Bradou para ela inclinar os copos e os balançar, para mostrar que nada restou dentro. Ela o fez e o material que detinha a água no fundo do copo descolou e caiu sobre a mesa. Gabriela ficou muito sem graça!

Já o Lucas colocou três copos sobre a mesa, um de vidro contendo um líquido azul e dois de plástico. Despejando o líquido azul em um dos copos de plástico disse faria mudar de cor. Voltou o líquido para o copo de vidro e ficou verde. Foi ovacionado pela plateia! Em seguida faria o líquido desaparecer jogando-o no outro copo plástico. Virou o copo e o líquido não caiu.

Mas minha nora, entusiasmadíssima, virou novamente o copo e agitou. O material que detinha a água despreendeu-se do fundo do copo e caiu sobre a mesa. Lucas ficou envergonhado!

Giovana montava uma vassoura coberta por um lençol que também escondia sua perna esquerda. Movia a perna e parecia voar. Os outros netos, danados, revelaram como ela fazia. Ficou brava!

### **Dando trabalho para o vovô!**

Em 2021 havia no Shopping Eldorado o Museu das Ilusões, onde brincavam com a mente das pessoas criando ilusões de ótica. Tinha também uma exposição da NASA com diversos objetos relativos à viagem do homem à lua. Seguir um roteiro ou ater-se um tempo maior em determinada atração estava fora de cogitação. Tive de perseguir os netos na maior parte do tempo.

Na hora do almoço escolheram McDonald's. Foi uma loucura! Cada um queria uma coisa, até a atendente ficou confusa. Só não houve problemas na hora da sobremesa. Terminado o almoço, correram em direção ao Playland. Era o que mais queriam. Coloquei créditos em um cartão e dei para eles. Saíram em disparada. Os brinquedos emitiam bilhetes valendo pontos a serem trocados por brindes.

Na primeira máquina, os quatro podiam jogar juntos, cada um era responsável por uma fruta. Era imensa a quantidade de bananas que aparecia e o responsável por elas tinha que apertar seu botão o mais rápido possível. Os quatro entravam em êxtase, o Renan só parava de pular quando aparecia sua fruta, as meninas gritavam muito e o Lucas

a todo tempo incentivava os demais a conseguirem o maior número de pontos. Esgotado o tempo, corriam para outra máquina, mas o Renan tinha suas preferências e, mesmo sem o cartão, ficava apertando os botões de outras máquinas disponíveis. Perdi meu neto de vista mais de uma vez.

— Vovô, quando o senhor vai trazer a gente aqui de novo?, perguntaram.

### Sustos não faltaram

Minha mãe ficou paralisada quando, com três anos, me encontrou brincando agarrado na janela do apartamento em que morávamos! Giovana aos 3 anos cortou-se com uma lâmina e gritava para os quatro cantos do mundo! Gabriela tentou me segurar e caiu junto quando descíamos de mãos dadas uma encosta na Pedra Furada, em Jericoacoara. Minha filha quase infartou!

Lucas escorregou em um degrau da escada e caiu sobre uma mesa quebrando taças de vinho. Parecia sangue, mas no hospital nada grave foi constatado. Renan aos 3 anos escorregou e bateu o supercílio numa pedra. Era bem cedo e todos levantaram assustados. Levou dois pontinhos.




---

**José Carlos** Pereira Costa, 72 anos, nasceu em Santo André em 20 de março de 1949. Administrador de empresas, sempre atuou na área financeira e controle de gestão. Atualmente está aposentado, mas se mantém ocupado como motorista de aplicativo. A filha Priscila deu-lhe duas netas, as gêmeas Gabriela e Giovana; o filho Marcelo, deu-lhe dois netos, Lucas e Renan.





## MARCIA Soares



### Rocco, Lorenzo e Catarina

Quando nos casamos e pensamos em formar uma família acreditamos que os filhos são a maior dádiva que podemos alcançar. Pensamos que devemos passar para eles os melhores princípios de convivência social. Ensina-mos que devem ser honrados, honestos, bondosos, caridosos, solidários e, sobretudo, ter firmeza de caráter. Depois esses filhos vão crescendo e almejamos que eles triunfem nos estudos, se esforcem por uma boa formação profissional, que progridam no campo de trabalho e tenham independência financeira. No que nós não pensamos é na felicidade que chega quando nossos filhos formam a própria família e nos entregam de presente um pacote de amor em dose concentrada.

Esse pacotinho, embrulhado em muito choro noturno, dores de barriga, fraldas sujas em quantidade suficiente para encher um desfiladeiro, é a personificação do sucesso que explode em nossas vidas. É um renascimento e a prova mais definitiva de que existe a vida numa esfera tridimensional onde os avós são a base; filhos, os vértices, e os netos, as diagonais que compõem o paralelogramo.

Os netos se sobrepõem a todo pensamento racional e são o fator de desestabilização em situações complicadas, esquisitas, insólitas.

Quando Rocco, Lorenzo ou Catarina entram nas conversas de adultos e perguntam: “Qui qui foi?” Não há argumento que resista e não seja derrubado por essa intervenção.

Um sorriso, um abraço, um carinho, e estamos todos virando cavalinhos, fantasmas de lençol na cabeça, fazendo concurso de caretas ou o que mais eles desejem.

Porque, por aqui, não temos nenhuma dúvida de que a melhor coisa que se pode conseguir numa família são os netos. Principalmente quando está para chegar à nossa família uma nova neta que se chamará Lilly.

### **Rocco, Lorenzo e a dança ancestral**

— Êêêêê, tchaca bum, tchaca bum, tchaca bum...

— Ôgundê!

— Ratatatata... ratatata... ratatata...

Da janela da cozinha dei uma espiada no quintal para entender o que estava acontecendo.

Aqueles sons estranhos me remetiam a qualquer coisa parecida com um ritual indígena, como a dança da chuva, ou cerimônias ancestrais onde o patriarca invoca os poderes da natureza para harmonizar a espiritualidade da tribo. Eram mais que ruídos, tinham uma sonoridade digna de uma partitura musical com muitos bemóis e sustenidos, colcheias, breves e semibreves ecoando sob o sol quente do fim da manhã.

Uma olhada rápida respondeu à minha curiosidade: três homens lindos, em fila indiana, seguiam imponentes pelo corredor lateral da casa da Sepetiba.

O mais velho à frente empunhava um bastão, devidamente retirado da vassoura de piaçava, que ele batia ritmadamente criando o compasso da marcha.

O segundo em comando empurrava um aviãozinho de madeira, daqueles que batem as asas, e se esforçava para manter as rodinhas no chão.

Por último, o aprendiz de soldado trazia um pequeno cetro, também retirado de uma pá de lixo e uma borboleta de madeira com rodinhas e asas.

— Êêêê... oboiêêêê...

— Subir as escadas e entrar no navio — são as ordens do comandante.

— Lançar âncora e fechar as escotilhas!

Tudo seguido à risca pelos pequenos Rocco, de quatro anos, e Lorenzo, de três.

Capitão vovô Renato segue impávido, dirigindo a tropa com mãos firmes e voz de tenor.

O relógio da cozinha mostra que já estamos no meio do dia, portanto, hora do almoço. Porém, fica difícil puxar para dentro de casa três guerreiros tão empenhados em defender seu território. Mas assim como vovô Renato tem seu arsenal de guerra, vovó Márcia também tem seus argumentos infalíveis, e da janela da cozinha grita:

— O bolinho de arroz tá pronto!

O que se ouve é um estrondo de cajados, cetros, aviõezinhos e borboletas estatelando pelo chão. Tudo jogado de qualquer jeito e os três aguerridos militantes se acotovelam para ver quem chega primeiro à mesa.

Já acomodados, tem início outra batalha: a de quem é mais ligeiro no ataque aos bolinhos. E, o Rocco é sempre o vencedor! Fã incondicional dos bolinhos da vovó, ele acredita que tem preferência sobre os demais e a discussão segue acirrada sobre a quantidade que cabe a cada um!

Mas, como tanto na guerra quanto na mesa, o que tem mais valor é um bom argumento, vovó pede que se concentrem no sabor e comam com tranquilidade.

E assim nosso pequeno exército segue as instruções para poder, mais tarde, depois da soneca do vovô, voltar ao campo de batalha, reabastecer o arsenal, esperar pelo lanchinho da tarde e depois voltar a combater os mais terríveis inimigos!

## Viagem da Catarina

O celular toca sempre no mesmo horário: 19h. Quem já está antenado e sabe do que se trata, entende que a diversão, via Whatsapp, vai começar. Cada dia é uma experiência nova. Às vezes é com bonecas, outras vezes com livros, ou então tomando chá da tarde, sem contar que as aulas de inglês não faltam nunca (incluindo correção de pronúncia!). Hoje foi dia de “pé na estrada”.

— Vovô, vovó, eu quero viajar com vocês!

— Quero ir para muitos lugares bonitos.

Quem não se encanta por um pedido desses? Ainda mais quando vem de uma netinha de sete anos que mora a 10 mil km de distância.

Pedido difícil de ser atendido, ainda mais em tempos de pandemia. Mas nada nesta vida é impossível e vovô deu seu jeitinho de levar a Catarina e a vovó a um lindo passeio.

Cada um na frente do seu celular e o vovô num automóvel imaginário vai dirigindo pelas estradas da mente.

— Para onde vamos, Catarina?

— Pro México!

De onde você tirou essa ideia?

— Do mapa, né vovô! , diz Catarina com seu português misturado e cheio de sotaque.

— OK, coloquem o cinto de segurança e vamos embora.

E assim os viajantes saem de London, Ontário/Canadá direto para uma aventura magnífica onde a imaginação de uma criança e a parceria dos avós se juntam e cumprem a missão de estarem abraçados da forma que é possível.

As paradas são inúmeras (afinal de contas, viajar com criança não é fácil! kkk): para comer, ir ao banheiro, esticar as pernas. Catarina, como boa libriana, vai segurando a batuta desta pequena expedição e o vovô, que é muito bom no “chute”, descreve as belezas e curiosidades do percurso para uma menina extremamente curiosa e questionadora.

E vamos nós rodando pelo mapa que Catarina tem em mãos

Ela quer saber onde estamos, qual o nome da cidade, o que se come por ali, qual a língua que se fala. E neste roteiro virtual, onde tudo é possível, vovô e vovó se tornam os agentes de viagem, guias turísticos, garçons e tudo mais que envolve a missão!

De repente começa bater um soninho e a aventura chega ao fim quando o cansaço vence a agitação dos tripulantes, depois de quilômetros e quilômetros percorridos. Aí então vêm as despedidas, os beijos e os “1,2,3, te amo, tchau”, para desligar o celular a mesmo tempo.

## **Infinita paixão**

A conexão que há entre avós e netos é certamente espantosa, inexplicável. Não somente pelo fato de sermos da mesma família, mas

pelos fios, que como numa pequena teia nos entrelaçam.

Aqui, por exemplo, somos assim conectados como cinco pequenas aranhinhas: Rocco e vovô Renato nasceram no dia 24.

Lorenzo, Catarina e vovó Marcia no dia 12 e ainda mais: vovó e Catarina no mesmo mês! Não é uma coisa incrível? Não há numerólogo que refute a ligação.

E assim, sempre criando novas memórias, vamos amando nossos netos cada vez mais intensamente e esperando que um dia eles também possam viver a grande aventura que é serem avós.



---

**Marcia** Soares formou-se em Comunicação Social/Jornalismo na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), nos anos 70. Fez cursos de Política na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e trabalhou na área por alguns anos. Trocou o jornalismo por uma microempresa por ser mais compatível com criar uma família e três filhos. Hoje considera que tomou uma decisão “mais que sábia”. Conseguiu o que sempre sonhou: um marido maravilhoso, filhos incríveis e, sobretudo, netos adoráveis que são os diamantes do seu colar.



# MARCO ANTONIO Barros Teixeira



## Carta aos nossos super-heróis

Novembro de 2021

Queridos Enzo & Matteo,

hoje queremos dedicar, especialmente, estes momentos só para vocês!

Queremos aqui expressar, do fundo do coração, todos os sentimentos, experiências e aprendizados como seus avós. É, na verdade, uma declaração aberta, espontânea e sincera sobre a importância de cada um de vocês em nossas vidas.

Retrocedendo no tempo, quando eu e sua avó iniciamos nossa história de vida conjugal, apaixonados pelo presente e deslumbrados com o futuro, não imaginávamos a transcendência da expressão “amor de pai e mãe”.

Logo tivemos a felicidade de recebermos nos braços nossas filhas amadas Gislene e Caroline, suas mães, num acontecimento mágico, inigualável e inesquecível. Dois anjos, cada qual em seu momento, vieram preencher nossas vidas de ampliado significado.

A partir daí, de repente, tudo mudou completamente. Ficou maior e melhor! Fomos empoderados pela bênção divina nos dando força, alegria e muita intuição de como trilhar aquele desconhecido percurso como mãe e pai.

Como Lua e Sol de personalidades, vieram trazer luz aos nossos caminhos como genitores, nos ensinando expressar amor através de atitudes de paciência, respeito ao tempo de cada um, curiosidade de como sermos melhores no que fazíamos, levando compaixão a outros pais por meio do compartilhamento de nossas lições.

Percebemos que as noites mal dormidas serviam para acelerar o entendimento das novas estradas a trilhar nesta missão magnífica de aqui buscarmos ser a imagem de Deus.

Nossas angústias no período em que elas adoeciam nos abriram a visão para enxergarmos além e compreendermos que só nos cabia realizar tudo ao alcance para medicá-las e confortá-las. Porém a cura viria como consequência de nossas ações racionais e amorosas, principalmente pelo compromisso divino assumido de, como pais, perseverar e com fé nos deixarmos intuir neste caminho do despertar.

Nos instantes de nossa braveza e irritação, fomos várias vezes quebrados pelo olhar carinhoso e pelo sorriso alegre e meigo de quem, com uma simples frase, nos apaziguava, acalmava e nos encantava dizendo apenas com os olhos radiantes: “te amo!”

Aprendemos demais —e ainda estamos aprendendo—, mas nunca o suficiente para entendermos plenamente essa missão de troca incondicional. Erramos, corrigimos, reaprendemos, choramos, rimos e brincamos como pais e filhos, mas nunca perdemos o foco absoluto de buscar sermos melhores para nossas queridas filhas, e ainda que já grandes... sempre pequenas aos nossos olhos protetores.

Passado o tempo, nossas vidas em família evoluíram e elas, as nossas meninas se tornaram mulheres, multiplicando o fruto, fazendo florescer seus próprios núcleos de cumplicidade.

Então, nossa família cresceu por meio delas, trazendo para o nosso convívio nossos genros Rafael e Rafael. Incrível né?! Ambos com o mesmo nome e comemorando seus aniversários no mesmo mês.

Levamos um tempo para nos acostumar, mas logo nos integramos como família ampliada, pois cada qual com suas manias e virtudes vieram somar e multiplicar nossa capacidade de nos entender e nos respeitar como parentes.

Somos muito gratos à vida por ter nos dados como presentes pessoas

capazes de trazer, carinhosamente, a condução das novas famílias que frutificaram desta união de corpos e almas.

E assim, queridos Matteo e Enzo, neste processo maravilhoso de compartilhar para multiplicar, tivemos a glória de recebê-los em nossas vidas! No princípio, na forma de uma revelação. Depois na forma de uma barriga crescida. Em seguida conhecemos vocês pelas incríveis imagens, ainda indefinidas, de um ultrassom. Instantes emocionantes e mágicos!

De repente, estávamos ali falando com vocês mesmo sem poder tocá-los, abraçar ou de fato enxergar. Nunca esqueceremos esses momentos de pura revelação da força divina materializada. Junto com seus pais, esperamos ansiosos cada dia – e por meses – a chegada de vocês.

Chegaram! O Enzo primeiro. Um ano e um dia depois, o Matteo!!!

Enzo, você chegou frágil no tamanho, mas forte no chorar, branco como a neve e carequinha como um ovo. Ríamos e chorávamos de emoção ao mesmo tempo! Finalmente você estava aqui conosco, havia saído da barriga da mamãe e daquela imagem de ultrassom para os nossos braços, de verdade e de carne e osso.

Portanto, começávamos então a nova experiência não somente como pais, mas como avós de fato e direito.

Fizemos um acelerado curso prático e intensivo de como nos comportarmos dali em diante na nova função. Adoramos o professor: você!

Nem havíamos aprendido as lições iniciais como avós e recebemos mais um presente: nosso segundo mestre, Matteo! Chegou gritando e, oposto do Enzo, ansioso por poder ver a mamãe e logo mamar.

Com vocês tivemos a oportunidade de nos tornamos “tipo pais” novamente e relembrarmos todas as experiências maravilhosas do amor paterno e materno na forma de amor de avós e, espetacularmente, tão intenso quanto nosso primeiro momento no papel de pais.

A cada vivência com vocês nos tornamos crianças a fim de podermos chegar mais e mais perto e nos fazer entender no mundo de vocês. Um mundo encantado, onde tudo poderia se transformar instantaneamente, tanto em formas como em cores e sons! Um mundo fantástico, produzido no imaginário, sem limites ou censuras.



Pudemos entender o que significava a fala de que “os velhos se tornam crianças” e enxergar esse cenário de vida de vocês “de fora da rotina”, sem estresse da vida cotidiana, sem qualquer compromisso com o tempo ou regras. Com muita paciência e satisfação desbravamos novas visões e sentimentos nessa vida compartilhada com vocês, nossos queridos netos, que reacenderam intensas chamas do aprendizado fraterno e sem barreiras.

O amor de pais pelas filhas foi expandido para o amor de avós para com vocês, anjos que tanto preenchem nossas vidas. No início, duas pessoas. E agora vocês, seus pais e nós, seus avós. Num elo de profunda conexão pela eternidade do ontem, do hoje e do amanhã, além do respeito aos ancestrais.

Decidimos escrever esta cartinha para deixar registrado, na nossa ausência, a incomensurável afeição por vocês, Matteo e Enzo, frutos dos nossos frutos pelo toque divino, neste fabuloso ciclo de valores do viver e reviver.

Hoje e sempre, rogamos para que se tornem empreendedores do bem, multiplicadores da alegria e grandes realizadores de transformações do pessoal, do familiar e do coletivo.

Procurem sempre vencer todos os inevitáveis contratempos da vida por meio da busca incessante, persistente e determinada de novos caminhos para a edificação de resultados positivos. E sempre, ao final, não deixem de avaliar o que foi aprendido nessas ocasiões, bem como agradecer o que puderam evoluir como pessoa, família ou equipe.

Ouçam com atenção a sua voz interior sobre as melhores intuições, eco das experiências dos nossos ancestrais, trazendo-lhes o sopro divino de como somar suas forças internas e direcioná-las na edificação das melhores obras do bem, dos valores de caráter e de respeito mútuo. Busquem, constantemente, deixar sua real contribuição para a necessária melhoria da qualidade de suas vidas, agregando, efetivamente, conteúdo positivo de transformação por onde estiverem, passem ou compartilhem a alegria de viver.

Nunca se deixem vencer, mesmo quando houver tropeços. Reergam-se, prossigam em frente à procura da luz que irá lhes orientar e fazer com que não apenas olhem, mas de fato enxerguem além do imediato.

Assim criarão as redes da prática maior e difusa. Dividindo para multiplicar e compartilhando para crescer.

Façam acontecer essa grande e difícil obra de edificar, de fato, todas as boas lições apreendidas nesta magnífica rede da convivência, criando fortes e duradouros laços de construção da felicidade de viver simples, em paz, em harmonia e com compreensão das nossas limitações.

Enzo & Matteo, Matteo & Enzo

Amamos vocês e os amaremos sempre até o infinito.

Dos seus avós

Marli & Marco, Marco & Marli.



---

**Marco Antonio** Barros Teixeira se considera “um jovem de 67 anos”. Nascido em Belo Horizonte (MG) é formado em Engenharia Civil e Matemática e tem experiência profissional como executivo de montadoras de automóveis no Brasil e na Itália. É “muito bem-casado (e apaixonado) com Lili (Marli)”, seu modelo de generosidade, seu guia de amor.



# MARIA DO CARMO Marini



## Dudu

Abrem-se as cortinas

— Senhoras e Senhores, vocês são nossos convidados para assistir a esta peça.

Neste momento, tenho o imenso prazer de apresentar “Um Menino Extraordinário!”

Estreando Carlos Eduardo, o incrível DUDU

### **Cena 1**

Alguém toca a campainha. Já sei que é meu filho e sua família, estou à espera. Corro para abrir a porta com um prazer igual ao do primeiro pingo de chuva num calor escaldante. Quando abro, em vez de quatro pessoas vejo apenas três. Sempre interpreto o papel que se espera de mim, perguntando onde está ele. Os outros fazem o mesmo e me respondem que ficou em casa, encontrou um amigo no caminho ou outras desculpas do gênero. É então que ele sai de trás do pai, passa à frente de todos com seu sorriso satisfeito, mal me cumprimenta e senta no sofá. A cara divertida, de quem enganou a todos é impagável.

### **Cena 2**

Jantar em família, cinco pessoas, os quatro (pai, mãe, JP e Dudu), e a vovó. Conversas diversas, compartilhamento do dia a dia – a troca de

informações é a parte mais importante desse encontro. O que aconteceu no colégio, como foi a atuação no futebol do clube, notícias do dia-a-dia dos adultos... Até que, sem sinal ou combinação, todos se calam por uma razão qualquer. Uma pessoinha levanta da cadeira e fala com voz firme: “Eu sou lindo!” Surpresa engolida, todos concordam. Afinal, ele é lindo, inteligente, criativo, irônico.

Fecham-se as cortinas, deixem as palmas para o final, voltemos ao início da história.

Ele chegou! Dudu, Carlos Eduardo. Olhou em volta e viu pai, mãe, médicos, enfermeiras, todos à sua volta. “Hum!” Pensou satisfeito. “Esse deve ser meu reino, onde eu sozinho dominarei a todos.” Um sorriso malandro ilumina a carinha bonitinha. Trouxe com ele esse olhar curioso, irrequieto, em busca de alguma coisa, que ainda não sabe o que é.

Três dias depois, as coisas mudam bruscamente. Chegando em casa, Dudu descobriu que não era único, tinha um concorrente que já estava estabelecido, pois anos antes já vinha trabalhando na conquista da família. Inteligente que é, percebeu que precisava achar a fórmula certa para se apoderar de um lugar só seu, com sua cara, e tão importante quanto.

Começou observando o outro. “Hum, será que se eu fizer igual consigo meu objetivo?” Complicado, o sujeito maior já estava praticando a arte havia dois anos, tinha estabelecido um arco de confiança e admiração difíceis de atingir. De qualquer forma, iniciou copiando alguns comportamentos, mesmo sentindo-se desconfortável. O pior foi que notou que não funcionavam. Ele era bem diferente.

Aí, decidiu agir de forma completamente oposta, fazendo traquinagens, incomodando o irmão, enfim, um diabinho. Levou broncas, sem entender muito o que podia estar errado. Será que não notavam que ele queria se destacar? Resolveu então começar pelas bordas. A primeira vítima foi a vovó, a mãe do pai, porque a da mãe já havia sido cooptada pelo irmão.

Essa avó foi a vítima perfeita. Achava tudo uma gracinha, fazia o que ele queria – se bem que fazia para o outro irmão também. Aos poucos foi descobrindo outros agrados para a velha, trazendo lembranças de locais em que ia, dizendo que ela devia estar junto, sabe? Essas coisas que fazem avós se comoverem. O resto da família foi sendo acrescentado aos poucos. Entendam, não é que ele não fosse muito amado, ele queria mais, ansiava mesmo por seduzir. Passou a ser o “bebê da vovó”.

Tem situação mais confortável? A avó está sempre pensando qual

é sua comida favorita para ter em casa quando ele vem. A vovó tem a paciência (nem sempre!) de ver séries bobas com ele. Menos aquelas proibidas para os dois irmãos, que eles podem ver em outros lugares, mas não na casa dela. A vovó joga Pokemon com ele, que ensina os truques e sente-se muito esperto (ela é meio desajeitada para o jogo, claro).

Quando entra no apartamento, o sofá preto em frente à TV o acolhe com prazer. São bons amigos, devem conversar numa linguagem própria. Ele senta e imediatamente tira os sapatos. Calçados são uma bobagem, assim como pentear o cabelo. Está no lugar que é seu, um dos espaços preferidos na casa da vovó, onde se acomoda de diversas formas, às vezes com a cabeça para o chão, outras esparramado como uma aranha. Conversa sem tirar os olhos da TV, responde sucintamente a qualquer pergunta que lhe façam.

No entanto, não fica muito tempo sentado. A impressão que passa é que tem um motorzinho em constante funcionamento dentro daquela cabecinha de anjo. Insatisfeito com a TV, ele começa a explorar a casa. Sempre. Visita todos os cômodos e tudo o que encontra de novo merece um exame acurado e muitas perguntas.

Na cozinha, abre a geladeira, o freezer, os armários. Quer saber tudo de tudo. É magro, normalmente não come muito em casa, mas aqui ele fica inspirado, quer tudo e mais um pouco, devora o que encontrar. Parece que vem de uma dessas áreas de refugiados famintos. E sempre quer mais coisas que acabaram, aliás, que ele mesmo acabou.

Sempre usa a camiseta ou a bermuda de trás para diante ou do lado avesso. O fato de herdar roupas do irmão mais velho deve criar a necessidade de se diferenciar. Ser trivial não é com ele! Precisa mostrar suas peculiaridades, embora ainda não saiba exatamente quais são todas. Está construindo essa personalidade extremamente criativa, inovadora, exclusiva.

Carinhoso, cuidadoso, apesar de muitas vezes ficar desatento, às vezes até desastrado, se faz amado de uma forma inequívoca por todos que o conhecem. Sua desatenção só se manifesta para as coisas banais, porque é super ligado no que é incomum, diferenciado, desde uma pedra estranha até o livro dos dragões que a avó trouxe de Londres.

É o ator predileto da família. Adora se fantasiar, usar roupas e enfeites, chapéus, busca uma imagem exótica, uma maneira de ser visto como um ser de outra dimensão. Faz ensaios, pinta a cara, veste roupas que não são dele, quer ser milhares de personagens, busca inspiração nos filmes e

desenhos. Tudo nele remete ao lúdico, ao jogo, ao teatro, à aventura.

Dudu, o cara que acredita que os espelhos foram feitos para ele se olhar, fazer poses, caretas, experiências visuais com ele mesmo. Fica satisfeito quando se vê, sorri, observa ao redor para ver quem está acompanhando a performance. Ele sente que é a estrela do show.

Ama e idolatra o irmão, mas tem ciúmes e não quer que os confundam. Pretende ser tão admirado quanto, mas espera que saibam que ele é completamente diferente, e tem razões para ser amado com exclusividade.

Levou um bom tempo para ser considerado um bom aluno, pois seus interesses múltiplos não contemplavam português e matemática. E porque provavelmente não se propôs a tentar com afinco, com medo de perder a batalha para o irmão. Com o passar dos dias de pandemia, descobriu o encanto das aulas e dos colegas *online* e já comemora bons resultados.

Resolveu ser vegetariano porque alguém deve ter contado que isso é mais saudável. Nada que não permita um belo hambúrguer quando visita a vovó. Ou mesmo um cachorro quente. Ah, quando a avó está no Brasil ele prometeu visitá-la aos sábados à noite para que ela não fique tão sozinha. Isso é generosidade e amor.

Cansou um pouco do iPhone e atualmente vem desenvolvendo suas aptidões artísticas, desenhando formas extravagantes, alienígenas, ainda inspirado por imagens de TV e de quadrinhos, mas já começa a criar um universo próprio. Quem sabe decide fazer um livro com a avó? Ele desenha e a avó resenha. A proposta está na mesa, esperando uma resposta.

Este é Dudu, Cadu, Carlos Eduardo, Um Menino Extraordinário! A avó joga Pokemon com ele, que ensina os truques e sente-se muito esperto.

Agora podem bater palmas, enquanto a história continua. Dudu merece.




---

**Maria do Carmo Marini** é uma engenheira gaúcha, casada com um siciliano. Vive entre Roma e São Paulo. Tem um filho e dois netos. É consultora de carreira, produtora de conteúdo e escritora. Sua família é o porto seguro que ela mantém no coração como âncora. É dona de um eterno otimismo e uma alegria "alíciana", somados a uma curiosidade sobre um mundo de potenciais inexplorados e fascinantes a serem descobertos. Escreveu *Alça de Silicone – Conselhos para Mulheres em Busca do Sucesso Profissional e Carreiras e Futuro – Como construir ou mudar sua trajetória profissional*. Participou dos livros colaborativos *Histórias da Quarentena e Avós e Netos I*.



# MARIA TERESA Hellmeister Fornaciari



## Cancioneiro

Esta é uma história de espirais, sorvetes, laços, fotos, dentes, fadas, bichos, brigadeiros. No início tem cheiro de talco e as ideias são invisíveis, ajeitadas com esmero nas gavetas da cômoda. Dobradas em branco, vazias de versos, transparentes de poesia. Mas como as fantasias têm leveza e passeiam pelas nuvens e brincam com o vento, às vezes elas se cansam disso tudo e vão descendo e bailando, imitando pipas coloridas ou paraquedas imaginários. São tão inspiradoras que não merecem acabar como todo poema com que a gente sonha e, de que não se lembra mais ao acordar. Então elas precisam nascer e ser escritas para as palavras lhes darem concretude, ou seja, fazerem com que seus versos não se dissipem como bolhas de sabão.

Minha cômoda tem seis gavetas. Todas desocupadas, na expectativa de meus sonhos se instalarem ali, cada um a seu jeito, com suas manias e quereres, mas ligados de alguma forma a mim; e eu aguardo por eles descobrindo que felicidade também é sinônimo de espera pelo que preenche lugares significativos. Todo dia, só de abrir aquelas gavetas já vou construindo por dentro um espaço macio, cheio de aconchego, como deve ser o interior do abraço de alguém preparando-se para ser chamada de vovó. Esse lugar se reveste de giz de cera, de almofadas e futtons, de bonecas de pano com pernas compridas, de quebra-cabeças, de Legos, de Pollys, de prateleiras cheias de livros... sim, meus afetos sempre me chegam ligados a palavras dançando, fazendo caretas,

dando gargalhadas. Até que vingam!

Até que a pureza se instala modificando a rotina. E a linguagem reveste-se de comparações: tchau é o mesmo que balançar a mão no ar, passarinho voando; encantamento é acompanhar o cuco sair da casinha do relógio e dizer “cuco, cuco, cucoo”. A vida colore-se de substância, de pasmo, de saudade do que ainda está por vir. E a primeira gaveta preenche-se de ansiedade (como em todas as coisas primeiras), de risadinhas, de privilégio por puxar a fila dos outros caprichos, brincando daquela brincadeira das cadeiras para saber de quem vai ser a vez. Reúne desenhos com rabiscos, corações, cópias interessantes de Monet, Picasso, Modigliani, além de traços mais autorais de fisionomias. E mania de ler, comer chocolate, escrever, fazer origamis, imaginar histórias como a do tigrinho que não queria dormir e a da princesa que não gostava de palácios nem de drones fiscalizando seus passos. “Ela vai ser sua amiga para sempre”, me diziam desse primeiro enlevo. E também para sempre é o amor da Júlia pela cachorra Belinha lá do sítio do vovô.

Quanto brilho de laços, glamour, colares, pulseiras preenchendo a segunda gaveta. Conversas, perguntas, curiosidades. Matrioska. A menininha cresce, caminha através dos espelhos mágicos, se transforma em fada, em bruxa e percorre campos floridos cheios de unicórnios. Quando volta, chega corada e fala sem parar daquelas utopias todas, abraçando nossa realidade com seu vocabulário apurado. Então acreditamos na menininha e nos convencemos de existirem arcos-íris terminando mesmo em potes de ouro. Cheias de luz são suas tiradas desconcertantes e, personalíssimas, seus múltiplos autorretratos com olhares oblíquos, cílios espessos. E a Gabriela continua falando dos chefes da culinária, dos políticos, das nozes, do Palmeiras, da Júlia, de marshmallow, de viagens a Paris. E do requinte que deve ser o banheiro da rainha da Inglaterra!

As histórias gostam de pegar a ponta espiralada da vida para ir girando em torno de um eixo chamado memória. Isso porque a memória desafia, arredonda os segundos, os minutos, as horas, os dias, numa sequência colorida de balanços e volteios de bambolê; e também arquiva pretendendo ocultar, mas os esconderijos não são nada disfarçados: grutas de vidro, cabanas transparentes, cômodas parecidas com a minha, de madeira de lei. Ouvindo uns barulhos, para lá me dirijo pé ante pé e, na terceira gaveta, dou de cara com um quimono de faixa



vermelha treinando karatê: kiai! Um helicóptero passa no céu e o quimono logo o faz pousar junto de seus carrinhos nas pistas de corrida. Importante andar na frente dos enredos, escalar árvores, devorar gibis, vencer as próprias marcas na natação, morrer de rir. Importante catar a bola no gol, captar instantâneos, sem se esquecer de perguntar o que vai ter na hora do café, do almoço, do lanche e do jantar. E torcer para ser comida japonesa ou várias bolas de sorvete, uma de cada cor. E não dormir sem tomar mais um lanchinho e sem ler uma história emocionante com animais sabidos, como o ursinho branco de camiseta verde de Portugal; ele, de tão amigo do Pedro, tornou-se o “Amiguinho” e, de tão esperto, vive ensaiando uns conselhos para dar ao Haroldo do Calvin. Só não sabe como resolver o problema de outros voos chegando aglomerados; mesmo assim, ajuda o Pedro a ficar na ponta do pé para ver o que acontece através de uma vidraça enorme, num lugar povoado de doces pequenezas.

Quem disse que as utopias não se aglomeram? Principalmente se sonhadas sem que o sonhador saiba que as sonha e que as vivencia de maneira venturosa, onírica e real, como convém a todo devaneio. Pois bem, acontecem: a alegria multiplicada chega e não vai embora nunca mais. Entra e reparte-se pelos cantos da quarta gaveta, pelos casos das histórias compridas contadas inúmeras vezes sem que se mude a cantoria. Pois bem, três idílios iguaizinhos, sem tirar nem pôr, preenchendo o mundo como borboletas ávidas de luz: azul, rosa e verde. Juntas andam de põnei, dão milho às galinhas, admiram o carneiro preto de meias brancas, o bezerro, o porquinho bebê; juntas conversam com a Lasanha e o Bolacha do Pedro, com receio de levar bicada. Juntas fazem estrelas na aula de ginástica; vestem-se de Ariel, Rapunzel, Mulan, Jasmine, Cinderela, Aurora, Elza, Anna, Bela, Branca de Neve. Também se tornam bruxas e Smurffetes. Juntas celebram a chegada da fada que deixa moeda a cada dente que cai. Cantam e criam banda: triângulo, flauta e violão. E falam e falam e falam e encomendam bolo de chocolate com cobertura extra de brigadeiro. E cantam e cantam e cantam. E reinventam-se idênticas; mas, com talentos diversos, rodopiam ao encontro de especificidades. Desenham o mundo com minúcias de contornos e corações e mais corações, todos cor-de-rosa. Ou com figuras geométricas e mais algumas palavras explicativas – adoro ler! Ou com rapidez de quem tem muita coisa a fazer. Bailarinamente, Laura, Luísa e Helena descobrem poderem se passar umas pelas outras

e cismam com o destino das duas gavetas ainda vazias, mas essa ideia logo vai embora, pois as quimeras que chegam aglomeradas ainda desejam ficar juntinhas, abraçadas no seu espaço de caminhas baixas e paredes cheias de livros e mais livros com histórias sobre nuvens onde os sonhos passeiam e brincam com o vento.

O carinho se enovela, carregando estrofes que, nesta cômoda de madeira de lei, brincam e crescem e surpreendem com suas travessuras. A vida é palco onde o tempo caprichoso gira a entreter os personagens desta história. Às vezes tento distraí-lo, para que o tempo se esqueça um pouco do tempo, segurando o tempo nas milhares de fotos que vou colocando nas molduras, nos porta-retratos; mas o tempo me faz ver que ao coração emocionado só cumpre mesmo agradecer por todos esses poemas comoventes: Júlia, Gabriela, Pedro, Laura, Luísa e Helena. E agradecer de novo como cantador que não se cansa da cantilena.



---

**Maria Teresa** Hellmeister Fornaciari nasceu em São Paulo, em 1954. Professora durante mais de 30 anos em Universidades e Escolas de Ensino Médio, agora ministra Oficinas Literárias para crianças e adolescentes, o que a inspira escrever para o público juvenil. Escritora, tem livros publicados e premiações em concursos literários, mas considera que sua honraria mais significativa é a de ser avó de seis netos, que a encantam e tornam a vida mágica, epifânica.



# MYRIAN Becker



## O tempo passou e os netos cresceram

O tempo passou e meus netinhos-bebês cresceram.

O contato com os avós já não é mais tão constante, mas estão diariamente em meu coração. Cresceram e se tornaram ainda mais queridos e ... a mais velha, Valentina, tem 13 anos, o segundo, Kenzo, tem 11, e o caçulinha, Vitório, está com 9 anos.

Hoje me deslumbro com a inteligência e perspicácia dessas crianças que demonstram personalidades tão diferentes, mas mantêm a mesma amorosidade de sempre.

### Valentina

Valentina, a primeira bebê da vovó e do vovô, agora é quase adolescente.

Ver uma menina se transformar numa mocinha é surpreendente. É tão rápida a transformação que toda vez que a encontro noto mudanças. Está cada vez mais linda, sempre maquiada e bem vestida. Nunca sem uma bolsinha com apetrechos para se arrumar. Aprendeu a se pintar sozinha (a vovó ensinou o “be-a-bá”) e é ela quem produz sua mãe para ocasiões especiais.

Doce como mel, cabelos longos e grandes olhos castanhos. Ela fala baixinho, tem boas maneiras e se comporta bem em qualquer situação. Nas escola, é a primeira da classe. Aliás, sempre foi.

Além de sua delicadeza e vaidade, Valentina tem um lado quase oposto. Adora cavalgar e é ótima nisso. Tem seu próprio cavalo, o Lord. Faz passeios a cavalo todo final de semana com a família e a turma de montaria. Sabe manejar as rédeas com energia e destreza. Tem uma postura magistral sobre o animal, o que demonstra seu domínio sobre ele. É belíssimo vê-la cavalgar!

Além de montar, sabe muito bem como cuidar de um cavalo, desde alimentar até aplicar injeções e tratá-lo quando adocece. Às vezes, depois de lhe dar banho, gosta de tingir a crina com cores bem extravagantes. É uma amazona e tratadora de primeira linha!

Valentina tem outras habilidades. Ajuda a cuidar da parte administrativa da empresa da família, uma madeireira. Controla recebimento e entrega de materiais, cuida de questões com os bancos, contas a pagar e a receber. É organizada com suas planilhas. Obviamente tem seu salário e não gosta de atraso no pagamento. Trabalha com o pai pela manhã, almoçam juntos e na parte da tarde frequenta a escola. Está na sétima série.

Poucos dias atrás, a família reunida procurava um hotel ou pousada para passar o natal em Ilha Bela. Logo, Valentina entrou na busca on line, junto com o tio, e fez as contas do que seria mais vantajoso, confortável e mais próximo à praia. Acabamos aceitando sua sugestão, que se mostrou realmente a melhor opção de custo/benefício para todos. Até o pai, experiente empresário, aceitou humildemente a proposta.

Mais um ponto para a nossa contabilista!

Contudo, apesar de toda essa responsabilidade, não posso deixar de falar de sua alegria e bom humor constantes.

É uma pequena grande mulher.

## **Kenzo**

Este é o segundo neto muito amado que chamo de meu “Príncipe Oriental”. Mora no Japão com os pais há quatro anos, mas posso acompanhar regularmente seu crescimento e suas atividades através dos vídeos.

Sinto muitas saudades dele. Como mestiço que é, parece uma pintura de tão lindo. A mãe, loira de olhos azuis, e o pai, sansei, com traços bem japoneses. Já dá para imaginar a beleza...

Apesar do pouco tempo no Japão, ele já fala e escreve o japonês fluentemente.

A escola é japonesa, assim como a maioria dos amigos. Foi incrível sua facilidade no aprendizado da língua, bem como sua adaptação e socialização.

Kenzo também está em contato com a língua inglesa, pois no local onde mora, Okinawa, existe uma base americana onde se fala bastante o inglês que, aliás, é matéria obrigatória na escola.

Além de sua facilidade no aprendizado de línguas, Kenzo tem uma preferência notável por geografia e história. Localizar cidades e países no mapa e discorrer sobre eles é uma diversão! Sem contar o interesse pelas estatísticas em geral. Sabe sobre os acontecimentos importantes dos lugares, datas, moedas, número de habitantes... até números de contaminados e mortos pela pandemia. Tem uma inteligência incrível!

Ele também gosta de guardar notas de dólares e yens. Explicou que guarda seu dinheiro em casa porque no banco não rende nada, já que não há inflação no Japão.

Kenzo sabe tudo sobre a sangrenta (como ele mesmo me informou) batalha de Okinawa. Me contou sobre a visita que fez ao Okinawa Prefectural Peace Memorial Museum, onde estão gravados os nomes dos combatentes mortos na guerra. Foram mais de 250 mil pessoas de várias nacionalidades.

Não fosse pouco, quando não está em aula nem passeando com amigos, Kenzo acompanha seus pais em suas atividades na área de turismo, quando levam os visitantes aos passeios pela bela ilha que costuma receber turistas de todo o Japão. Ele conversa com os visitantes em japonês, acrescenta informações e, certamente, encanta a todos.

Assim, embora tão distante, consigo acompanhar a vida do meu querido netinho na Terra do Sol Nascente.

Porém, sonho com o dia do nosso reencontro...

## Vitório

Meu querido neto caçulinha!

Com 9 anos de idade, carinha de bebê, ainda dorme abraçado comigo quando me visita. Temos que expulsar o vovô para outro quarto. Sentir seu corpinho e sua respiração é tudo de bom!

Vitório é bem moleque, mas é adorável.

Fala o tempo todo! Parece que não respira. Só faz uma pausa quando come. Sua cabeça não para de pensar e a boquinha tem que dar vazão aos pensamentos.

O curioso é que na escola, durante as aulas, seu comportamento é exemplar. Não conversa com ninguém. Imagino que no recreio deve compensar o que ficou represado.

Vitório fala bastante, mas é sempre uma boa conversa. Aprende-se muita coisa com ele, pois faz pesquisas no Youtube, sua fonte de informações. É apaixonado pela história do Brasil e pelas guerras mundiais também.

Fascinado pela família real brasileira, ele se diz monarquista. É adepto da mornarquia constitucional e explica os seus motivos. Até já me convenceu verdadeiramente. Agora sou monarquista convicta.

É incrível como pode lembrar de tantos detalhes sobre as informações que obtém. As crianças de hoje em dia são mesmo especiais!

O Vitório sempre quer apostar com alguém que não tenha conhecimento profundo sobre o assunto que ele domina. Aposta dinheiro. Sempre acima de R\$ 20. Ganha as apostas quase sempre. E assim vai enchendo a carteira.

Perguntas do tipo: “Quantos anos durou a guerra dos cem anos?” São pegadinhas nas quais eu caio e fico mais pobre pois, neste exemplo, a resposta correta é: a Guerra dos 100 Anos durou 116 anos, e não 100 anos.

Vitório também recebe uma mesada do pai pelos serviços que faz, limpando a cocheira dos cavalos e dando comida a eles. Quando não quer fazer o serviço, é descontado.

Certa vez, passeando com a vovó e o vovô no shopping, ele parou em frente a uma loja de câmbio e viu os símbolos do dólar e do euro do lado de fora. Quis saber do que se tratava aquela “loja”. O vovô explicou que lá se trocava dinheiro de diferentes países. Ele estava com sua carteira e quis entrar para trocar R\$ 200 por dólares. Como era final de semana, a casa de câmbio estava fechada. O menino ficou desapontadíssimo. Prometemos levá-lo em outra ocasião. Tenho certeza que será uma emoção para ele.

O Vitório, assim como a irmã Valentina e os pais, também anda a cavalo nos finais de semana. Ele tem seu próprio cavalo, o Diamante. Segura sozinho as rédeas, mas cavalga sempre ao lado de alguém do grupo, conversando com quem estiver mais próximo. Por isso ganhou o

apelido de “contador de histórias”.

Acredito que pude demonstrar neste meu conto, como sou uma vovó apaixonada, feliz e orgulhosa pelos meus três netos. Todos saudáveis e inteligentes, que me surpreendem a cada dia. São presentes que a vida me ofertou e me que proporcionam a sensação de continuidade. Tenho certeza de que sempre serei lembrada com alegria e amor.

Que venham mais netos!!



---

**Myrian** Becker, 66 anos é advogada, formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua nas áreas Civil, de Família e Sucessões. Foi assistente no curso de Processo Penal. Realizou trabalho voluntário de assistência jurídica em periferias da zona Sul da cidade. É integrante e co-fundadora do jornal *Cidadão e Repórter*, onde escreve matérias jurídicas. É mãe de três filhos e avó de três netos.



## REGINA Abbud



### Alegria de ser avó: continuidade da história...

Eu tive uma avó maravilhosa com quem pude conviver por muito tempo. Ela sempre volta aos meus pensamentos e é gostoso relembrar todas as coisas que fazíamos juntas, como o macarrão para o almoço de domingo. Descanse em paz, Juanita, querida.

Desde pequena, eu sempre soube que queria ser mãe e, claro, avó! Casei aos 27 anos com o Alexandre, engenheiro agrônomo. Nos primeiros 12 anos de casados, mudamos muito de estados e até de país! Com isso, eu, que queria ter três filhos, tive dois, pois Deus me presenteou com um casal e eu me acomodei! Pude sentir diferentes emoções criando o Guilherme George e a Lia Regina.

Foram excelentes filhos, bons alunos, acompanhavam bem nossas mudanças e, felizmente, casaram-se já formados e entendendo a realidade da vida.

Lia, a mais nova, foi a primeira a casar, aos 26 anos. É jornalista e casou-se com o Diego, da mesma profissão – eles se conheceram na redação da *Folha de S. Paulo*! Nos deram de presente Isabela e Leonardo.

Administrador de empresas, Guilherme casou-se aos 32 anos com a Flávia, publicitária. Eles nos deram três lindos netos: João Pedro, Enrico e Felipe, o mais levado. Enrico é o mais inquieto, e João Pedro, o mais tranquilo!

Isabela fará 15 anos este ano (2021), em 6 de setembro. Nasceu com



39 semanas e meia de gestação, mas nos pegou de surpresa, pois nasceu na parte da tarde após Lia ter passado em consulta médica de manhã e não haver qualquer sinal de contração ou dilatação.

Nesse dia, eu e Lia almoçamos em Moema, passeamos e, na volta para casa, ela começou a sentir um incômodo que se transformou em dor abdominal. Chegamos, ela tomou um banho morno para relaxar, mas Isabela queria mesmo chegar. Após falar com o obstetra, Lia, Diego e eu voamos para a Pró-Matre. Ela já estava com dilatação total e, menos de uma hora depois, às 18h35, nascia a nossa “boneca” em um parto normal! Ela foi algumas horinhas para a UTI, mas, fora o susto, nasceu saudável!

Hoje tem 1,71m de altura, é linda com seus olhos verdes, muito alegre, falante, companheira e amorosa. Dedicada aos estudos, também gosta muito de esportes e de música (tocar e cantar!). Quando ela nasceu, já morávamos em Vinhedo, mas vínhamos para São Paulo de segunda a quinta, o que fez com que eu pudesse acompanhar seu crescimento e ajudar buscando-a na escolinha às vezes.

Teve sua fase de ginástica artística, que agora trocou pelo basquete. Ficou com uma postura linda pelos anos de ginástica! Ela já escolheu várias profissões, entre médica e cantora, mas por enquanto as opções estão abertas! Sua área preferida é a de humanas. Isabela gosta muito de teatro e foi nossa companheira em vários musicais!

Em março de 2006, Guilherme e Flávia casaram e, em 2008, nos trouxeram o João Pedro! Uma lindeza, com muito cabelo escuro e olhos azuis! Estávamos os quatro avós na janelinha da sala de cirurgia do Einstein para ver chegar o meu segundo neto, via cesárea.

É esportista, joga tênis, gosta de água (como todos da família), é apaixonado pelo mar e pela piscina! Tem muitos amigos, pois frequenta o clube, recebe em casa e vai para a casa deles. Gosta, claro, de jogos eletrônicos! Quer ser do mercado financeiro como o pai.

Depois, em 21 de fevereiro de 2010, veio Leonardo, da Lia e do Diego. Nasceu prematuro, com apenas 35 semanas e meia, em parto normal. Com 1,905 kg, teve de ficar mais uma semana no hospital depois que a Lia teve alta. Ela ia diariamente visitá-lo para amamentar e ouvir o relatório médico. Felizmente, ganhou peso e teve alta, trazendo muita alegria para todos. Quando bebê, era muito chorão, nos deixava intrigados pois, do nada, chorava copiosamente. Depois descobrimos que

tinha esofagite e refluxo. Com o tratamento, o choro cessou!

É um menino lindo, inteligente, gosta muito de matemática e faz contas com rapidez. Gosta muito de futebol, jogar e assistir, e agora está se dedicando a aprender basquete. Como os outros, também gosta de água, mas prefere a piscina ao mar.

Pelo que tudo indica, vai escolher uma profissão na área de exatas. É muito organizado, até ao tirar os sapatos e chinelos coloca-os lado a lado desde pequeno, nunca os deixa largados!

Em 11 de julho de 2011, lá vamos nós para a janelinha do Einstein novamente, pois vem chegando o Enrico, o segundo filho da Flávia e nosso quarto neto!

Esse é o mais inquieto de todos! Falante, parece que tem antenas e quer captar tudo ao redor! Olhar maroto, risonho, adora pegar os recicláveis e inventar objetos, voadores ou não. Quando tinha 5 ou 6 anos fazia desenhos e pinturas e queria que comprássemos por R\$10 cada. Valoriza muito seus feitos! Bem, ele tem sangue árabe do lado materno e paterno, e como diz o ditado: “Quem sai aos seus não degenera”! Com certeza sua profissão será na área criativa. Adora água, e tirá-lo da piscina no verão de Vinhedo era uma luta!

Ai, ai, tá acabando minha prole! Em 29 de agosto de 2014, chega o terceiro filho da Flávia e do Gui. Estávamos apreensivos, apesar de o médico dizer que estava tudo bem, porque Flávia foi diagnosticada com toxoplasmose no terceiro mês de gravidez.

E lá estávamos nós esperando na “janelinha do Einstein”. Chegou bem, saudável, lindo, moreno, olhos escuros. Desde pequeno, levanta da cama dele e vai para o quarto dos pais. Quando encontra a porta trancada, bate e fala: “Pode abrir, é o Felipe Hauser Abbud”. Quem aguenta uma criaturinha dessas?

Sempre amoroso, sapeca e difícil para comer até hoje. Gosta de uma bala como ninguém. Passou três anos na escolinha do clube. Em 2021, se juntou aos irmãos e primos no Colégio Dante Alighieri, onde o italiano é estudado até o 9º ano. Após uns 15 dias de aula no Dante, nos encontramos na casa dele e perguntei se ele estava gostando da nova escola. Imediatamente me disse que não gostava de estudar italiano! Eu e o Gui falamos que tínhamos muitos parentes que vieram da Itália e que a língua é muito bonita. Mostramos a árvore genealógica e ele me disse: “Vovó, vou me ‘esforçar’ para gostar do italiano”!

## **Nannai - Muro Alto (PE)**

Um dos passeios mais marcantes que fizemos foi em 29 de setembro a 6 de outubro de 2013, quando reunimos a família toda: 11 adultos, entre eles mamãe, eu e minha parte da família, minha irmã Neyde com os seus, e Ana (mãe do Rodrigo, que é marido da Márcia, minha sobrinha), além das crianças. Nessa época ainda não tinham nascido o Felipe do meu lado e o Gustavo, último neto da minha irmã.

O lugar é lindíssimo, o hotel com um serviço exemplar, acomodações e refeições muito boas. Tivemos sorte com o clima e pudemos brincar e curtir sol, mar e piscina todos os dias! Foi um convívio ímpar: ficamos voltados uns para os outros sem preocupações externas. Curti muito nossas crianças!

Mamãe estava com 86 anos, em boa forma e desfrutando a companhia dos seis bisnetos que tinha à época.

Era uma farra no café da manhã, petiscos na piscina, lanche da tarde com a famosa fila da tapioca e o jantar. Na última noite, encomendamos um bolo de aniversário e cantamos parabéns para os aniversariantes de setembro: eu, Isabela e Rodrigo!

## **Páscoa, Natal e feriados**

Vivemos em Vinhedo por 16 anos, e os netos aproveitaram muito a casa, enchendo-a de alegria. Foi muito bom acompanhar os aniversários, Páscoa, Dia das Crianças, das Mães, dos Pais e avós, festa junina e Natal! A oficina do vovô tinha de tudo: skate, patins, tintas, bicicletas, boias.

A Páscoa era aquela folia no sábado à noite! Fazer trilha para o coelho, esconder os ovos, escrever bilhetes agradecendo as cenouras na porta. Domingo cedo era aquela correria para achar os ovos, todos de pijama e nós, os adultos, atrás deles com a máquina fotográfica e os celulares registrando tudo!

Esqueci de contar que um dos meus prazeres é a fotografia (impressa) e tenho álbuns de todos os momentos importantes. É um deleite folheá-los para lembrar os eventos alegres.

O Natal é uma data especial pra mim. Sempre adorei essa época do

ano e enfeitado toda a casa. A loucura com os netos era segurá-los para não abrir os presentes aos pés da árvore antes da noite do dia 24 de dezembro. Neste dia é o aniversário do Guilherme, então a festa é dupla!

Agradeço a oportunidade de deixar aqui registradas as minhas vivências de avó. Escrevi assim para que, no futuro, quando os netos lerem, lembrem de nossos momentos juntos!

Amo vocês mais que tudo,  
Vovó Regina



---

**Regina** Abbud, 74 anos, nasceu no Rio de Janeiro e casou-se com Alexandre em 1972. Em 2021, completaram 49 anos de casados. É mãe de Guilherme George e Lia Regina. Tem cinco netos: Isabela, João Pedro, Leonardo, Enrico e Felipe. É formada em Enfermagem pela Universidade de São Paulo (USP) e trabalhou como docente e na área hospitalar. Morou em Salvador, São Paulo, Miami, Recife, Curitiba e Vinhedo. Seu último trabalho antes de se aposentar e do qual muito se orgulha foi como enfermeira da ONG Anima, dedicada aos cuidados de crianças com HIV.



# SHIRLEY Cupolillo



## No ventre da Matrioska

Para contar a minha experiência de avó, preciso voltar às minhas raízes, à minha ancestralidade, às mulheres que antecederam a minha existência. Nossa jornada começa bem antes do nosso nascimento...

Já cresci me imaginando avó. Ouvia as histórias de Monteiro Lobato e me encantava com a doçura da Dona Benta... do colinho e das narrações que fazia para os seus netos. Cresci sem conhecer as minhas avós. Por parte de mãe — Maria Rosa era o seu nome — fui a única da minha geração a não conhecer seus mimos... minha mãe era caçula de dez irmãos e temporã; já era tia, quando criança... e eu, também, caçula, com um largo intervalo para minha irmã mais velha. Foi natural não ter desfrutado das delícias de vó que irmã e primas contavam. Também não conheci minha avó paterna, Carolina, que faleceu após o nascimento do quinto filho. Minha irmã recebeu o nome dela. Era comum ouvir minha irmã e primas falando da avó Maria Rosa. Eu não tive essas memórias para contar... não conhecia seus aconchegos e colo, mas ouvia atentamente os relatos contados por todas e pela minha mãe... e crescia forjando como seria minha jornada de avó e as histórias que eu também iria contar para meus netos.

Nunca tive pressa para isso acontecer, mas a minha vida de avó começa num acordo entre mim e minha filha Ray, que sempre desejou ser mãe... Eu pediria aposentadoria a partir do nascimento de um neto para ajudar nos cuidados, na formação, nas histórias que seriam

contadas. Minha mãe, Irene, foi muito importante para que eu pudesse exercer minhas atividades profissionais de forma plena, coparticipando na criação dos meus dois filhos Ray e Gio, que gostavam muito de estar com ela, ouvir suas histórias e das guloseimas que preparava. Contava ainda com os cuidados da tia Bela, irmã mais velha de minha mãe, que morava com ela, e ainda da tia Isaura, a mais velha das três (das que estavam vivas), que devido às limitações da sua avançada idade também recebia cuidados. De brinde, o frescor e a alegria das crianças faziam dessa tia um brinquedão interativo. A diversão preferida era “brincar de salão de beleza”, onde cada um ficava responsável por um lado dela: faziam penteado, maquiavam, pintavam suas unhas... cantavam músicas de roda. Era uma alegria só! E assim formamos uma aldeia... uma rede de cuidados e proteção com os mais novos e os mais velhos... vivências com cantos e encantos, onde ser e ter gente feliz era o mais importante. Aprendi que felicidade é encontrar solução para os problemas, criando leveza para lidar com quaisquer desafios, que eram e ainda são muitos. Vale lembrar aqui o dia em que a tia Isaura partiu desse mundo. Ray e Gio, presentes, beijaram sua mão e agradecemos juntos pela sua existência entre nós. E ela partiu leve e suave. Um aprendizado e tanto para as nossas vidas.

Minha primeira neta nasceu e recebeu o nome da minha avó materna: Rosa. Minha filha quis dar o nome da bisavó para homenagear a matriarca — muitas das suas filhas tinham Rosa como um segundo nome, meio que registrando uma dinastia, a das Rosas. Com ela, também nasceu uma avó aqui! Na verdade, encontro dificuldades para traduzir esse sentimento tão desejado, tão sonhado e tão surpreendente. Isso mesmo: surpreendente! Um dia minha filha, carinhosamente, trouxe a informação, com ares de revelação, de que quando eu estava grávida dela, os óvulos, que dariam origem à minha neta, se desenvolveram dentro do “ventre dela, em meu ventre” (os óvulos são determinados no desenvolvimento embrionário da mulher..)!!! Já havia lido sobre o assunto, mas receber essa informação, naquele momento, foi mágico!!! Parecia um encantamento... um reencontro com o antes e depois de mim, uma reconciliação com o meu passado e minha infância sem avós. Sentia-me flutuar sobre os efeitos de um pó de pirlimpimpim, dos mais fantásticos contos da minha infância.

Sempre gostei da boneca russa Matrioska, feita de madeira com várias outras de tamanhos diferentes e menores que se encaixam uma

dentro das outras. Originalmente surgiu no Japão, mas foi incorporada à cultura russa e ali se popularizou. Montar e desmontar a Matrioska me intrigava. E tento, aqui, fazer uma analogia à tradição da figura dela. Ela representa, simbolicamente, a imagem materna, a força, a fertilidade e o amor, traduzindo bem esse sentimento de pertencimento, acolhimento, de fazer parte da parte de alguém e ser fôrma e semente, infinitamente, transcendendo a existência. Uma mulher dentro da outra. Nossa história começando antes de nós e se reescrevendo a partir de nós, a cada geração... quando eu e Rosa montamos e desmontamos a Matrioska (aproveito para contar historinhas), percebo esse movimento da vida, de comunhão com meus antepassados e com quem virá depois... e só tive essa percepção a partir do momento em que me tornei avó.

Esse fabuloso Senhor Tempo se perpetuando e nos permitindo reencontrar e viver novamente, com outras perspectivas, novas narrativas e, com outro olhar, observar o desenvolvimento da sua prole, saber que mais uma parte sua está novamente ali e você segura no seu colo alguém que já esteve antes e antes dentro do seu ventre... Ahhh! Isso é quase uma definição de ser avó... redesenhar seu movimento de dar e receber, perceber a vida e suas tramas com novas descobertas, novos paradigmas, novas aventuras e oportunidades de recontar sua história, a vida te cumprimentando e convidando para brincar novamente, de outro jeito, sem cobranças de performance, sem pressa, o Senhor Tempo mostrando como aproveitar as delícias dessa convivência, os enredos, as brincadeiras... o tempo é seu... Essa parte da história você vai conduzir e contar, assim Rosa, minha neta amada, me fez receber e perceber esse movimento: o ciclo de um amor gigante que cabe dentro de nós sucessiva e infinitamente.

Minha filha veio morar perto de mim para que pudéssemos remontar a aldeia, uma vez que minha mãe, mais frágil e idosa, viera morar comigo. Iniciamos um outro ciclo de cuidados. Quatro gerações juntas novamente. Veio a pandemia da Covid-19 e, com ela, o maior dos desafios e dor/afastamento físico e temporário da Rosa, com apenas um ano e meio de idade e, ainda, a perda da minha mãe, logo no início da primeira fase. Ali parecia que algumas peças da Matrioska haviam se perdido, ficado soltas...

Nos reinventamos nas brincadeiras à distância e, com o passar dos meses, voltamos aos encontros presenciais. As brincadeiras pareciam não ter mais fim! Rosa descobre que a vovó faz delícias, quer também

aprender a fazer bolo, cantar, contar e interpretar histórias, fazer roupinhas para as bonecas, quer tudo! O Senhor Tempo, sempre generoso, nos apresentando novas e novas oportunidades... e lá vem a Nina, a caçulinha, chegando para ratificar essa força e essa resistência. A vida se renovando, mesmo na pandemia, se fazendo presente.

Gosto de conversar com minha filha Rayane sobre a maternidade e sobre as memórias afetivas que construímos ao longo do percurso. Conversamos sobre as lembranças que ela tem dos avós e da infância, dos sabores e aromas que marcaram essa vivência. Refletimos sobre o quanto nos repetimos e reconstruímos em ciclos. Viver a maternidade e exercer a avosidade nos permite inaugurar e reviver, em outros tempos, sentimentos e emoções.

Quando Rosa dorme na minha casa (faz isso muitas vezes) sempre pede que eu conte uma história para ela dormir... a dos Três Porquinhos é a preferida dela (e minha também; afinal são personagens bem próximos da vida real, com defeitos e virtudes, mas com uma alegria contagiante para espantar o medo e enfrentar a vida, cantando). Fazemos força juntas para soprar o sopro forte do lobo mau — aproveito aí para colocar em prática o exercício de relaxamento: inspirar profundamente e expirar, soltando o ar com toda a força! Vuuuuuhhh... O sono vem rápido, muitas das vezes, sem mesmo terminar o conto. Adormecemos juntas. Eu não sei com o que ela sonha... Mas eu retorno para o ventre da Matrioska, me reconcilio com o Senhor Tempo, sinto gratidão por fazer parte do ventre de outras mulheres e, principalmente, por ter tido como início da minha morada o ventre da minha avó, por ter me reencontrado com ela e, ainda, acolher no meu colo outras e outros que virão. Percebo a Matrioska completa, sem faltar nenhuma peça...



---

**Shirley** Cupolillo é bacharel, licenciada em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora aposentada da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. É filha de Irene e Hélio, neta, sobrinha e prima de mulheres fortes, irmã da Carolina. É mulher do Coraci, mãe de Rayane e Giovanni e avó de Rosa e Nina... e quem mais chegar...





# SILVANA Maria Fernandino



## Viagens da vovó

Netos são presentes da vida. Relações tão delicadas e sensíveis que nossos rebentos encaminham, tem nossa raiz, mas como fluem num mundo em constante mudança nem sempre cumprem o nosso desejo de nos tornarmos avós.

Eu propus a mim mesma visitar meus netos. Não suportava mais só apoiar minha filha em tudo. Sentia vontade de ir mais longe. Fazer alguma coisa sozinha. Meu passaporte em dia, faltava meu cartão de crédito internacional, coisa que a gerente resolveria. Meu inglês, de escola pública, mas tirava as melhores notas da sala e sempre gostei de *talk in English*. O frio passando e eu estava indo para Noruega para o aniversário da minha filha e, mais do que isso, conhecer o meu segundo neto.

Daniel já estaria com 2 meses quando chegasse lá. Markus, o mais velho, com 2 anos. Sempre viajei muito a trabalho, mas essa coragem é o máximo para mim. Até porque não se trata de um clima normal. Ainda não tinha feito 60 anos, portanto, sem nenhum privilégio ou, melhor, retorno social. Belo Horizonte, Guarulhos, Amsterdã, Oslo. Eu já tinha uma boa prática com aeroporto. Mas aeroporto grande demais não é fácil. Em Amsterdã, a imigração me pegou. Mas tudo se resolveu. Gostei de todos os voos. Na ida, um casal polonês que abriu negócio no Brasil. Uma mãe e uma filha descendentes de asiáticas iam para Dublin. A volta foi com muitos paulistanos fazendo avenida no corredor.

A imagem de Markus, o mais velho, me mantinha forte. Eu o conheci

com 10 meses, quando veio ao Brasil ser batizado. Já caminhava e falava com a mãe. Parecia com o bisavô Gilberto, meu pai. Uma foto dos dois denunciava bastante os traços. Brincava o tempo todo. Gostou da engrenagem do portão pequeno na casa do meu pai. Subia três degraus da varanda e tirava a tranca do portão. Abria, passava, entrava, trancava. Aí abria, destrancava, fazia o mesmo percurso e descia a escada. A descoberta do ritual era maravilhosa. Quando cansou, descobriu a escada interna da casa em espiral. Corríamos atrás dele o tempo todo, pois queria descobrir tudo. Dez meses de vida, aquela criança linda movimentando uma família inteira, bisavô, avó, empregada, tia, tias-avós, tio-avô, primas-segundas, pai, mãe. Só entendia norueguês. O mundo, aos seus pés.

Em Oslo, já com 2 anos, colaborava com algumas coisas, mas minha filha tinha muito medo de deixá-lo sozinho com o irmãozinho Daniel, de 2 meses. Este era mais lourinho e a mamãe dava toda a atenção a ele. Eu e Markus ficávamos admirando o irmãozinho e brincando com a barriguinha dele, cheirando. Markus tentava imitar todo gesto que nós adultos fazíamos com o irmão. Não é fácil para uma criança receber seu irmãozinho!

Fomos à área de lazer do prédio perto de uma caixa de areia erguida num espaço de madeira. Aí eu vi o quanto meu primeiro neto ainda era pequeno, diferentemente das fotos. Ele tentou brincar com algumas crianças que chegaram lá, mas eram mais velhas e além disso, meninas. A melhor imagem que ficou na minha memória foi a de nós quatro na cama de casal, eu, minha filha, Daniel e Markus de fraldinha em pé circulando literalmente sobre nós.

Meus 28 dias de março de 2012 passados em Oslo com meus netos foram muito bons. Vieram ao Brasil algumas vezes para o batizado de Daniel, Natal e férias.

Voltei à Noruega em 2019. Custei a acreditar. Minha filha se empenhou nessa minha ida. Comprou minha passagem em agosto para que eu fosse dia 10 de dezembro e passasse o Natal e Ano Novo lá. Para ser uma vovó tranquila e apta, providenciei todos os meus exames. Dentário, *check up*, vacina, controle cardiológico, não faltei mais à fisioterapia. Queria estar fisicamente em dia para me sentir segura ao viajar. Depois que coloquei meu cardiodesfibrilador multissítio fiquei um pouco insegura. Fiz aferição antes de ir. Meu médico disse que eu tinha que sentir exatamente o contrário, pois só agora não corro o

risco que corria antes. Passei a conviver com meu cartão de dispositivo, implantável para não parar nas catracas de ônibus, banco, aeroportos. Não ficar na frente de micro-ondas ligado, nem ficar próxima de caixa de som de trio elétrico.

Enfim, muito feliz no voo para Amsterdã dia 10 de dezembro de 2019. Fui com duas 60+, uma paulistana que lembra Isabella Rossellini. A outra, carioca, hippie dos anos 70. Nem senti a viagem. Conversamos muito. Dormimos um pouco. Amanhecemos. Despedi das minhas amigas e mais um voo para Trondheim.

Cheguei na escuridão das quase 16h. O aeroporto fica em Stjoldal, onde meus netos moram atualmente. O único lugar com menos gente desde a hora que saí de casa. Felizmente, vi minha filha. Andamos mais um pouco e lá estavam meus Markus e Daniel, 9 e 7 anos, com o carrinho. Emocionamos.

Dois rapazinhos com o sorriso nos lábios. Minha filha, linda e forte, como sempre resolvendo e solucionando tudo. Markus ao meu lado me amparando com toda graça, parecia um príncipe. Daniel, uma criança, ainda um pouco arredio. Receberam-me com rosas brancas. Foi uma noite festiva. Mesa posta com uma bela pizza gigante e sorvete. Fui me acostumando aos poucos com a casa da família. Tudo muito maravilhoso e muito tecnológico. Eu não sentia frio; melhor, sentia calor. Tomei um mega banho e acordei no outro dia tão tarde que não me lembro mais a hora.

Os pequenos eram a festa, um perto do outro o tempo todo. Briguinhas de vez em quando e corriam para a mamãe resolver. Um dia, jogamos vareta. Noutro, assistimos *Titanic*, entre outros filmes. Um seriado com uma adolescente brasileira. Games, bola, bike, Lego, luta de espada, amiguinho. Jogos de futebol com jogadores brasileiros que jogam na Europa. Desenhos para Vovó. Markus me explicava tudo, alguma coisa em inglês para Vovó e em norueguês para o irmãozinho. Colhia o lixo para a família. Visitamos a escola deles para assistir uma apresentação de Daniel. Fomos a um tailandês, à Kimen Kulturhus, a casa de cultura local. E ao shopping, onde foram gastar o próprio dinheiro, realizando suas vontades.

Bom mesmo era ver os dois à mesa. O caçulinha imitando o papai na hora de comer. Fazia gestos de um homenzinho colocando os temperos, muito independente.

Os dias mais frios foram quando fomos ao parque para as crianças brincarem e o dia que fomos conhecer Nidarosdomen, a Catedral de

Nidaros. No primeiro fiquei um pouco no carro, porque não aguentava. No segundo, fomos a pé para ver essa maravilhosa obra de arte.

De vez em quando, Markus e Daniel pediam para brincar na neve em volta de casa. A familiaridade não deixa que sintam frio na hora, mas é necessário ir muito agasalhado para não dar hipotermia depois. Noutro dia, foram esquiar com o pai.

O que me encantou, entre outras coisas, foi o dia que um filme tinha rápida e suave cena de nudez e Markus, com 9 anos, tirou Daniel, de 7 anos, da frente da televisão, dizendo que não era para a idade dele. A cena foi no filme Titanic quando o ator principal desenha a atriz principal e pede a ela de deixe o colo entreaberto, em seguida, o corpo todo de costas.

Todas as noites, Markus vinha abraçar a vovó com muito carinho. E o menor ficava do lado sem coragem. Eu buscava e sentia seu cheirinho. Vez ou outra, eu não sabia o que comer, aonde. Minha filha e meu genro não estavam em casa e fomos fazer um lanche. Deixavam tudo semi-pronto, mas aconteceu. Muitas variedades diferentes de queijos e embutidos, frutas e folhas. Minha filha procurava fazer pratos como os do Brasil. Fez coxinha da asa de frango assada para nós. Quando eu não estava lá, faziam *live* toda vez que comiam para agradar a Vovó do Brasil.

Um assado fantástico era a carne de cordeiro cozida na treliça de palito de bétula, ou seja, sem tocar no fundo da vasilha. Depois era assada na grelha. E servida com purê de batata asterix gigante. Completavam com arroz doce quase sem doce com amora do campo. Prato típico da Noruega que os pequenos ficavam muito entusiasmados e felizes em saborear.

Mas basta a troca de amor grande pelos nossos rebentos e suas crias.



---

**Silvana** Maria Fernandino escrevia já na infância. Autora Independente pela Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP-MG). Especializou-se em Ensino de Artes Visuais UFMG, Assistente Social por graduação. Participou das coletâneas *O Livro da Inspiração, Imagens Textuais de Sabará/MG, Histórias Afetivas de Leitores de Bibliotecas de Belo Horizonte*. Participou do Fórum Transdisciplinar “Pensar a Mulher”. Tem poemas no Museu Mariano Procópio de Juiz de Fora (MG), foi finalista no 1º Concurso de Vídeo-Contação de Histórias no Instagram Estação Ecológica da UFMG e tem vídeo-conto selecionado no [www.portalsabiá.com.br](http://www.portalsabiá.com.br).



# SIOMARA Kogan



## Afeto superlativo

Sempre foi um sonho. E finalmente a frase mágica um dia chegou: “Mãe, você vai ser vovó!” De um minuto para outro toda uma nova realidade se descortina! E imediatamente já estamos amando aquele serzinho! Uma alegria imensa e o nosso coração batendo mais depressa! Um presente na nossa vida!

A partir deste momento, o compartilhar com a família, ver minha filha com sua barriguinha crescendo, comprar roupinhas, brinquedinhos, curtir a preparação do quartinho; enfim, tudo para receber o nosso amorzinho!

E chega a nossa Loreninha! Linda, super esperta, logo queria sentar! Ir buscá-la na escola, ficar assistindo a aula de natação...

De repente, cinco anos depois, para minha alegria, novamente ouço aquela frase: “Mãe, você vai ser vovó!” E a espera da minha segunda netinha começava.

E chega a nossa Yasminzinha! Tão querida e tão meiguinha! Agora são duas para acompanhar, em fases diferentes.

Podem chegar confiantes minhas queridas, porque tem muito amor esperando para vocês receberem. Primeiro da Carolina e do Guilherme, pais brilhantes e amorosos, se prepararam para o parto em casa! E Lorena e Yasmin nasceram pelas mãos do pai! Que momento abençoado com cada uma! Linda esta cumplicidade dos pais. Eles têm amor de sobra e carinho por toda a vida para as duas!

E tem o amor da vovó que as esperava tão ansiosamente! Lorena e Yasmin

preenchem esse lugar que já era delas desde que estavam sendo geradas. Agora entre nós dão novo sentido a minha vida! Logo que cada uma nasceu eu olhava para aquele bebê e o sentimento era: “Como pude viver até hoje sem ela?” O mesmo sentimento que tive quando cada uma das minhas filhas nasceu! Num instante já se integram em seu lugar previamente destinado!

Uma delícia os primeiros sorrisinhos, as primeiras palavrinhas! E quando falam: “Vovó”! É uma sensação maravilhosa!

Tive que reaprender várias coisas, muitas mudaram: abotoar o cinto de segurança da cadeirinha do carro, novos modelos de carrinho para passear, roupinhas mais práticas e brinquedos feitos com mais cuidado para não machucar os bebês!

Muito gostoso buscar a Loreninha na escola, assistir a natação, tomar lanche, ficar brincando e assistindo desenhos em casa enquanto os pais trabalhavam, ir ao shopping! Depois que a Yasmin nasceu, ela começou a fazer parte dessa programação e de atividades mais apropriadas para sua idade. Brincávamos também no parquinho, passeávamos de carrinho, colocávamos os colchões no chão e ficávamos saltando. Elas adoram o mar e aproveitam muito.

Minha filha e seu marido queriam ir para outro país para trabalhar e estudar. Decidiram ir para Austrália. Foi um choque! Ir para tão longe! Mas amar os filhos é apoiá-los! Carolina foi aceita para lecionar Sustentabilidade na Torrens University e seu marido foi aceito na Macquarie University para fazer seu doutorado.

As meninas aqui estavam na escola Waldorf e continuam na Austrália também, com a mesma linha de ensino, o que facilita muito a continuidade dos estudos delas. Três meses depois que partiram, fui para lá e passamos dias que não vou esquecer nunca! As professoras foram muito simpáticas em deixar que eu ficasse na escola alguns dias, compartilhando do dia a dia das minhas netinhas.

No segundo semestre eles vieram, ficaram alguns meses em minha casa de forma que eu estava muito unida com as meninas. Chegou a hora de retornarem para Austrália. Dessa vez a despedida foi pior. Disse a elas que estavam indo, mas o quatinho delas estará sempre arrumado.

Logo depois eu iria para lá, porém fomos surpreendidos pela pandemia.

Afinal, estamos há um ano e meio sem nos encontrar. O que me conforta é que eles têm ótima qualidade de vida. Ar puro, água, segurança. Ótima escola e atividades na natureza com muita liberdade. Felizmente existe *video call*. Minha filha tem procurado amenizar o máximo possível esta

situação. Liga vários momentos do dia para participarmos das atividades das meninas.

A Yasmin está agora com 4 aninhos e a Lorena com 9. Tudo que compram para Yasmin ela diz: “Foi minha avó que me deu!”, além de que às vezes acorda durante a noite e pede para ligarem para mim. Ela faz o chá das bonequinhas e tem um escritório que ela mesma organizou! A escola fez Jogos Olímpicos e Yasmin ganhou uma medalha, mas fala que é uma moeda. Ainda mistura um pouco português e inglês, chama o pai de “Dai”. Elas fazem desenhos com mensagens super carinhosas, trabalhos de arte na escola e me mostram pela *video call*. A Loreninha tem habilidades incríveis com as mãos: costura, faz bolsinhas de crochê e cachecol! Ela está aprendendo chinês na escola, fala e canta que é uma gracinha! Ela põe a irmã na prancha e vai remando!

Estamos com muitas saudades!

No início de 2022, estaremos juntos! Se Deus quiser!

Agradeço à Carol e ao Guilherme pelas netas maravilhosas, à Lorena e à Yasmin por me aceitarem e a Deus por permitir tanta felicidade!





# TÂNIA Veiga Hjertquist



## Avó em tempo de neta

Falar de avós!  
Falar de pais!  
Falar de netos!  
Falar da avó Sebastiana!

Tem lembranças, memória, histórias, sorrisos, gargalhadas, castigos, aventuras –muitas aventuras– tem amor, admiração e aprendizado. Pouco e tudo para falar da avó.

Conta ela que tudo começou eu bem pequenina. Bebê ainda, mal sentava, mas no seu colo eu já estava. Seu filho se tornara pai, o amor concretizado de geração em geração. Eu a primeira a chegar: a menina, neta primogênita. Carinhos lhe dava, a pele de seu rosto eu marcava, o amor registrado. Ela era minha avó. Minha, só minha.

Por onde começar, meus olhos buscam na memória. Sim, meus olhos buscam. Está tudo ali gravado, fotografado, sem tempo, sem data, sem idade, ou local, são meus esses momentos com ela. Minha avó Sebastiana traz Ana no nome, traz o sagrado, a venerável, a gloriosa mulher. Com ela meu crescer, meu aprender, minha liberdade ousada, tão pequena ainda, meus caminhos infantis, juvenis. Falar dos meus netos sem falar de minha avó eu não conseguiria.



Avó Sebastiana. Sua casa, seu jardim, suas flores, seu pé-de-fruta no quintal resplandecente na cor e no perfume. Perfume em seus lençóis a quarar na bacia e ao vento nos varais, perfume que sinto ainda de suas roupas, gavetas, do piso reluzente. Vestidos, saias, blusas, casacos cheirosos e bem alinhados. É a roupa de domingo para ir ao culto, tiaras no cabelo, coques presos na ramona, o perfume, as mãos calejadas do trabalho não afastavam o carinho, o cuidado, segurando a pequena mão da neta. E lá vamos nós ao culto, ao lar de velhos ou à feira, padaria, mercado municipal e lojas do comércio. Aventuras, férias, vida, celebração do amor.

Perfume de suas panelas, fogão a lenha, vermelho da brasa a queimar. Banquinho para alcançar o fogão e a pia. A menina fixa o olhar e nada a acrescentar ou a roubar o momento mágico dos saberes e sabores que vem através dos gestos simples e precisos da avó. Seus quitutes nas panelas, arroz, feijão, batata, mandioca, quiabo, abóboras, chuchus. Cebola, alho, bem fritinhos, acrescentar óleo, sal e pimenta do reino, que não pode faltar. Ela parecia cantar. Não esquecer do louro, tem também a salsinha pega lá na bacia do quintal, mágicas receitas de cura usadas hoje pela neta. Salada de tomate com cebola, óleo, limão, pitadas de sal e pimenta do reino, avó a cantar.

É dia de bolo, farinha, ovo, leite, manteiga, açúcar, fermento de afeto fará o bolo crescer. Bate, bate. Unta a forma, coloca para assar, minutos que não passam. O que se tem a fazer? Lamber a bacia de bolo, a raspa na tigela, disputa na certa com quem ali junto está. Cheiro do café, as mágicas do sabor não cessam, doce de abóbora com coco, cocadinha seca e manjar.

Trouxe o coco ralado da feira de domingo. Sinal certo cocada a chegar. A menina na feira, a feira na menina, tantas cores nas frutas, legumes, tudo quer comprar. A sacola carregar, maior que ela, o peso, o volume, nada a declarar. Vai carregar, arrastar, até que a mão firme da avó toca a mão da menina, sacola troca de mãos.

Cocada branca, anuncia a avó. Hoje tem! Pega o coco, o açúcar, coloca na panela, o ponto logo chega. O perfume está no ar. Bate, instrumento que toca certo para o ponto chegar. Joga na pedra fria, espera esfriar cortar. Triângulos mágicos brancos surgem, flocos de neve. A neve da Suécia dos relatos do avô.

A cozinha, o lugar das magias aprendidas com a avó agora passadas para minha neta primogênita Manuela, ela em Paris quer

morar, confeitaria aprender. O apreço, o olhar sobre as panelas, a transformação vinda através do fogo do amor, do perfume, temperos e especiarias, o mesmo amor vem de sua mãe, o prazer de cozinhar e servir. Iniciado na avó Sebastiana para neta Tânia, passa à bisneta Marina e chega agora à tataraneta Manuela. Imagina só!

Pega a raspa, lambe a raspa, lava a panela. E assim pode ir brincar. Ritual diário das férias da neta. Prata da casa, bibelôs, cristaleira, as xícaras, as travessas de festa, na sala e tudo brilha. Brilha como ela, senhora do lar. Livros na estante. O rádio a cantar.

Tangerina no pé, mexerica, bergamota, espinho no pé, na mão. Sobe, escala, machuca, mas a fruta às mãos vai chegar. O perfume a magia logo chega aos dias de hoje. A fruta desponta alegria na medida certa. Cura!

Flores do jardim, perfume das gardêneas, palmas são compridas suas flores coloridas, amarelas, vermelhas e alaranjadas. Caramujos com as casinhas nas costas. A menina tira da terra, admira e coloca nas mãos casinhas transparentes, abrigo, o lar! Joaninhas pintadinhas. Broches da menina que alegria na terra tem. A menina sonha ter, casa e asas de joaninha, voar. Tesouros a terra dá.

A poltrona no alpendre, lugar sagrado do avô, chão que brilha, menina pequena e levada a seus pés quer ficar. Curiosa e corajosa a perguntar histórias de família, da longínqua Suécia, dos mares distantes, do frio, das florestas, das carroças e igrejas. Dois filhos pequenos, a moça chega abrigo de amor, tentaram.

Histórias dos personagens dos livros, figuras recortadas, letras de seu nome quer saber, brinquedos criados por ele ela quer fazer. Recortes que criam balanços que se movem, ela se encanta, ri se diverte, provoca e aprende. Rodar, balançar, passear, criar, cantar e rezar.

Quem está lá? Deitada na cama ao lado a menina, os olhos entreabertos a espiar. Sentada ao pé da cama a avó a rezar. Ora sem cessar. Momentos que parecem não terminar, a menina espera a voz tranquila e forte não se cansa de bendizer, simples oração “Sê com eles meu Senhor“, profetizar as bênçãos pedidas ao Pai por seus filhos. Pouca leitura, nada a ler ou a escrever, seu marco, seu tesouro, sua letra sem escola, tão sábia és! Tanto a ensinar a menina aprender.

Brincadeiras permitidas, o tempo não dirá, os colegas da rua estão sempre a chamar. Lá vem ela mostrar brincadeiras prediletas que pode brincar. Casas, conversas permitidas, aponta ela com clareza no olhar.

O limite, cuidado, olhar a vigiar. Brincadeiras nas calçadas, amigos, colegas, vizinhos, senhoras e senhores, explorar, conhecer, pedir, compartilhar aventuras da neta menina a avó cuida e ralha, sempre a chamar e bendizer o amor que dá.

Bicicleta, trens, obstáculos não impedem a visita à casa da avó. A menina está mocinha. Alta, magra, ousada corajosa. Companhia ela tem, e com ela atravessar Maria Fumaça saltar o atalho conquistar. Sol, chuva, barro não as impedem de saltar a casa alcançar, o café perfuma o ar, limonada na jarra, bolo de fubá, manteiga, pão de dedos, o preferido do filho bendito.

Dia de domingo! Pé de cachimbo. Cachimbo de ouro, bate no touro. O touro é valente, bate na gente. A gente é fraca, cai no buraco. Buraco é fundo, acabou-se o mundo!

Acordar cedo, a prece fazer, primeiro Deus a saudar. Roupa bonita, vestido a rodar e laço de fita nos cabelos, a mãe ensinou usar. Mão atada a do avô, vamos lindos pelo bairro, nas ruas desfilar até a igreja chegar. Culto aos domingos, escola dominical, crianças pequeninas vou vigiar e cantar. Deus louvar e Salmo 23 decorar. Disciplina de servir.

A avó canta. Sua voz firme e suave emociona, está repleta de amor, de bênçãos a cantar. Humilde ela está, diante do que somente ela vê, os hinos, o hinário, as singelas letras de louvor fazem o som vibrar. Imaginação, a magia. E a menina se põe novamente a sonhar cantos, louvores, a presença, o entusiasmo. “Deus”, diz a avó, “ali está”. E junto a ela a menina cresce, vive e sente o amor que permanece. Ensina os filhos e os netos, templos hoje são seus lugares de silêncio, de encontro com divino que ali está, fácil de acessar a casa interna, o seu lugar.

Dia de domingo, o pai a menina vêm buscar. Tantas aventuras das férias a contar antes da casa a menina retornar.

Vem, pai! Vem ver o que juntas fizemos! Vem, corra aqui a escutar. Ainda vamos à feira de domingo antes de voltar.

Padaria no caminho, ainda vamos passar. O pão sovado de dedos, o preferido, vamos comprar. O filho agradecer. Depois o café na mesa pequena, perfumada pela toalha, vamos tomar e conversar. Dia de domingo. Dia de aventuras pelas ruas do bairro vou contar.

Para a avó quero escrever estas linhas de amor e gratidão e deixar aos amados filhos e netos. E possa permitir, nosso amado Deus, bisnetos levando assim de geração a geração, o que com ela aprendi.

Alma perfumada tem a minha avó Sebastiana. Traz consigo o

perfume das flores, o canto dos pássaros, o branco da paz, o azul do amor ao próximo, o verde das árvores nas florestas, o vermelho do amor dedicado ao esposo, o rosa a bendizer aos filhos, netos e bisnetos.

Tudo assim bem resumido no veredito final da Manuela, minha neta:

– Eu e minha vó gostamos de magia e cozinha, e é isso! Tchau!



---

**Tânia** Veiga Hjertquist é Psicóloga Clínica e Bióloga. Denomina-se curiosa e apaixonada por leitura desde pequena. Contemplação tornou-se uma prática constante no seu viver. Mãe amorosa e orgulhosa de quatro filhos (cinco gestações), esposa e avó que semeia amor.



# VALDECY Chaves Pinto



## A lógica da criação

A vida é o bem mais precioso dado pelo Criador e ele caprichou na criatura humana. De geração em geração tem nos dado privilégios extraordinários: livre arbítrio, inteligência, discernimento, proteção, segurança, paz e tantos outros atributos inerentes ao seu imensurável poder, além de nos permitir viver em comunhão e harmonia com seu Eterno Reino. Tudo nos dá o Senhor e nesse contexto Deus me gerou numa família humilde de Santa Rita de Cássia, interior da Bahia, onde tive uma infância boa. Nessa época já tinha uma pequena noção do amor que temos pelos filhos dos nossos filhos, ao conviver com minha vó, D. Eva. Nada comparado à maravilhosa sensação de viver no corpo e na alma a gigantesca alegria do nascimento de uma nova geração a partir de você. Sim. Doar momentos da vida em prol de nossos netos enche o nosso ser de prazer.

Tenho boas recordações da vó Eva. Apesar de seu modo de criação rígido, próprio da época, não deixava de demonstrar seu carinho, ternura e afeição tanto por mim, quanto por meus quatro irmãos e outros tantos primos que ajudou a criar, ao longo de seus 99 anos de existência.

Já os meus pais, João e Elizabeth, foram de vital importância na criação de seus netos Marla (1977), Alisson (1982) e Alex (1984), pois o trabalho consumia boa parte do meu tempo de funcionária pública e do meu marido (militar). A vó Beth acumulava, também, as funções de pai, mãe, babá e educadora, sempre com o melhor de seus conhecimentos,

fundamentados na doutrina Cristã, formação religiosa de meu pai desde os tempos de Santa Rita de Cássia. Desta forma não faltou carinho, alegria, dedicação e muito amor em nossa formação...

Seguindo a lógica da criação, na vigência do primeiro exercício da paternidade/maternidade, a gente vislumbra a formação, o emprego e o casamento dos filhos e se há um atropelo nesse trâmite é inevitável certa decepção na vida do casal, mas nada que supere a felicidade de saber que uma nova geração está a caminho. Foi da união precoce do Sérgio com a Marla, aos 18 anos, que o Nosso Criador nos honrou com a vinda do Filipe (cara do pai), em 1997, no Hospital Brasília. Deus não só deu a vida, as condições vieram juntas.

A gente morava num pequeno apartamento na cidade satélite do Gama e com a notícia da chegada do primeiro rebento da terceira geração entramos na fila da moradia funcional a fim de ceder o que morávamos para a nova família. O Senhor nos concedeu bênçãos em tudo! Mudamos para a residência da Marinha na Asa Norte, a família Tamanini tomou posse de seu lar e o Filipe foi logo impondo sua importância, servindo de estímulo aos pais na busca de prosperidade para aquela família. O Sérgio e a Marla foram inseridos no mercado de trabalho e lutaram muito para dar uma vida digna ao seu filho. E o bebê logo cedo se viu frequentando o jardim de infância do Objetivo Júnior. Um fato curioso dessa época era a precária condição do carro em que o avô levava o neto para escola, um Escort 1989, chamado de “Vela Suja”. O neto levado só queria ir deitado no banco traseiro e quando perguntado sobre o porquê, dizia que não gostaria de ser visto pelos colegas naquele carro velho! E assim ele concluiu o Ensino Fundamental.

Em 2002, Deus nos brindou com o nascimento do Pedro, motivo de alegria duplicada, tanto pelos pais, quanto pelo irmão que o desejava tanto. Essa declaração de amor foi dada em viva voz pelo próprio Filipe, num momento de desavença em suas vidas de crianças. Ele falou: “pedi aos meus pais um irmãozinho para brincar e não para brigar!” Mas até a adolescência um queria ser melhor que o outro, quer na sabedoria, nas brincadeiras, quer na nossa atenção. Todavia, o que os dois mais gostavam era bater bola com o avô, para no final elegerem o peladeiro mais “pereba” da família e o velho sempre era o pior.

Já a caçula Débora deu o ar de sua graça em 2005. A exemplo dos irmãos, com sua beleza exuberante, veio como “fecha raia” da família Tamanini. Inicialmente, um susto danado, logo nos primeiros dias

de vida. Pegou coqueluche, o que colocou à prova a nossa fé no Deus Soberano com muitos joelhos dobrados e clamor. Mas valeu a pena! O Senhor nos ouviu e hoje a nossa caçula nos brinda com sua graça, saúde física e espiritual.

O Pedro e a Débora sempre estudaram nas mesmas escolas, desde a creche até o fim do terceiro grau. Durante esse período os avós os levavam e buscavam. Na 5ª série do Ensino Fundamental, colocaram outro apelido no carro: van escolar do tio “Ai, minha coluna está doendo”, uma referência aos sintomas da idade chegando no avô.

Tenho saudade desse tempo bom de muito trabalho, diversão e carinho, que passou rápido demais. Hoje eles estão crescendo e tomando seus rumos na vida. Nos vemos constantemente, mas eles têm seus afazeres: o Filipe estuda muito para se tornar médico; o Pedro trabalha e estuda Direito; e a Débora faz bijuterias e outras artes e atua como empreendedora virtual, além de “queimar fósforo” para ascensão ao ensino superior.

Todavia a saudade é substituída pelo prazer de vê-los lutando para realização dos seus sonhos, quer na vida profissional, quer em suas amizades, quer em seus relacionamentos sentimentais e em todas as atividades da vida com o objetivo de serem bem-sucedidos. Somente assim poderão premiar o Sérgio e a Marla com a maravilhosa sensação de serem felizes como avós no futuro.

Em 2011, meu filho Alisson e a nora Fernanda nos presentearam com o Lucas, parecendo ter o mesmo DNA dos primos nas virtudes: sábio, humilde, alegre e solidário. Aos 2 anos a gente ficava impressionado com sua capacidade de identificar os nomes dos carros que passavam à sua frente. Certa vez, íamos levá-los à escola, que fica relativamente perto da nossa residência, e lhe dissemos que iria andar de ônibus pela primeira vez. Ele respondeu que não. “Eu já andei de ônibus com a minha mãe lá em Londres.” Vale apenas ressaltar seu maravilhoso relacionamento com o João Paulo, que também é uma criança cheia de virtudes, sempre nos dando a satisfação de tê-lo como sobrinho/neto.

Tão lindo quanto os demais, o Benjamin é filho de Alex com a nora Hadassah. Nasceu em 2019. E o tipo da criança super alegre, interage com tudo e sabe fazer amizade. Onde chega há bagunça, não fica um minuto sem brincar, tem energia pra dar e vender. Nunca dispensa uma companhia, seja com criança, adolescente, adulto ou idoso. Faz a alegria daqueles que estão ao seu redor. Quando vamos levá-los na escola é

impressionante sua capacidade de nos guiar pelo caminho certo, só na base do “direita”, “esquerda” e “vai reto, vô!” Ao chegarmos ele nos apresenta a quem não nos conhece, tipo: “Esta é minha vovó Val e este é o meu vovô Castro”, nos dando uma alegria incrível com suas próprias iniciativas. Outro dia, fiquei preocupada com um barulho estranho nas árvores e lhe disse: “Sai daí que vai cair um grande galho.” E ele retrucou: “Não vô, esse barulho é apenas um pica-pau.” Observando melhor vi o pássaro...

Ufa! Não parou por aí! A prole aumentou. Em 2019, outro Pedro chegou no pedaço. E em 2020, o Henrique. Vieram fazer companhia ao irmão mais velho Lucas. A pouca diferença de idade entre os dois, traz o contratempo do ciúme, mas ao mesmo tempo, a satisfação de estarem sempre juntos, cada um querendo ser mais importante que o outro. É muito gratificante visitá-los e ser recepcionados por ambos, o Pedro dizendo que vovô/vovó chegaram e o Henrique já estendendo os braços para o colo. O pior é não poder agradar aos dois ao mesmo tempo, a crise de ciúme logo se manifesta através dos gritos.

É formidável receber o dom divino da vida, se como filhos recebemos a dádiva de também sermos netos, como pais foi imprescindível a participação dos avós na criação de nossos filhos, pois o trabalho nos impedia de dedicarmos a atenção aos herdeiros. Saíamos bem cedo e só regressávamos à noite. Por isso e dessa forma foram criados com brilhantismo pelos avós, João e Elizabeth, mesmo antes de se aposentarem... Com a gente não foi diferente! Contribuímos na formação do Filipe, Pedro, Débora e Lucas. Agora, na condição de “inativos”, temos mais tempo para cuidar do Benjamim, do Pedro e do Henrique. Agradecemos ao nosso Senhor Jesus a graça de vê-los trilhando o caminho da obediência à sua palavra, felizes, portanto, com o Reino do Eterno em nossas vidas.




---

**Valdecy** Chaves Pinto, 63, anos, nasceu em Santa Rita de Cássia (BA). É funcionária pública aposentada. Trabalhou 38 anos no Serviço Público em Brasília (DF), exercendo muitas funções durante a carreira. É casada, mãe de três filhos e avó de sete netos. Afirma que a importância dos netos em sua vida é tão grande que por eles enfrentou uma grave doença e o desejo e a fé em vê-los crescer fez com que Deus a ouvisse. Razão pela qual está participando deste livro como “avó-coruja” de cada um.





Este livro foi composto nas  
fontes Avalon, Century  
Schoolbook e Open Sans, em  
papel Off White 80 g/m<sup>2</sup>  
e impresso na gráfica  
Forma Certa.

Fevereiro, 2022.  
São Paulo, Brasil.

Este livro conta com a participação  
dos seguintes autores:

Albina Escobar  
Alice Bites  
Beth Bansi  
Celia Morato Gagliardi  
Celia Wolff  
Celina de Arruda Leite Sundfeld  
Celso Joppert Gomes de Sousa  
Cida Cardoso  
Diego Liguori  
Dilza Maria Franchin  
Diva Maria Tamaro de Oliveira  
Fernando Mauro Marcilio  
Francisco Miragaia Peruzzo (Tito)  
José Carlos Pereira Costa  
Marcia Soares  
Marco Antonio Barros Teixeira  
Maria do Carmo Marini  
Maria Teresa Hellmeister Fornaciari  
Myrian Becker  
Regina Abbud  
Shirley Cupolillo  
Silvana Maria Fernandino  
Siomara Kogan  
Tânia Veiga Hjertquist  
Valdecy Chaves Pinto



## Das lágrimas às gargalhadas

Lá está você mais ou menos na metade da sua vida, quando de repente recebe um presente: um neto! Ou uma neta!

É quando você percebe que sente o mesmo amor que sentiu quando seus filhos nasceram, com uma diferença: a responsabilidade maior não é sua, mas dos pais.

Esta foi mais uma oportunidade para avós se derramarem em lágrimas ou gargalhadas: de saudades ou alegria. Esta coletânea reúne histórias de afeto de avós e avós e seus relatos carregados de emoções. Alguns moram fisicamente longe dos netos... muitos até mesmo em outros países. Mas todos moram perto do coração.

 e-Editora

Quem sabe, num caminho inverso,  
a próxima coletânea seja com histórias dos  
*Netos & Avós.*

e-Editora

ISBN: 978-65-00-38781-0

